

RICARDO MOSTARDEIRO COSTA

O SACRAMENTO DO MATRIMÔNIO: MANIFESTAÇÃO DA  
UNIÃO ESPONSAL CRISTO-IGREJA

Dissertação apresentada à Faculdade de Teologia, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Teologia, Área de Concentração em Teologia Sistemática.

Orientador: Prof. Dr. Pe. Manoel Augusto dos Santos

Porto Alegre  
2007

RICARDO MOSTARDEIRO COSTA

O SACRAMENTO DO MATRIMÔNIO: MANIFESTAÇÃO DA  
UNIÃO ESPONSAL CRISTO-IGREJA

Dissertação apresentada à Faculdade de Teologia, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Teologia, Área de Concentração em Teologia Sistemática.

Orientador: Prof. Dr. Pe. Manoel Augusto dos Santos

Aprovada em 22 de janeiro de 2007 pela Comissão Examinadora.

COMISSÃO EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Pe. Manoel Augusto dos Santos - PUCRS

---

Prof. Dr. Pe. Geraldo Luiz Borges Hackmann - PUCRS

---

Profª. Dra. Ir. Theresa Rosa Benedetto - ESTEF

## RESUMO

No primeiro capítulo do trabalho expõe-se breve exegese de diversos textos do Antigo e do Novo Testamento relativos ao tema: Cântico dos Cânticos; Salmo 44 (45); alguns textos dos profetas Isaías, Jeremias, Oséias e Ezequiel; Ef 5, 21-33 e Ap 12, 1-6; 19,5-8; 21, 1-2.9-10.

No segundo capítulo, apresenta-se o ensinamento da eclesiologia patrística acerca da sponsalidade da união entre Cristo e a Igreja. Nele, percebe-se que os Santos Padres apresentaram a Igreja como a Esposa Imaculada do Cordeiro, pela qual Ele se entregou com o fim de santificá-la.

No capítulo terceiro, apresentam-se alguns elementos da doutrina ensinada pelo Magistério Eclesiástico a respeito do matrimônio, o qual expressa de forma visível a união nupcial entre Cristo e a Igreja. Estes textos são dos Concílios de Trento e Vaticano II, do Magistério de João Paulo II e da *Deus caritas est*, de Bento XVI.

No quarto capítulo, a partir das idéias expostas nos precedentes, busca-se apresentar a realidade do matrimônio hoje como instituição, salientando sua sacramentalidade, a qual encontra sua raiz exatamente na relação esponsal entre Cristo e a Igreja. O matrimônio é um sacramento porque foi instituído por Jesus, recebeu sua eficácia pelo Seu sangue na cruz e expressa a relação esponsal Dele com a Igreja.

**PALAVRAS CHAVE: MATRIMÔNIO – CRISTO – IGREJA - SACRAMENTOS**

## SUMÁRIO

LISTA DE ABREVIATURAS.....	06
INTRODUÇÃO .....	07
<b>1 O MATRIMÔNIO E A RELAÇÃO ESPONSAL CRISTO-IGREJA NA SAGRADA ESCRITURA.....</b>	<b>11</b>
<b>1.1 No Antigo Testamento.....</b>	<b>11</b>
1.1.1 No Cântico dos Cânticos .....	12
1.1.2 No Salmo 44 .....	17
1.1.3 Na literatura profética.....	20
<b>1.2 No Novo Testamento .....</b>	<b>23</b>
1.2.1 Na encarnação e no mistério pascal de Jesus Cristo .....	24
1.2.2 Na Epístola de São Paulo aos Efésios.....	25
1.2.3 No Apocalipse de São João .....	30
<b>2 O MATRIMÔNIO E A RELAÇÃO ESPONSAL CRISTO-IGREJA NA ECLESIOLOGIA PATRÍSTICA.....</b>	<b>35</b>
<b>2.1 Segunda Carta aos Coríntios, atribuída a Clemente Romano .....</b>	<b>35</b>
<b>2.2 Orígenes.....</b>	<b>36</b>
<b>2.3 Clemente de Alexandria.....</b>	<b>38</b>
<b>2.4 Tertuliano .....</b>	<b>39</b>
<b>2.5 Novaciano .....</b>	<b>40</b>
<b>2.6 Cipriano de Cartago .....</b>	<b>41</b>
<b>2.7 Hipólito de Roma .....</b>	<b>42</b>
<b>2.8 Metódio do Olimpo.....</b>	<b>43</b>
<b>2.9 Gregório de Nissa .....</b>	<b>45</b>
<b>2.10 Agostinho de Hipona .....</b>	<b>45</b>
<b>2.11 Apônio.....</b>	<b>47</b>
<b>3 O SACRAMENTO DO MATRIMÔNIO E RELAÇÃO ESPONSAL CRISTO-IGREJA NO MAGISTÉRIO ECLESIÁSTICO.....</b>	<b>50</b>
<b>3.1 Concílio de Trento .....</b>	<b>50</b>
<b>3.2 Concílio Vaticano II .....</b>	<b>51</b>
<b>3.3 Papa João Paulo II.....</b>	<b>53</b>
3.3.1 Em algumas catequese das audiências gerais .....	53
3.3.2 <i>Mulieris dignitatem</i> .....	65
3.3.3 <i>Dominum et vivificantem</i> .....	68
3.3.4 Carta às Famílias .....	69
3.3.5 Documentos para o novo milênio .....	71
<b>3.4 Papa Bento XVI .....</b>	<b>72</b>
<b>4 A SACRAMENTALIDADE DO MATRIMÔNIO.....</b>	<b>75</b>
<b>4.1 A sacramentalidade do matrimônio cristão .....</b>	<b>75</b>
<b>4.2 A sacramentalidade do matrimônio no CIC de 1983 .....</b>	<b>88</b>
<b>4.3 A sacramentalidade do matrimônio em alguns textos litúrgicos .....</b>	<b>94</b>
4.3.1 Ritual do Matrimônio.....	95
4.3.2 Ritual de Bênçãos .....	96
<b>4.4 Alguns aspectos pastorais relativos à sacramentalidade do matrimônio .....</b>	<b>97</b>
4.4.1 As uniões “para experiência” .....	98
4.4.2 As chamadas “uniões de fato” ou “uniões livres” .....	99
4.4.3 Os católicos divorciados e recasados civilmente .....	100
4.4.4 Os católicos unidos apenas pelo matrimônio civil.....	102
4.4.5 Os cuidados pastorais necessários à boa preparação do matrimônio.....	103

<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>107</b>
<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>111</b>

## LISTA DE ABREVIATURAS

CEC – Catecismo da Igreja Católica

CIC – Código de Direito Canônico

DH – Heinrich Denzinger & Peter Hünermann. O Magistério da Igreja. *Enchiridion Symbolorum Definitionum et Declarationum de Rebus Fidei et Morum*.

GS – *Gaudium et spes*. Constituição Pastoral do Concílio Vaticano II sobre a Igreja

LG – *Lumen gentium*. Constituição Dogmática do Concílio Vaticano II sobre a Igreja

PG – *Patrologia Cursus Completus, Series Graeca*, de J.P. Migne

PL – *Patrologia Cursus Completus, Series Latina*, de J.P. Migne

SCh – Sources Chrétiennes

## INTRODUÇÃO

A natureza sacramental do Matrimônio pode encontrar seus fundamentos na sacramentalidade da Igreja. O Verbo encarnado é sacramento do Pai; a Igreja, sacramento do Filho. Do lado de Cristo aberto pela lança jorraram sangue e água, símbolos da eficácia dos sacramentos que Ele instituiu.<sup>1</sup>

Tendo desejado fundar a Igreja, Cristo igualmente desejou os sacramentos. Eles foram instituídos para que atuem nos momentos fundamentais da vida humana, levando aos que os recebem a salvação que Jesus operou e que hoje se realiza por meio do grande sacramento que é a Igreja.

Se Cristo quis a Igreja, quis também sua realização nas situações humanas fundamentais. Os sacramentos são a linguagem da salvação de Cristo, presente e atuante no grande sacramento que é a Igreja. Cristo instituiu, pois, os sacramentos, instituindo a Igreja. Assim, devem ser aceitos como instituídos por Jesus Cristo, enquanto estão implicitamente no próprio ato da instituição da Igreja.<sup>2</sup>

Os sacramentos têm uma fundamentação cristológica. Isto se torna claro ao considerar-se que em Jesus, Deus se fez homem verdadeiro, igual a nós em tudo, exceto no pecado (Cf. Hb 4,13). Por sua encarnação, o Filho assumiu a condição humana para transformá-la, elevá-la, santificá-la, dando-lhe uma qualidade totalmente nova.<sup>3</sup>

Assim, de forma semelhante, os sacramentos são também dotados de uma fundamentação eclesiológica visto que, a salvação que o Senhor veio trazer continua a ser realizada por ela, guiada pelo Espírito Santo. É isto que Concílio Ecumênico Vaticano II afirma em suas duas constituições sobre a Igreja.<sup>4</sup>

Dentre os sete sacramentos da Igreja Católica, fruto de sua sacramentalidade, neste trabalho de pesquisa escolheu-se abordar o Sacramento do Matrimônio. Particularmente pretende-se apresentá-lo enquanto manifestação da união sponsal existente entre Cristo e a Igreja. Tal aspecto será tratado tendo como texto de inspiração o escrito de Paulo contido em Ef 5, 21-33. Para tal, expor-se-á o tema seguindo a linha cronológica da Revelação divina, isto é, começando com a relação Iahweh-Israel no Antigo Testamento, passando para a união

---

<sup>1</sup> DH 1601.

<sup>2</sup> ZILLES, Urbano. *Os Sacramentos da Igreja Católica*. 2ª ed. Porto Alegre: EDPUCRS, 2001, p.30.

<sup>3</sup> *Ibidem*, p.40.

<sup>4</sup> LG, 3-4 e GS, 40.

Cristo Igreja e culminando com as núpcias do Cordeiro com a Nova Jerusalém, conforme apresentado no Apocalipse.

Destarte, no primeiro capítulo aborda-se a questão da esponsalidade entre Deus e o povo na Sagrada Escritura. Inicialmente, expõe-se a respeito união esponsal entre Iahweh e o seu povo eleito do Antigo Testamento como paradigma do Sacramento do Matrimônio.

Num primeiro momento, se apresentará a revelação divina a partir da obra sapiencial do Cântico dos Cânticos. Nesta, os personagens principais, que são o “amado” e a “amada”, podem ser identificados com Iahweh e Israel no Antigo Testamento. Igualmente, podem representar uma antecipação das figuras de Cristo e da Igreja, enquanto esposo e esposa no Novo Testamento.

Depois, passam-se a estudar o Salmo 44 (45), que canta a união esponsal de Deus com o seu Povo através de um poema que celebra as núpcias de um rei e as passagens dos livros proféticos que falam da união esponsal de Deus com o povo, especificamente Oséias 2, Jeremias 3 e Ezequiel 16.

Passando para a Revelação contida no Novo Testamento, apresentam-se dois momentos fundamentais da vida de Cristo relacionados com a sua união com a Igreja: A Encarnação do Verbo, na qual ocorre a efetiva união da divindade com a humanidade na Pessoa de Jesus Cristo e o seu mistério pascal de paixão, morte e ressurreição, através do qual ele santifica sua Esposa amada.

No epistolário paulino encontra-se a razão fundamental e o texto principal que motivou a realização deste pesquisa. Este texto está contido em Ef 5, 21-33, passagem na qual o apóstolo apresenta, de forma explícita, as relações entre marido e esposa a partir do modelo de união vivido por Cristo e a Igreja nas suas relações nupciais.

Nesta passagem, Paulo expõe as normas pelas quais devem ser regidas as relações dentro de uma casa, de uma família. Ao contrario do Direito Romano, no qual a esposa, os filhos, os escravos e todos os que moravam na casa deviam submeter-se a autoridade do pai de família, Paulo começa pregando a unidade entre todos, com mútua submissão, não deixando de exortar o marido a amar a sua esposa como Cristo fez com a Igreja para santificá-la.

Passando para a terceira parte do capítulo inicial, apresenta-se passagens dos capítulos 12, 19 e 21 do Apocalipse de São João. No capítulo 12, 1-6, João apresenta a visão da mulher resplendente de glória e que dá à luz um filho para governar as nações. Na passagem de Ap 19, 5-8 João também menciona mais uma vez a mulher, agora já apresentada como a esposa que está preparada para receber o Cordeiro, seu esposo. É em Ap 19, 7 que se



menciona das núpcias do Cordeiro. Nele, a imagem esponsal aparece de forma repentina, antecipando o que será mostrado no capítulo 21.

No capítulo 21 de Apocalipse, encontraremos mais duas menções à Igreja, a qual agora não mais é criticada pelas falhas de seus membros, como fora nas cartas às sete Igrejas (Ap 2,1 – 3,22), nem como a Mãe que precisa fugir do dragão (Ap 12, 1-6). Pelo contrário, aqui a Igreja é apresentada com toda a glória que recebe de seu Esposo divino.

No segundo capítulo da dissertação, apresenta-se a reflexão de alguns Santos Padres acerca do tema de pesquisa. Os padres citados foram escolhidos em razão da importância que dão ao tema em seus escritos eclesiológicos, quais sejam: Clemente Romano, Orígenes, Clemente de Alexandria, Tertuliano, Novaciano, Cipriano de Cartago, Hipólito de Roma, Metódio do Olimpo, Gregório de Nissa, Agostinho de Hipona e Apônio.

Nesses padres, encontram-se diversos elementos teológicos acerca da Igreja, tais como: que ela existiu desde antes da criação; que na criação, o homem representa Cristo e a mulher, a Igreja; que a Igreja nasce da carne de Cristo como Eva foi tirada de Adão. Igualmente apresentam a Igreja como diversos títulos, tais como: noiva, esposa, mãe, virgem, pomba, imaculada e perfeita.

Passando-se ao terceiro capítulo, encontra-se a doutrina exposta pelo Magistério Eclesiástico acerca do tema da Igreja enquanto Esposa de Cristo. Começa-se a exposição a partir do Concílio de Trento, em seu Decreto sobre os Sacramentos, no qual os padres conciliares afirmam que, por sua morte de cruz, Cristo santificou a sua Esposa, a Igreja.

A seguir, passa-se ao Concílio Vaticano II, nas Constituições sobre a Igreja, afirmando que, em razão do matrimônio ser uma instituição divina, não pode uma autoridade humana mudar as suas características essenciais.

Depois apresentasse o longo magistério de João Paulo II, o qual deu muita importância ao Sacramento do Matrimônio ao longo de todo seu pontificado. Deste pontífice apresentam-se os seguintes escritos: algumas catequeses das audiências gerais das quartas-feiras, tanto quanto do tema sacramental como do tema eclesiológico; *Mulieris dignitatem*, *Dominum et vivificantem*, *Carta às Famílias* e documentos para o Novo Milênio (Bula Pontifícia *Incarnationis mysterium* e Carta Apostólica *Novo millennio ineunte*).

Por fim, encerra-se o terceiro capítulo apresentando a Carta Encíclica *Deus caritas est*, do papa Bento XVI, o qual ensina que Deus ama ao seres humanos com um amor detentor das características de unidade e indissolubilidade; destarte, sendo o homem a imagem e a semelhança de Deus, o amor entre os esposos deve estar revestido das mesmas características.

No quarto capítulo serão apresentados alguns aspectos teológicos, canônicos, litúrgicos e pastorais relativos à sacramentalidade do matrimônio. Com relação aos aspectos teológicos, se mostrará que o matrimônio encontra sua raiz sacramental exatamente no fato de ser uma manifestação da relação esponsal entre Cristo e a Igreja.

Na parte relativa ao direito canônico, se exporá a expressão jurídica da sacramentalidade do matrimônio, com suas propriedades essenciais (unidade e indissolubilidade) e com os seus dois fins (união do casal e geração e educação da prole). Isto será feito, especialmente, pela interpretação dos cânones 1055 a 1057 do CIC de 1983.

Nos aspectos litúrgicos, se salientará a sacramentalidade do matrimônio presente nos livros litúrgicos relativos a este sacramento, quais sejam, o Ritual do Matrimônio, o Ritual de Bênçãos e o Missal Romano. Nestes livros, encontram-se diversas referências ao matrimônio como símbolo e realização da esponsalidade Cristo-Igreja.

Por fim, ao se tratar dos aspectos pastorais, serão apresentadas as quatro situações genéricas de uniões de casais diversas do matrimônio cristão, conforme a Exortação Apostólica *Familiaris consortio*. Depois, se tratará da preparação adequada para o matrimônio como meio de gerar um casal e uma família estáveis e de acordo com os ensinamentos de Cristo e da Igreja.

## **1 A RELAÇÃO ESPONSAL CRISTO-IGREJA E O MATRIMÔNIO NA SAGRADA ESCRITURA**

A Sagrada Escritura aborda a questão da união entre Deus e o homem como união esponsal. O mistério primordial desta união é a criação do homem e da mulher, formados de corpo e alma, que já unem em si o humano e o divino, o material e espiritual.

Neste primeiro capítulo, pois, apresentar-se-á a união de Iahweh com o seu Povo Eleito do Antigo Testamento. Seguir-se-á o que apresentam o Cântico dos Cânticos, o Salmo 45 (44) e os profetas Isaías, Jeremias, Oséias e Ezequiel em relação à aliança entre Yahweh e Israel como antecipação e preparação da “nova e eterna aliança” esponsal entre Cristo e a Igreja.

Posteriormente, já à luz no Novo Testamento, se tratará da união nupcial de Cristo com a Igreja a partir dos evangelhos, do texto inspirador desta dissertação, ou seja, Ef 5, 21-33, bem como nos textos de Apocalipse 12, 19 e 21.

A Sagrada Escritura aborda a questão da união entre Deus e o homem como união esponsal. O mistério primordial desta união é a criação do homem e da mulher, formados de corpo e alma, que já unem em si o humano e o divino, o material e espiritual.

Neste primeiro capítulo, pois, apresentar-se-á a união de Iahweh com o seu Povo Eleito do Antigo Testamento. Seguir-se-á o que apresentam o Cântico dos Cânticos, o Salmo 45 (44) e os profetas Isaías, Jeremias, Oséias e Ezequiel em relação à aliança entre Yahweh e Israel como antecipação e preparação da “nova e eterna aliança” esponsal entre Cristo e a Igreja.

Posteriormente, já à luz no Novo Testamento, se tratará da união nupcial de Cristo com a Igreja a partir dos evangelhos, do texto inspirador desta dissertação, ou seja, Ef 5, 21-33, bem como nos textos de Apocalipse 12, 19 e 21.

### **1.1 No Antigo Testamento**

Deus, cuja essência é o amor, cria o ser humano para amá-lo e transmite a ele este amor que é criador, gerador e doador de si mesmo, comunicando sua vida divina à sua criatura predileta e estabelecendo com ela uma aliança de amor esponsal. Como criador, Deus é também esposo. Cria homem e mulher à sua imagem e semelhança, visto que esposo e esposa devem ser semelhantes para que possam compartilhar sua vida.

De igual forma, a união do primeiro casal humano, Adão e Eva, prefigura e apresenta de forma ainda velada o mistério da aliança de amor de Cristo com a Igreja. Assim,

o que já o Livro do Gênesis anuncia profeticamente, falando do paraíso terrestre, se realiza em sentido pleno na Pessoa de Jesus Cristo, no seu Reino e paraíso eternos.<sup>5</sup>

Contudo, o pecado, como mistério da iniquidade, provoca o rompimento da primitiva aliança humano-divina. Conseqüentemente, o mistério desta união, presente em cada pessoa humana em si mesma, bem como na união do homem com a mulher, separa-se do mistério da união de Deus com a humanidade, sem, contudo, perder sua orientação ao mistério de Cristo.<sup>6</sup>

Diante da infidelidade do homem à sua aliança com Deus, ele se vê escravo de si mesmo, escravo do seu pecado e de todo o mal. Por outro lado, o Criador mantém sua promessa de fidelidade. Em seus planos, muitas vezes não compreensíveis ao ser humano, Deus deseja sempre fazer com que o ser humano seja participante de seu amor infinito.

Destarte, a partir da promessa contida no Proto-Evangelho (“Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e a dela. Esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar”, cf. Gn 3,15), a História da Salvação aparece cercada de acontecimentos que manifestam e atuam de forma eficaz, porém velada, o desígnio redentor do Pai em relação à humanidade. Neste sentido, podemos recordar, por exemplo, a história de Noé e sua família, a qual, pelas águas do dilúvio (que prefiguram o batismo) formam uma humanidade nova em uma terra nova.

Também se pode recordar a aliança feita por Deus com Abraão, inaugurando o Povo de Deus no Antigo Testamento. Abraão é chamado a ser o “pai de muitos povos” e destinatário da bênção e das promessas divinas para ele e sua descendência. O abandono de sua pátria e a busca de uma “Terra Prometida” representam a saída deste mundo para entrar no Reino de Deus. E a figura do Patriarca, por sua vez, representa a Igreja, pois ele vive da fé e da promessa de Deus.<sup>7</sup>

### 1.1.1 No Cântico dos Cânticos.

O Cântico dos Cânticos é uma pequena obra integrante da literatura sapiencial vétero-testamentária, formada apenas por oito breves capítulos.

---

<sup>5</sup> RÍO, Maria Del Pilar. *Teología nupcial del Misterio redentor de Cristo*. Roma: Apollinari Studi, 2000, p. 112-115.

<sup>6</sup> *Ibidem*.

<sup>7</sup> *Ibidem*, p. 124-125.

A Septuaginta o chama de *asma asmaton*. A Vulgata traduz como *Canticum Cantorum*, o que na língua portuguesa resulta em “Cântico dos Cânticos”. Este título tem um valor superlativo, o que faz com que o mesmo possa também ser traduzido como “O Cântico excelentíssimo” ou “O melhor dos cânticos”.

Sua autoria era tradicionalmente atribuída ao Rei Salomão, em razão da menção do nome do grande Rei de Jerusalém. Contudo, a expressão que lhe confere a paternidade real (*lislomoh*) pode de interpretada de formas bastante diversas, tais como “escrito por Salomão”, “de Salomão”, “no estilo em que Salomão escrevia”, “referente a Salomão” ou até “em honra de Salomão”.

A obra foi escrita em hebraico e o seu texto está muito bem conservado. Seus poemas foram bastante recitados após a escrita, o que justificaria a presença de diversas interpretações.

Apesar de não existirem indícios acerca do período em que esta obra foi escrita, ela pode ser considerada como pertencente ao período em torno do ano 500 a.C, tendo em vista a apreciação de critérios da história e da lingüística,

Esses elementos lingüísticos são característicos da língua hebraica do período pós-exílico. Para fixar com mais precisão a época de composição do livro, situamos seus temas no contexto histórico, relacionando-os com a temática tratada em outros livros. Ora, em dois livros proféticos (Ag e Zc) que datam de 520 a.C., há vaticínios sobre a importante função que Zorobabel, descendente davídico, vai desempenhar como representante de Deus, na organização da comunidade de Judá, exercendo as funções reais, embora não elevado à realeza, pois a coroa, símbolo do poder real, ficará guardada no Templo de Jerusalém (Ag 2,20-23; Zc 6,12-14). As profecias sobre a reconstrução de Jerusalém prenunciam um destino glorioso da cidade, como centro religioso de Judá (Zc 1,17; 2,14-16; 8,7-8) e como sinal da eleição divina de Israel (Zc 1,16-17; 2,16; 3,2).<sup>8</sup>

Considerando os detalhes referentes à flora e a fauna, os aspectos específicos das paisagens da Palestina e o elemento apologético da população do local, acredita-se que seu autor seja um judeu nativo da terra de Judá.

Ele teria escrito esta obra com o fim de conquistar a simpatia dos judeus que voltaram do exílio em relação aos anseios dos autóctones, visando à mútua colaboração com o objetivo de promover a coesão social e a transmissão das tradições para todos os judeus, sejam os que viviam na sua pátria, seja dos expatriados.

O Cântico dos Cânticos é um texto cifrado. Para que possa ser interpretado corretamente, é preciso que se faça uso de uma correta chave hermenêutica.

---

<sup>8</sup> STADELMANN, I.L. *Cântico dos Cânticos*. São Paulo: Loyola, 1993, p. 17.

O motivo que o levou a velar o sentido sob a roupagem de cantigas de amor, epitalâmios, noturnos, poemas, bucólicos, éclogas, idílios, etc., não foi o enlevo do artista em face do inefável ou a tentativa de enveredar pelas esferas da alegoria, mas a prudência política para encobrir aos olhos das autoridades persas a promoção do nacionalismo judaico, pois poderiam suspeitar de um movimento de insurreição contra a dominação estrangeira. Ao redigir suas idéias para comunicá-las aos iniciados, ele as revestiu de imagens sugestivas que impressionam ao mesmo tempo a fantasia, a razão e os sentimentos. Da combinação do objetivo específico com a intuição e a estética resultou uma obra de exímio valor literário, na qual o poeta, ao descrever o que ele sentia e vivenciava, tornou-se porta-voz das aspirações de sua comunidade e da coesão social.<sup>9</sup>

A grande diversidade de cenários age como elemento de fundo para os diálogos dos personagens, os quais têm seus atos e palavras relacionadas com a sua função de portadores de uma mensagem. Os dados topográficos indicam as diversas regiões da Palestina.

É possível afirmar que a “Sulamita” é o personagem que encarna os judeus autóctones do território de Judá, sobre quem ele exerce a sua liderança. As “filhas de Jerusalém” podem ser imagens dos chefes dos sacerdotes. As “filhas de Sião” assumem o papel dos líderes do povo judeu que voltaram à sua terra. Salomão seria o representante da monarquia estatal e da descendência de Davi.

As “rainhas” representam os reinos vassallos da Pérsia; as esposas simbolizam as províncias persas; as “jovens”, os judeus da diáspora. A mãe de Salomão é a casa de Davi; a mãe de Sulamita representa o Israel antes do exílio.

Os personagens masculinos de caráter pessoal ou coletivo são os que representam as diversas funções dentro do povo judeu: o rei, a corte, o irmão, os filhos, os companheiros, pastores, guardas, guerreiros, amigos e administradores. O coro representaria aqueles que foram os mentores da literatura sapiencial.

A mensagem central do Cântico dos Cânticos seria a restauração da dinastia de Davi frente ao Povo de Israel, não por saudades do passado, mas para que se demonstre que a realeza seria a melhor forma de governo para a nação.

O autor formulou este tema não na linguagem poética de um romantismo intimista, mas na terminologia jurídica dos tratados políticos da Antiguidade. Uma dessas palavras é “amor”, usada como sinônimo de aliança social e política entre Estados, reis e grupos sociais, quando formalizada por acordo escrito. Por conseguinte, as expressões de amor da Sulamita por Salomão designam a aliança política entre o rei e o povo. Os gestos de apreço mútuo – beijos, abraços, recepção em casa, refeição em comum – tem significado de ritos simbólicos de aliança, como manifestação não verbal de pertença mútua.<sup>10</sup>

<sup>9</sup> STADELMANN, I.L. *Op. cit.*, p. 15.

<sup>10</sup> *Ibidem.*, p. 16.

O Cântico dos Cânticos é, assim, uma das obras do Antigo Testamento que apresenta a união esponsal entre Deus e o Povo de Israel, prefigurando, desta forma, o mesmo tipo de união que existiria na Nova Aliança entre Cristo e a Igreja.

Quem é a Igreja? A pergunta ressurgue em todas as épocas, porque existe um mistério da Igreja que se fixa, não no que seria uma realidade duvidosa, ambígua, mas no fato de que, na Igreja nossa humanidade cruza o mistério do próprio Deus. Há diversas maneiras de se aproximar deste mistério, bebendo no vocabulário bíblico e falando da Igreja como “povo”, como “vinha”, como “rebanho”, cujo pastor é Deus, ou melhor, como “esposa”. Esta última designação tem a preferência dos Padres da Igreja e daqueles que, nas suas pegadas, recorrem ao Cântico para ensinar os batizados a tomar consciência de quem são eles.<sup>11</sup>

A fé cristã professa que, em Jesus, acontece o cumprimento de todas as promessas do Antigo Testamento, as quais constituíam a esperança do povo de Israel. Dentre estas promessas, pode-se salientar a de fidelidade mútua entre Deus e o povo: “Vós sereis o meu povo e eu serei o vosso Deus”, cf. Ex 6,7. Por isso, a Igreja, o Povo de Deus no Novo Testamento, aplica para a sua relação com seu Senhor, Jesus Cristo, o que vem apresentado no Cântico dos Cânticos.

O amado é identificado com Cristo, ao passo que a amada é a figura da Igreja, seja ela compreendida de forma coletiva ou individual. Por todo o período dos Santos Padres e até além, este livro será lido tendo em conta esta visão da união esponsal entre Cristo e a Igreja, o que gerou uma grande quantidade de comentários.

Justamente pela meditação do Cântico, os Padres desvelam toda a riqueza de significado contido na expressão de São Paulo chamando a Igreja de Corpo de Cristo, com aquele realismo espiritual presente de modo especial na Epístola aos Efésios. Da mesma forma como o homem e a mulher estão unidos numa só carne, assim também Cristo e a Igreja, pois “Ele se entregou por ela para santificá-la, purificando-a com o banho da água e da palavra; de fato, Cristo queria apresentá-la a si mesmo toda gloriosa, sem mancha nem ruga, ou coisa semelhante, mas santa e irrepreensível” (Ef 5,25-27).<sup>12</sup>

Inclusive, pode-se afirmar que, desde a encarnação do Verbo, já se dá esta união esponsal entre Ele e a sua amada Igreja. Esta união se inicia no momento em que o Verbo de Deus assume a carne humana por obra do Espírito Santo, fazendo com que Maria Santíssima conceba virginalmente.

---

<sup>11</sup> STADELMANN, I.L. *Op. cit.*, p. 17.

<sup>12</sup> *Ibidem.*

A encarnação é de veras um mistério nupcial. Ouçamos São Bernardo em um de seus sermões para a vigília do Natal, onde, sem ser citado textualmente, o *Cântico* aflora em cada linha: “A Igreja, estimulada pelo sentimento e pelo espírito do esposo, seu Deus, mantém seu amado repousando em seu seio, enquanto ela mesma possui e conserva para sempre o primeiro lugar no coração dele. É que ela atingiu o coração do esposo e mergulhou seu olhar contemplativo até as profundezas do abismo dos segredos divinos. Ele e ela estabelecem para sempre sua eterna morada um no coração do outro”.<sup>13</sup>

A partir desta profunda e permanente união esponsal existente entre o Cristo, o amado e a Igreja, a amada, se pode facilmente perceber a incoerência existente naqueles que pretendem afirmar que aceitam a Cristo, mas não aceitam a Igreja, que quer pertencer a Cristo, mas não quer pertencer à sua amada Igreja.

É evidente que resultado decisivo esta maneira de conhecer a Igreja pode provocar. Se a Igreja é uma com Cristo, tal qual o esposo e a esposa do *Cântico* seria absurdo declarar que se pertence a Cristo, mas não à Igreja! Santo Agostinho chama a atenção dos que seriam tentados a enveredar por este caminho, lembrando que “o amor não se divide”. No entanto, se a Igreja – antes de qualquer definição que se lhe possa dar – é aquela que Cristo ama, nem por isso deve ser tida como uma realidade espiritual ideal, distanciada de nossa experiência, um como que modelo remoto de que a sociedade eclesial de hoje seria apenas pálido reflexo.<sup>14</sup>

De igual forma, não seria possível afirmar que se ama a Cristo, que se quer pertencer a Cristo, mas não se ama ou não se quer pertencer a Igreja, pois ela é composta de pessoas pecadoras, que maculam a comunhão entre a Igreja e o Senhor.

Esta amada é formada de batizados, isto é, de pecadores que Deus chama das trevas para a luz ao longo de suas vidas e através da história atual. Assim, a Igreja é, ao mesmo tempo, santa e pecadora, mas é amada pelo esposo a despeito do seu pecado: ela é amada com um amor destinado precisamente a transformar sua fealdade em formosura. Novamente o *Cântico* oferece as palavras que permitem exprimir esta realidade essencial. O versículo em que a amada declara: “Sou morena, mas formosa, ó filhas de Jerusalém” (1,5) é lido, relido e incansavelmente comentado como a privilegiada expressão dessa realidade contraditória.<sup>15</sup>

A instrução dos catecúmenos acerca da vida sacramental da Igreja pode ser realizada levando-se em consideração a luz que nos é apresentada no *Cântico dos Cânticos*.

É digno de nota que essa compreensão da Igreja iluminada pelo *Cântico* seja expressa nos primeiros séculos através das homilias destinadas a todo povo cristão. A Igreja toda, do mais humilde ao mais destacado, é convidada a se reconhecer na amada do *Cântico*, porque é a própria vida cristã que se atinge como realidade nupcial. Os sacramentos, de modo muito especial, realizam a união de que nos fala nosso texto. Além disso, o convite de Ct 5,1: “Comei e bebei companheiros”, pode

<sup>13</sup> PELLETIER, Anne Marie. *O Cântico dos Cânticos*. São Paulo: Paulus, 1995, p. 56 – 57.

<sup>14</sup> *Ibidem*, p. 57

<sup>15</sup> *Ibidem*.



ser a imagem da iniciação cristã. É por isso que a catequese habitual não hesita em apoiar-se no diálogo do amado e da amada. A catequese instrui o catecúmeno sobre a história sagrada, comentando o *Cântico*: ensina-lhe, igualmente, a se assumir como esposa de Cristo a que se dirigem as palavras do amado; mostra-lhe como guardar as disposições de coração da esposa para poder, por sua vez, pronunciar as palavras da amada. Eis as razões porque as catequeses batismais faziam abundantes alusões ao *Cântico*, quando instruíam os catecúmenos sobre o sentido dos sacramentos da iniciação que iam receber.<sup>16</sup>

No processo do catecumenato acerca da história sagrada, o *Cântico dos Cânticos* serve para ensinar aos catecúmenos que devem se comportar em relação a Cristo como a esposa, a amada a qual se dirigem as palavras do seu amado.

A catequese instrui o catecúmeno sobre a história sagrada, comentando a *Cântico*; ensina-lhe, igualmente, a se assumir como esposa de Cristo a quem se dirigem as Palavras do amado; mostra-lhe como guardar as disposições de coração da esposa para poder, por sua vez, pronunciar as palavras da amada. Eis as razões porque as catequeses batismais faziam abundantes alusões ao *Cântico*, quando instruíam os catecúmenos sobre o sentido dos sacramentos da iniciação que iam receber.<sup>17</sup>

Esta presença do *Cântico dos Cânticos* nas catequeses batismais era tão marcante que, quando adentravam ao batistério, os catecúmenos recordavam palavras da amada do *Cântico*, as quais eles associavam a este momento. Tanto é assim que, nos primeiros séculos da Igreja, vemos associarem a entrada solene no batistério às palavras da amada: “leva-me, ó rei, aos teus aposentos” (Ct 1,4).<sup>18</sup>

De forma semelhante, associava-se o gesto ritual do despojamento das vestes, que o catecúmeno fazia no batistério, com outro versículo do *Cântico*: “Já despi minha túnica, meu amado, e vou vesti-la de novo?” (Ct 5,3).

### 1.1.2 O Salmo 44

Ainda dentro da literatura sapiencial do Antigo Testamento, podemos citar o Salmo 44 (45) como um poema que canta a união esponsal de Deus com o seu Povo, prefigurando a união esponsal entre Cristo e a Igreja.

#### Salmo 44

<sup>2</sup> Meu coração transborda num belo poema,  
eu dedico a minha obra a um rei,  
minha língua é pena de escriba habilidoso

<sup>3</sup> És o mais belo dos filhos dos homens,  
a graça escorre dos teus lábios,

<sup>16</sup> PELLETIER, Anne Marie, *Op. cit.*, p. 59.

<sup>17</sup> *Ibidem.*

<sup>18</sup> *Ibidem.*

porque Deus te abençoou para sempre.

<sup>4</sup> Cinge a tua espada sobre a coxa, ó valente,  
com majestade e esplendor; <sup>5</sup> vai, cavalga  
pela causa da verdade, da pobreza e da justiça.

Tendes a corda do arco, tornando terrível a tua direita!  
<sup>6</sup> Tuas flechas são agudas, os povos submetem-se a ti,  
os inimigos do rei perdem a coragem.

<sup>7</sup> Teu trono é de Deus, para sempre e eternamente  
O cetro do teu reino é cetro de retidão!  
<sup>8</sup> Amas a justiça e odeias a impiedade.

Eis porque Deus, o teu Deus, te ungiu,  
com o óleo da alegria, como a nenhum dos teus companheiros;  
<sup>9</sup> mirra e aloés perfumam tuas vestes.

Nos palácios de marfim, o som das cordas te alegra.  
<sup>10</sup> Entre tuas amadas estão as filhas do rei;  
à tua direita uma dama, ornada com ouro de Ofir.

<sup>11</sup> Ouve, ó filha, vê e inclina teu ouvido:  
Esquece o teu povo e a casa do teu pai,  
<sup>12</sup> que o rei se apaixone por tua beleza:  
prostra-te à sua frente, pois ele é o teu senhor!  
<sup>13</sup> A filha de tiro alegrará teu rosto com seus presentes,  
E os povos mais ricos <sup>14</sup> com muitas jóias cravejadas de ouro.

Vestida <sup>15</sup> com brocados, a filha do rei é levada  
Para dentro, até o rei, com séqüito de virgens.  
Introduzem as companheiras a ela destinadas  
<sup>16</sup> e com júbilo e alegria elas entram no palácio do rei,  
<sup>17</sup> Em lugar de teus pais virão teus filhos,  
E os farás príncipes sobre a terra toda.

Comemorarei teu nome de geração em geração,  
E os povos te louvarão para sempre e eternamente.

O salmo 44 é um canto dedicado a um rei no dia de seu casamento. O salmista apresenta uma figura real ou ideal de um soberano, a esposa que é escolhida entre várias, a rainha mãe e um séqüito de moças que acompanham a noiva. Ele apresenta muitos pontos de contato com o Cântico dos Cânticos, seja quanto ao tema, seja quanto aos verbos utilizados. Todavia, o ponto de vista entre um e outro é diverso.

O salmo 45 é o único exemplo de lirismo profano no saltério. É um cântico em homenagem a um jovem rei e sua esposa, uma princesa de Tiro (v.13). Foi composto e apresentado por um cantor da corte para o casamento do soberano. Presumivelmente foi dedicado a um rei do Reino do Norte, conforme também sugerem certas particularidades lingüísticas. Não é possível determinar quem foi este rei (...). Nascido da alegre animação da festa e visando engrandecer o brilho da solenidade, este cântico artístico traz a inegável marca do exagerado estilo da corte, como a dos pomposos cânticos em que os reis do antigo oriente mandavam eternizar a sua fama pelas mãos dos artistas. Por isso é recomendável interpretar o poema, que reúne, por assim dizer, num *único* ramalhete multicolor aspectos e pensamentos da

feita, como uma espécie de descrição do desenrolar das solenidades e mas ainda pretender determinar a partir do próprio poema o lugar e o momento de sua apresentação no contexto da festa.<sup>19</sup>

O poema está emoldurado entre os versículos 2 e 18, no qual o salmista apresenta a sua missão. Sua composição está dividida em duas partes diversas e complementares. Na primeira parte (versículos 3-8), fala-se do rei em suas variadas atividades e funções. Na segunda (versículos 9-16), descreve-se em curtos rasgos a festa do casamento, concluindo-se com o os votos pelo rei.

Apresenta uma característica comum entre os dois personagens principais, isto é, o rei e sua noiva. E esta característica é a beleza, conforme aparece nos versículos 3 e 12.

Loa ao rei. Duas qualidades naturais realçam sua figura: beleza corporal e falar atraente. Três objetos simbolizam suas funções: na ordem do salmo, a espada como símbolo do exercício militar, o trono como símbolo da monarquia, o cetro como símbolo da administração da justiça. Vem em primeiro lugar a atividade militar, que ocupa extensão desproporcional. A ele pertencem a espada gloriosa, as flechas agudas, o cavalgar, as proezas e vitórias. No meio, o trono, que tem algo de divino, ou porque é concessão de Deus à dinastia (davídica) ou pela prometida “perpetuidade” dinástica. Por fim, o cetro “direito”, garantia da justiça civil.<sup>20</sup>

Alguns autores afirmam que é possível dar um sentido messiânico a este salmo, associando-o, então, a Cristo na sua relação com a Igreja. Mas esta posição não é pacífica. Pode-se condensar em três grupos a interpretação messiânica do salmo 45: em nenhum sentido, em sentido espiritual e em sentido literal.

Simplificando, reduzirei a três as opiniões sobre o possível sentido messiânico do salmo: em nenhum sentido (Butenweiser), em sentido espiritual (tipológico, alegórico), em sentido literal. Para ilustrar a terceira opinião, resumirei as razões de Philips (1846). O salmo não se pode aplicar a Salomão porque não foi batalhador, seus filhos não foram príncipes por toda a terra, o rei é chamado Deus e não alcançou o renome prometido no final. Muito menos se pode aplicar a outro rei dos hebreus. Somente aplicado a Cristo tem sentido. Embora o NT não sugira seu verdadeiro sentido, o salmo é tão sugestivo em seus pontos principais que qualquer investigador, humilde e sem preconceitos, haverá de ser levado irremissivelmente ao sentido pretendido pelo autor inspirado. Que o rei porte o título de Deus o prova: porque os salmos coraítas usam *l'hym* exclusivamente para a divindade, porque um trono eterno não pode ser propriedade de um rei terreno, porque em caso contrário anula-se o argumento da carta aos Hebreus, porque nunca o AT se chama Deus a rei individual da nação hebraica.<sup>21</sup>

<sup>19</sup> WEISER, Artur. *Os Salmos*. São Paulo: Paulus, 1994, p. 267.

<sup>20</sup> SCHÖKEL, Luís Alonso. CARNITI, Cecília. *Salmos I (Salmos 1-72)*. Tradução, introdução e comentário. São Paulo: Paulus, 1996, p.625-626.

<sup>21</sup> *Ibidem*, p.630.

Atualmente tem prevalecido a corrente que defende a origem do salmo relacionada a um soberano do Reino de Judá. Posteriormente, esta imagem haveria sido transferida para o Messias e, nos primórdios da Igreja ocorreu a confirmação e o desenvolvimento deste sentido messiânico, sem, contudo, excluir o seu significado literal no contexto da história do Povo de Deus do Antigo Testamento.

Agostinho de Hipona apresenta um dos mais belos e profundos comentários aos salmos em toda história, que são as suas *Enarrationes in Psalmos*.

Além de toda grandeza inigualável desta obra, poderíamos afirmar que, ao comentar o salmo em estudo, o Doutor da Graça supera a si mesmo. Ele é um dos principais intérpretes do Salmo 45 no sentido messiânico e na relação de Cristo com a Igreja.

Pois, aquele dileto foi visto por seus perseguidores, mas estes não o entenderam. Pois se o tivessem conhecido, nunca teriam crucificado o Senhor da glória (1Cor 2,8). Este conhecimento exigia outros olhos, conforme disse o próprio Senhor: “Quem me vê, vê o Pai” (Jo 14,9). Cante-o o salmo. Alegremo-nos com as núpcias, e seremos dos que a celebram, os seus convidados; e estes constituem a esposa. Pois a esposa é a Igreja e Cristo é o esposo. Costumam os poetas comporem certos poemas para os que se casam, denominados epitalâmios. Por inteiro se cantam em louvor do esposo e da esposa. Por acaso, nas núpcias, para as quais fomos convidados, não existe tálamo? Porque, então, assegura outro salmo: “Armou no sol a sua tenda e este qual esposo que sai do tálamo” (Sl 18,6)? É uma união nupcial a do Verbo e da carne; o tálamo desta união é o seio da Virgem. Portanto, a carne está unida ao Verbo; daí se dizer: “Já não são dois, mas uma só carne” (Mt 19,6; Ef 5,32). A Igreja foi assumida do gênero humano para que fosse Cabeça da Igreja a própria carne unida ao Verbo, e os fiéis fossem os membros dessa Cabeça.<sup>22</sup>

### 1.1.3 Na literatura profética

Alguns profetas também se utilizaram da imagem da relação de Deus com o seu povo como um casamento. A partir desta imagem, procuraram chamar a atenção do Povo de Deus do Antigo Testamento para fidelidade ao seu Deus, assim como a esposa deve ser fiel ao seu esposo. Estes profetas foram, especialmente, Isaías, Jeremias, Ezequiel e Oséias.

O profeta Isaías<sup>23</sup> faz referência à aliança de Yahweh com o Povo Eleito do Antigo Testamento pode ser encontrada em Is 54,5: “porque o teu esposo será teu criador, Yahweh

<sup>22</sup> AGOSTINHO, Santo. *Enarrationes in Psalmos*. São Paulo: Paulus, 1997, p. 743-744.

<sup>23</sup> O primeiro profeta a se destacar é Isaías. Sobre sua vida, sabe-se apenas o que está no seu livro. Viveu em Jeusalém e a sua atividade profética se realizou em torno dos anos 724 a 701 a.C. Era filho e Amós, foi casado e teve, pelo menos dois filhos. Tinha fácil trânsito na corte de Jerusalém provavelmente porque pertencesse a aristocracia. Grande parte de seu livro não foi composta pelo próprio Isaías, mas sim por seguidores que escreveram com base em suas lembranças. Tradicionalmente este livro é dividido em três grandes partes: Proto-Isaías (cap. 1-39), Segundo Isaías (caps. 39-55) e Terceiro Isaías (caps. 56-66). Todas as informações acerca de Isaías foram extraídas de MACKENZIE, J.L. *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulus, 1993, p. 347.

dos exércitos é seu nome”. Este versículo de encontra-se no contexto do final do Segundo Isaias, no qual o profeta anuncia a redenção e a salvação de Israel comparando-a com um novo êxodo. A um povo que vivia em uma condição muito modesta depois do exílio, ele anuncia a possibilidade de retorno à glória e a grandeza do passado, vendo a continuidade da história.

Jeremias <sup>24</sup>, por sua vez, realizou sua atividade profética em torno dos anos 627-587 a.C, ou seja, no período imediatamente anterior ao exílio da Babilônia. Ao começar sua pregação, Jeremias pretende conduzir á conversão o povo que era infiel ao seu Deus, buscando que esse povo reconheça a necessidade de arrependimento. Quer que o povo recorde e testemunhe todo o bem que Deus havia feito por Ele, especialmente quando da libertação do Egito.

Quando o profeta começa o seu ministério de pregação, tem como objetivo o de levar o povo a reconhecer a necessidade de arrependimento. Ele inicia a sua argumentação comparando a atitude do povo para com Deus quando da infância da nação, isto é, quando saía do Egito obedecendo a voz de Deus, e após a entrada na terra prometida, quando tornara-se infiel, servindo aos ídolos. (...) Jeremias convoca o povo a testemunhar sobre aquilo que Deus fizera de bom para Israel e explicar a razão que o levava a trocá-lo por outros deuses, coisa que nenhuma outra nação faria. <sup>25</sup>

Na profecia de Jeremias encontramos algumas acusações que Yahweh faz contra seu povo eleito, o qual, contrariando as expectativas divinas, é infiel à aliança de amor que tinha com Deus. Estas acusações dirigem-se aos dois reinos divididos onde habitava o Povo de Deus, ou seja, Israel e Judá. E são acusações apresentadas com palavras muito duras, tais como, leviana, vagabunda e prostituta.

“Como ousas dizer: ‘Não me profanei, não corri atrás de ídolos?’ Observa o teu caminho no vale, reconhece o que fizeste. Camela ágil que cruzas seus caminhos, jumenta selvagem, acostumada ao deserto, que no ardor de seu cio sorve o vento; quem freará a sua paixão” (Cf. Jr 2, 23-24).

---

<sup>24</sup> Já o profeta Jeremias era sacerdote da Tribo de Levi. Jeremias residia próximo a Jerusalém e percebeu as reformas que estavam sendo feitas pelo rei Josias. Neste contexto, ele escuta o chamado de Deus que o convida a ser profeta para as nações. O jovem sacerdote se sente incapaz da missão que lhe foi confiada, mas Deus promete providenciar todos os meios de que ele precisar para realizar o que lhe pediu. “O profeta é da linhagem sacerdotal; portanto, da Tribo de Levi, descendente de Aarão. Sendo assim, Jeremias também é sacerdote, além de ser profeta. (...) Jeremias mora perto de Jerusalém, distando entre 5 e 8 quilômetros, e observa as reformas que o rei Josias está iniciando. Nesta ocasião, ele ouve a voz do Senhor que o convocou para uma obra especial. Profeta às nações, Deus. Deus diz. O jovem pensa que é grande demais a responsabilidade. A resposta divina é que o necessário é disposição, obediência e Deus fará o resto.” Cf. PLAMPIN, Richard T. *Jeremias, seu ministério, sua mensagem*. Rio de Janeiro: JERP, 1987, p. 13.

<sup>25</sup> *Ibidem*.

“Levante teus olhos para o cume e olha: onde não foste profanada? No caminho te assentavas para eles, como o árabe no deserto. Profanas a terra com as tuas prostituições e com tuas maldades. As chuvas foram suprimidas, não houve chuvas tardias. Mas tu mostravas face de prostituta, recusando envergonhar-te.” (Cf. Jer 3, 2-3).

O profeta Ezequiel,<sup>26</sup> no capítulo 16 de sua profecia, denuncia a infidelidade do povo de Israel à aliança com Yahweh. Começa recordando todos os benefícios que fez em favor de seu povo, comparando-o com uma mulher. Por sua vez, o povo, se aproveitando de todos os bens que Deus tinha lhe confiado, confiou em si mesmo e foi infiel a ele.

Tu te prostituíste com os egípcios, teus vizinhos de corpos sensuais, aumentando teu aviltamento para me irritar. Não satisfeita, ainda te prostituíste com os assírios. Tu te entregaste a ele, mas não ficaste satisfeita. Multiplicaste tuas prostituições até no país dos mercadores, a Caldéia. Por isso, prostituta, ouve a palavra do Senhor”. (Ez 16, 35).

Dentro do tema em questão nesta pesquisa, outro profeta que se pode destacar é Oséias. A sua profecia se relaciona com o seu casamento com Gômer. Era um matrimônio que continha diversos objetivos de revelação, ou seja, Oséias, obedecendo a Palavra de Deus, toma por esposa uma mulher que viria a se prostituir, tem filhos que se afastam de Deus e, a partir destes fatos, faz a experiência do amor de Deus pelo povo eleito que lhe é infiel.

Tudo começou com um casamento. Mas o casamento de Oséias e Gômer não foi um matrimônio qualquer. Iniciado pela Palavra de Deus, ele estava repleto de aspectos reveladores. Oséias ouviu um chamado divino que transformou sua vida num santuário onde o sagrado amor divino seria conhecido. O tom do livro é estabelecido pela ordem de Deus para que Oséias tomasse uma esposa que se tornaria prostituta, tivesse filhos que se afastariam de Deus e, então, conhecesse a paixão de Deus por Seu povo da aliança.<sup>27</sup>

Assim como Jeremias e Ezequiel, também Oséias<sup>28</sup> condena à infidelidade do Povo de Deus no Antigo Testamento com palavras duras. Compara esta infidelidade ao

---

<sup>26</sup> Já o profeta Ezequiel exerceu seu ministério no período do exílio da Babilônia. Ele mesmo teria partido para o exílio em 597. Neste período recebeu o chamado divino e exerceu seu ministério entre os exilados. Pelo contrário, acredita-se que o próprio Ezequiel tenha escrito grande parte de sua pregação, seus êxtases, suas ações simbólicas e suas palavras. Às vezes, a redação viria em primeiro lugar; outras vezes ele primeiro profetizaria oralmente e depois escreveria. A atividade profética de Ezequiel se divide em duas partes. A primeira corresponde aos oito anos que precederam à destruição de Jerusalém. Ela é consagrada ao anúncio do castigo que o povo mereceu por suas faltas, (...) A segunda parte vem depois da queda da capital. A um povo que a desgraça lançara no desespero, Ezequiel anunciava que a vida ainda era possível para Israel, que a esperança tinha futuro. Cf. PLAMPIN, Richard T. *Op. cit.*, p. 13.

<sup>27</sup> *Ibidem*, p.31.

<sup>28</sup> “Em primeiro lugar, Oséias condena com grande energia a *idolatria*, a qual se manifesta em duas correntes: cultural e política. A idolatria cultural consiste na adoração a Baal. Com seus ritos de fertilidade e na adoração do bezerro de ouro, instalado por Jeroboão I no ano 931 quando o reino do norte se separou de Judá. Era o bezerro um símbolo da presença de Deus, e nos primeiros tempos não suscitou problemas (tanto Elias como também Eliseu jamais criticaram o seu culto); mais tarde, entretanto, foi causa de grandes confusões, já que o povo

adultério e à prostituição, usando, portanto, a imagem do matrimônio para falar da aliança de amor de Yahweh com Seu povo.

“Processai vossa mãe, processai. Porque ela não é minha esposa e eu não sou seu esposo. Que ela afaste do seu rosto as suas prostituições e dentre os seus seios seus adultérios. Senão eu a despirei completamente, deixá-la-ei como no dia de seu nascimento, torná-la-ei semelhante a um deserto, transformá-la-ei numa terra seca, fá-la-ei morrer de sede. Não amarei seus filhos porque são filhos da prostituição. Sim, sua mãe se prostitui, cobriu-se de vergonha aquela que os concebeu.” (Cf. Os 2, 4-7).

## 1.2 No Novo Testamento

No Novo Testamento, o Mistério da Encarnação é o mistério fundamental do Cristianismo, a realidade básica na qual se apóia o mistério da ressurreição e da glorificação do filho de Deus feito homem. Assim, fundamenta também a total realização de sua obra redentora em favor da Igreja, seu Corpo e sua Esposa.

A encarnação constitui o primeiro momento de revelação e atuação histórica do Mistério das Núpcias de Deus com a humanidade. É importante observar que uma atenta apreciação da encarnação do *Logos* divino não pode realizar-se à margem da visão unitária e escatológica, considerando que o mistério é a atuação histórica e progressiva da manifestação da graça, conforme o eterno desígnio do Pai, que se realiza em Jesus Cristo.<sup>29</sup>

Pode-se considerar a encarnação como o primeiro momento de atuação histórica do desígnio redentor nupcial. Ela pode ser considerada o momento fundante das bodas pneumáticas e escatológicas de Cristo com a Igreja, pois essas núpcias duram desde a encarnação até a Parusia, para que se cumpram todos os seus mistérios.<sup>30</sup>

Assim, a participação decisiva de Maria Santíssima, dando ao anjo o seu “faça-se” para a encarnação do Verbo, é modelo para as núpcias de Cristo com a Igreja. É em seu seio que o Verbo se encarna, ou seja, que ocorre pela primeira vez a união histórico-temporal entre o humano e o divino. Nossa Senhora é modelo da Igreja em todos os aspectos; por isso, não poderia deixar de sê-lo neste aspecto primordial e historicamente decisivo.<sup>31</sup>

A união nupcial de Deus com a humanidade a ser redimida é o fim da encarnação do *Logos*. Há uma íntima unidade entre a união humano-divina no seio da Bem-Aventurada

---

identificava Javé com o touro, incidindo, assim, num tipo de religião naturista. Cf. SCHÖKEL, Alonso; SICRE DIAZ, J. L. *Profetas II – Coleção Grande Comentário Bíblico*. São Paulo: Paulinas, 1991, p. 889-890.

<sup>29</sup> RÍO, Maria Del Pilar. *Op. Cit.*, p. 168-169.

<sup>30</sup> *Ibidem*, p. 171-172.

<sup>31</sup> *Ibidem*.

Virgem Maria e as novas Núpcias do Cordeiro com a Igreja. Os dois encontros conjugais se relacionam como sendo um, o momento primeiro, e o outro, a sua realização plena. Esta destinação das núpcias da encarnação às núpcias definitivas manifesta sentido fundamental do matrimônio ocorrido na encarnação.<sup>32</sup>

Ao longo dos evangelhos, encontramos algumas passagens nas quais o próprio Cristo compara sua união com a Igreja ao matrimônio, tais como: Mt 9, 15, Mc 2,19-20 e Lc 5, 34-35 (debate com os fariseus sobre o jejum); Mt 22, 1-13 (Parábola do banquete nupcial); Mt 25, 1-13 (Parábola do noivo e das 10 virgens);

No mistério pascal da paixão, morte e ressurreição do Senhor encontra-se a união nupcial pneumática de Cristo e da Igreja. Este mistério, sendo o central da vida de Cristo (logo, de todo cristianismo), possui um lugar de destaque quando falamos de sua união esponsal com a Igreja. Isto ocorre porque foi exatamente na cruz que o Cristo, como divino Esposo, se entrega por sua Esposa, a Igreja, com o fim de purificá-la e de santificá-la.

Em sua sagrada Paixão, nosso Senhor foi elevado e glorificado, recebendo a plenitude do Espírito que o converteu em Senhor da nova criação redimida. Assim, a cruz, como núcleo do mistério pascal, constitui o ato salvífico definitivo. Esta união se concluíra na Parusia, com as Núpcias do Cordeiro.<sup>33</sup>

### 1.2.1 Na encarnação e no mistério pascal de Cristo

Em relação ao mistério esponsal de Cristo com a Igreja, pode-se afirmar que o mistério divino, em seu conteúdo cristológico, é o plano redentor de Deus que se realiza concretamente em Jesus Cristo. E esse plano de redenção consiste em que o Pai, movido por seu infinito amor, imolou seu Filho para que este pudesse conduzir ao Pai a humanidade redimida.<sup>34</sup>

O mistério de Cristo é um mistério de Revelação, de manifestação do divino ao humano. Porém, o mistério de Cristo, enquanto revelação de Deus é uma epifania velada. Isto significa que Deus se revela enquanto mistério e, portanto, a manifestação divina em Cristo, ao mesmo tempo em que manifesta ao crente a intimidade com Deus, não mostra totalmente a sua infinitude.

Assim, a revelação, em seu ser de epifania velada de Deus, é uma dimensão essencial do mistério. Isto significa que existe mistério ali onde Deus se manifesta e Deus se

<sup>32</sup> RÍO, Maria Del Pilar. *Op. Cit.*, p.174.

<sup>33</sup> *Ibidem*, p.177.

<sup>34</sup> *Ibidem*, p. 149-150.



manifesta ali onde o véu deixa entrever a realidade divina como no meio de sombras, como que envolvido por uma nuvem.

Esta dimensão reveladora do Mistério de realiza na humanidade de Cristo, o Filho de Deus feito homem, o qual, em sua carne, revela a Deus. Por isso, o mistério é epifania na carne humana. No Filho de Deus feito homem e crucificado contempla-se o mistério de Deus, escondido antes dos séculos em Deus e agora manifestado e revelado por Cristo à Igreja.

Destarte, a Encarnação do Verbo, desafiando toda a lógica humana, parece ser a epifania mais conveniente a Deus, visto que Deus, em sua essência, é amor, ou seja, amor criador, gerador e doador de si mesmo.<sup>35</sup>

Se Cristo reúne em si o Deus, o Homem e o Redentor, a unidade que nos permite compreender sua Pessoa e sua obra salvífica é o vértice da ação que o Pai preparou para nossa salvação no tempo e na história. Assim, temos que o mistério pascal da paixão, morte e ressurreição do Senhor é momento fundamental no qual encontramos manifestada na vida de Cristo a sua união esponsal com a Igreja.

Em sua encarnação, Cristo reúne em sua própria carne o divino ao humano, Esta união é complementada através da doação de sua própria vida pela salvação de sua esposa, a Igreja. Porém, a paixão e a morte do esposo são coroadas por sua ressurreição. Assim, a morte de Cristo não é algo sem sentido, mas é redentora para a sua esposa. É uma morte fecunda, que gera muitos filhos para sua amada esposa, a Igreja.<sup>36</sup>

O mistério pascal de Cristo pode, então, ser considerado como as “núpcias pneumáticas” de Cristo com a Igreja. Ele encontra o seu ápice nos mistérios pascais da paixão, morte, ressurreição e glorificação do Senhor. Isto porque, pela sua sagrada paixão, Cristo crucificado foi exaltado, recebendo em sua humanidade, a plenitude do Espírito, que o converteu em Senhor da nova Criação redimida.<sup>37</sup>

### 1.2.2 Na Epístola de São Paulo aos Efésios

É na Carta de Paulo aos Efésios, 5, 21-33 que se encontra o fundamento bíblico principal e a motivação inicial para a realização deste trabalho de pesquisa. Nesta passagem, o Apóstolo das Gentes transmite à comunidade de Éfeso a doutrina acerca do Sacramento do Matrimônio, mostrando a conexão que há entre ele e a relação esponsal entre Cristo e a Igreja.

---

<sup>35</sup> RÍO, Maria Del Pilar. *Op. Cit*, p. 150.

<sup>36</sup> *Ibidem*, p. 177.

<sup>37</sup> *Ibidem*, p. 174.

Submetei-vos uns aos outros no temor de Cristo. As mulheres estejam sujeitas aos seus maridos, como ao Senhor, porque o homem é a cabeça da mulher, como Cristo é a cabeça da Igreja e o salvador do Corpo. Como a Igreja está sujeita a Cristo, estejam as mulheres em tudo sujeitas aos seus maridos. E vós, maridos, amai as vossas mulheres, como Cristo amou a Igreja e se entregou por ela, a fim de purificá-la com o banho da água e santificá-la pela Palavra, para apresentar a si mesmo a Igreja gloriosa, sem mancha nem ruga, ou coisa semelhante, mas santa e irrepreensível. Assim também os maridos devem amar suas próprias mulheres, como a seus próprios corpos. Quem ama a sua mulher ama-se a si mesmo, pois ninguém jamais quis mal à sua própria carne, antes a alimenta e dela cuida, como faz Cristo com a Igreja, porque somos membros do seu corpo. *Por isso, deixará o homem o seu pai e a sua mãe e se ligará à sua mulher, e serão uma só carne.* É grande este mistério: refiro-me à relação entre Cristo e a Igreja. Em resumo, cada um de vós ame a sua mulher como a si mesmo e a mulher respeite o seu marido. (Ef 5, 21-33).

Keener chama esta passagem de “códigos domésticos”, considerando que a mesma estabelece como devem ocorrer as relações na família, especialmente entre esposo e esposa.

A seção 5, 21-6. 9 refere-se ao que chamamos de “códigos domésticos”. No tempo de Paulo, muitos romanos estavam atribulados devido à propagação das “religiões do oriente” (por exemplo, o culto de Ísis, o judaísmo e o cristianismo), que eles temiam viesse a minar os valores tradicionais da família romana. Os membros dessas minorias religiosas procuravam sempre demonstrar seu apoio aqueles valores, empregando uma forma padrão de exortações desenvolvidas por filósofos de Aristóteles em diante. Estas exortações como o cabeça da família deveria lidar com os seus membros, geralmente acabava em discussões no relacionamento entre marido e esposa, pai e filho e mestre e escravo. Paulo imita essa forma de discussão diretamente da maioria dos escritos morais padronizados greco-romanos. Mas, diferentemente da maioria dos escritores antigos, Paulo mina a premissa básica desses códigos: a autoridade absoluta do cabeça masculino da casa.<sup>38</sup>

O escrito de Paulo aos cristãos da comunidade de Éfeso, quando analisado em seus aspectos externos, dá-nos a impressão de ser uma carta epistolar. Todavia, alguns autores questionam que seja de fato uma epístola.

A primeira impressão do leitor que passa em revista os seis capítulos da Ef é a de encontrar-se diante de um escrito que tem o aspecto exterior de uma carta, mas que, de fato, tem muito pouco do estilo e do gênero epistolar. De fato, a pequena composição abre-se com um endereço e saudação e encerra-se com uma saudação e bênção, que fazem lembrar o clichê das outras cartas neotestamentárias. Mas se tirarmos estes dois elementos da moldura, o escrito, como um todo, pareceria uma composição literária do estilo do discurso ou homilia dirigida a hipotéticos ouvintes.<sup>39</sup>

A linguagem utilizada na carta apresenta elementos bastante característicos, dentro de um novo contexto de vivência da cultura e da religião, influenciados talvez pela Gnose e

<sup>38</sup> KEENER, Craig S. *Comentário Bíblico Atos: Novo Testamento*. Belo Horizonte: Atos 2004, p. 572.

<sup>39</sup> FABRIS, Rinaldo. *As Cartas de Paulo III*. São Paulo: Loyola, 1992, p. 134-135.

dos filósofos estoicos, ou simplesmente inseridos no grande universo da tradição judaica, nas suas mais diversas expressões.

A originalidade lingüística de Ef, que subentende ou, pelo menos remete a uma situação religiosa e cultural nova, deu origem a diferentes posições por parte dos intérpretes e historiadores das religiões. Para alguns, a chave hermenêutica de Ef deve ser buscada no ambiente e na literatura gnósticos, cujos escritos remontam a uma época mais tardia (séc.II-III d.C.). Para outros, esse escrito cristão sofre a influência do modo de pensar da filosofia popular estoica, da qual tira várias impressões. Enfim, para um grupo que conquista cada vez mais adesões, o texto de Ef se insere no grande veio da tradição judaica, que se articula em diversas correntes e orientações, do palestinese farisaico ao apocalíptico qumrânico ou helenista filoniano.<sup>40</sup>

De qualquer forma, Efésios só pode ser devidamente compreendida dentro do contexto da tradição cristã de Paulo, valorizando a tradição bíblica e o mistério da salvação através do Senhor e da Igreja.

A primeira observação, que pode parecer óbvia, é esta: Ef só pode ser entendida no ambiente da tradição cristã, em particular da paulina, tendo como pano de fundo a grande tradição bíblica. Isso significa que os grandes temas do escrito em questão, como a revelação ou a realização do “mistério”, ou seja, o projeto salvífico de Deus em Cristo e na Igreja, está em harmonia com o núcleo da fé cristã, que proclama Jesus como salvador, por força de sua ação histórica que culmina na ressurreição.<sup>41</sup>

Quanto ao autor do escrito aos Efésios, esta questão está diretamente relacionada com o tempo e o lugar em que foi redigido, bem como com os destinatários do mesmo.

A determinação do lugar e da data da composição está, em parte, ligada à questão do autor. Por isso, esta deve ser encarada primeiro. A favor da atribuição do escrito a Paulo, além do peso notável do testemunho indiscutido da tradição mais antiga, há uma série de argumentos de valor variável. O primeiro e mais evidente é a auto-apresentação que o remetente faz de si mesmo com o nome próprio de “Paulo” (1,1; 3,1). Acrescenta-se a existência de inegáveis e múltiplos laços de Ef com o conjunto epistolário Paulino, cujos temas são, aqui, habilmente retomados, desenvolvidos com maestria e postos num contexto teológico.<sup>42</sup>

Quanto aos destinatários do escrito, há divergências quanto ao fato de se dirigir especificamente aos efésios ou ser uma carta circular que foi enviada a diversas comunidades, inclusive à de Éfeso. Isto se justificaria pelo fato de que o nome desta comunidade consta somente em manuscritos a partir do século II.

<sup>40</sup> PELLETIER, Anne Marie. *Op. cit.*, p. 134.

<sup>41</sup> *Ibidem.*

<sup>42</sup> *Ibidem.*

Quais são os destinatários e de onde vem o título desta carta? Em todos os manuscritos, *Efésios* figura somente no título, do século II em diante. Por outro lado. No corpo da carta, no endereço, nenhum manuscrito anterior ao século IV traz a indicação a Éfeso. O *Vaticano*, o *Sinaítico* e os manuscritos 424 e 1739 não tem as suas palavras. Marcião contestava a lição “a Éfeso”. Nos séculos III e IV, Orígenes, Basílio (de Cesaréia) e São Jerônimo também ignoravam. O papiro mais antigo, o P 46, cerca de 200 d.C., logo do começo do século III, traz somente “aos santos fiéis”.<sup>43</sup>

Em resumo, pode-se considerar que a chamada “Carta de Paulo aos Efésios” seja uma carta escrita pelo próprio Apóstolo a diversas comunidades, inclusive à de Éfeso, e que ele a teria escrito durante o primeiro período no qual esteve preso em Roma, em razão de sua grande semelhança com a Carta aos Colossenses, que é deste mesmo período.

Paulo escreve esta epístola considerando fundamentalmente dois pólos que conduzirão sua reflexão e admsteação: Jesus Cristo e a Igreja. Todavia, não lhe escapa a lembrança de que a salvação realizada através de Cristo e da Igreja é de iniciativa do Pai.

Os dois pólos em torno dos quais se desenvolvem a reflexão e a exortação de Ef são: Jesus, o Cristo, e a Igreja. A reflexão cristológica desenvolve-se em função da nova consciência de Igreja. Essa polaridade e reciprocidade são muito bem expressas pela imagem simétrica do “Cristo-cabeça” e “Igreja-corpo”. Com isso não queremos dizer que a figura e o papel de Cristo não sejam tratados de maneira ampla e original (...) Em Jesus, o “filho amado de Deus” revela-se e realiza-se o “mistério”, ou seja, o projeto salvífico do qual Deus Pai é a iniciativa. Portanto, apesar da centralidade da figura de Cristo para definir a fé e a experiência salvífica cristã. O autor de Ef não perde de vista a dimensão teocêntrica de todo o processo de revelação e de salvação.<sup>44</sup>

A expressão usada por Paulo no versículo 21 contraria as prescrições dos demais autores acerca da submissão que deve haver na família em relação ao pai, como, por exemplo, no caso da família romana onde havia a figura do *paterfamilias*, ou seja, o homem que era a cabeça do casal, dos filhos, dos escravos e de todos que viviam na casa.

A expressão final de estar cheio do Espírito é “sujeitem-se uns aos outros”, porque Cristo é o Senhor. Todos os códigos de família que Paulo expõe são baseados nesta idéia. Embora fosse costume que as esposas, filhos e escravos se submetem de várias maneiras, chamar a todos os membros de um grupo (incluindo o *paterfamilias*, o cabeça masculino da casa) a submeterem-se um aos outros era sem precedentes.<sup>45</sup>

Em relação ao verbo “lavar”, apresentado no versículo 26, o mesmo poder ser entendido como um banho que antecedia o casamento, no qual a noiva se preparava e se

<sup>43</sup> CARREZ, Maurice et alii. *As Cartas de Paulo, Tiago, Pedro e Judas*. São Paulo: Paulinas, 1995, p. 38.

<sup>44</sup> FABRIS, Rinaldo. *Op. cit.*, p. 142.

<sup>45</sup> *Ibidem*, p. 143.

arrumava para estar exuberante diante de seu futuro esposo. Da mesma forma, a Igreja deve estar limpa e preparada para Cristo, seu esposo.

Esse “lavar”, provavelmente se refere, de forma figurada, à lavagem pré-nupcial da noiva (mas é claro que o lavar era natural antes de qualquer ocasião na qual alguém quisesse impressionar positivamente). Depois desse lavar, a noiva era perfumada, ungida e ataviada com os trajes nupciais. O cerimonial do noivado no judaísmo também veio a ser chamado de “a santificação da noiva”, separando-a para seu marido. A “palavra” naturalmente refere-se ao Evangelho Salvador de Cristo.<sup>46</sup>

A imagem da unidade existente entre o esposo e a esposa era bastante significativa na cultura hebraica, além de também estar presente no mundo greco-romano.

Embora os moralistas gregos e romanos algumas vezes também se referissem à unidade do esposo e da esposa, essa imagem estava especialmente proeminente no judaísmo, que fez uma conexão de Paulo e de Cristo, usando Gênesis 2, 24, mencionado explicitamente em Efésios 5, 31. A analogia da cabeça e do corpo de 5,23 aqui se torna uma imagem de unidade, e não uma imagem de autoridade.<sup>47</sup>

A exortação referente às relações entre Cristo e a Igreja é tão veemente na passagem Ef 5, 22-33 que poderia servir mais como um ensinamento a respeito da eclesiologia do que como uma exortação acerca das relações entre marido e mulher.

Tendo como pano de fundo a estrutura formal – que, de resto, reproduz a organização piramidal e autoritária da família antiga, - destaca-se nitidamente a novidade da exortação cristã nas motivações. Estas ocupam um espaço tão amplo na primeira série de apelos dirigidos ao casal que se chega a pensar num discurso espiritual teológico sobre a relação Cristo-Igreja do que num manual de ética para os esposos cristãos. Em outras palavras, o autor parece mais preocupado em apresentar a relação especial que liga Cristo à Igreja do que em definir o estilo de relações entre os esposos cristãos. Ou melhor: só a partir da comparação com o modelo da relação amorosa, que é o de Cristo com a sua Igreja, é que os esposos podem encontrar a razão profunda para uma correta relação entre si. O desenvolvimento do pensamento segue um ritmo peculiar, que passa continuamente da realidade humana do casal para o modelo ideal da união Cristo-Igreja.<sup>48</sup>

O texto da perícopes, abaixo apresentado com grifos, serve de síntese e permite que se perceba comparação que o autor da carta aos Efésios faz da relação existente entre marido e esposa com a relação existente entre Cristo e a Igreja.

As esposas devem ser submissas a seus maridos, **como ao Senhor**, pois o marido é a cabeça da mulher **como Cristo** é a cabeça da Igreja. Também as mulheres devem submeter-se aos seus maridos em tudo **como a Igreja está submissa a Cristo**.

<sup>46</sup> KEENER, Craig S. *Op. cit.*, p. 572-573.

<sup>47</sup> *Ibidem*, p. 573.

<sup>48</sup> FABRIS, Rinaldo. *Op. cit.*, p. 192-193.

Vocês, maridos, amem suas esposas **como Cristo amou a Igreja**; do mesmo modo, também os maridos devem amar suas esposas **como Cristo fez com a Igreja**, porque esta é o seu corpo do qual somos os membros. Em todo caso, cada uma ame a própria esposa, e a mulher respeite o seu marido. Aqui se encerra uma profunda e misteriosa realidade: **refiro-me a Cristo e à Igreja**. (Cf. Ef 5, 21-33).

Assim, o apóstolo apresenta uma nova interpretação e orientação cristã para as relações do casal, fundamentado na fé em Jesus Cristo, o que faz desejar a fidelidade e a dedicação mútua entre os esposos.

Essa interpretação cristã do verbo *hypotassomenoi* é confirmada por dois detalhes do texto de Ef. A submissão ou serviço recíproco dos cristãos se realiza dentro da moldura do “temor” reverencial de Cristo (v. 21) e a submissão e dedicação da mulher ao marido é dirigida ao “Senhor” (v. 22). Nos dois casos, trata-se da motivação profunda das relações interpessoais, iluminada pela fé no Senhor ressuscitado ou no Cristo glorioso. Quem se empenhou no seguimento de Cristo – que implica uma fidelidade a toda prova, como diz o vocábulo “temor” na tradição bíblica – não pode romper a unidade eclesial rejeitando a dedicação aos irmãos. O mesmo vale para a esposa: ela não está “subordinada” a nenhum outro homem senão ao marido, e mesmo isso por força da sua entrega radical ao único Senhor que é Cristo ressuscitado.<sup>49</sup>

### 1.2.3 No Apocalipse de São João.<sup>50</sup>

Em seu capítulo 12, inicia a parte da obra chamada “setenário das taças”, o autor apresenta uma de suas visões.

Apareceu em seguida um grande sinal no céu: uma Mulher vestida de sol, a lua debaixo de seus pés e na cabeça uma coroa de doze estrelas. Estava grávida e gritava de dores, sentindo as angústias de dar à luz. Depois apareceu outro sinal no céu: um grande dragão vermelho, com sete cabeças e dez chifres, e nas cabeças sete coroas. Varria com sua cauda uma terça parte das estrelas do céu, e as atirou à terra. Essa dragão deteve-se diante da Mulher que estava para dar a luz, a fim de que, quando ela desse à luz, lhe devorasse o filho. Ela deu à luz um Filho, um menino, que deve reger todas as nações com cetro de ferro. Mas seu Filho foi arrebatado para junto de Deus e de seu trono. A Mulher fugiu então para o deserto, onde Deus lhe tinha preparado um retiro para aí ser sustentada por mil duzentos e sessenta dias. (Ap, 12, 1-6).

O primeiro símbolo apresentado nesta visão é o da mulher, o qual é bastante complexo. Fundamentalmente pode-se afirmar com alguns autores que ela seria a

<sup>49</sup> FABRIS, Rinaldo. *Op. cit.*, p. 194-195.

<sup>50</sup> O Livro do Apocalipse de São João é uma das poucas obras neotestamentárias que apresenta o nome do seu autor: João. Este João não é outro senão o mesmo João discípulo amado do Senhor, o mesmo autor do quarto evangelho, o mesmo autor das três pequenas cartas. A data de sua composição estaria situada em torno do ano 95 d.C. Seu objetivo seria o de estimular as comunidades cristãs a viverem na perseverança de sua fé em meio às perseguições promovidas pelas autoridades dos judeus e dos romanos. As ameaças de catástrofes que o mesmo apresenta não se destinam à Igreja, mas sim aos seus inimigos, que são os inimigos de Cristo, o Cordeiro, representados pela besta. Cf. CORSINI, Eugenio. *O Apocalipse de São João*. São Paulo: Paulinas, 1984, p. 285.

representação de uma ou das três seguintes figuras: Israel, Nossa Senhora e a Igreja. Mais tarde, esta mesma mulher aparecerá nos capítulos 19 e 21, como a esposa do Cordeiro.

O símbolo da mulher já é bem mais complexo. Também ela representa uma realidade de caráter histórico, como entenderam claramente todos os intérpretes. Suas explicações desse símbolo podem ser resumidas nestas três: Israel, Nossa Senhora, a Igreja. Mas também ele, como o anterior, tem uma carga simbólica mais ampla, que essas interpretações, de acentuado caráter histórico, acabam deixando de lado ou até mesmo contrariando. Efetivamente, da mesma forma com que o símbolo do dragão, ainda que com importantes variantes, mantém seu valor fundamental ao longo desta seção, assim também o símbolo da mulher. Também ele é retomado pelo autor, mais adiante, em duas personagens nas quais, apesar de grandes alterações, o significado fundamental do símbolo é mantido e refere-se justamente a esta primeira menção do capítulo 12. Trata da “prostitua, a grande”, do capítulo 17 (cf. 17, 1ss.) e da “esposa, a mulher do Cordeiro” do capítulo 21 (cf. 21,9ss.).<sup>51</sup>

Tomando por base uma das possíveis identificações da mulher no texto citado, ou seja, de que ela representa a Igreja, pode-se recordar que este tema (Igreja) talvez seja o central do Apocalipse, aparecendo na obra através de símbolos diversos.

Encontramos menções à Igreja desde o início do Apocalipse, nas cartas dirigidas às sete Igrejas, onde ela aparece tão pequena e fraca, lutando contra as dificuldades. Posteriormente, no fim do livro, ela aparece como a Jerusalém celeste, para a qual se dirigem todas as anteriores visões.

Hesitar-se-ia em repetir da Igreja o que já se disse anteriormente de Cristo, a saber, que ela forma o tema central do Apocalipse, se não se tratara, no fundo, aqui e acolá, de um único mistério, considerado, sucessivamente, em seu divino foco e em seus desabrochamentos criados. A Igreja está por toda parte em nosso Livro, desde as primeiras cartas onde ela aparece tão humana, quase se diria tão frágil, ao vê-la em luta com tantas dificuldades locais, pequenas ou grandes, até os esplendores finais da Jerusalém celeste, a que convergem irresistivelmente todas essas visões. Entre esses dois extremos estão os simbolismos maiores do templo, da mulher, das duas testemunhas, etc.<sup>52</sup>

Pierre Prigent considera que a mulher de Ap 12 está diretamente relacionada com a comunidade da qual nasce o Messias, ou seja, a Igreja. Trata-se ou do Povo de Deus do Antigo Testamento (Israel), do qual nasce o Messias, ou da Igreja de Cristo, enquanto continuadora dessa tradição de Israel? O autor pensa que se refere à Igreja.

Assim como o Messias nasce no seio do Povo de Israel e a partir de sua esperança, nasce também diretamente de sua Mãe Santíssima, Nossa Senhora. A Igreja é esta mulher que foi gerada por Cristo, mas que também o gera diariamente, especialmente na Eucaristia.

<sup>51</sup> CORSINI, Eugenio. *Op. cit.*, p. 226.

<sup>52</sup> FÉRET, H.M. *O Apocalipse de São João*. São Paulo: Paulinas, 1988, p.131.

Tratar-se-ia então do povo de Deus da antiga aliança, da comunidade de Israel que pode efetivamente ser vista como mãe do Messias e da Igreja cristã? Ou, mais provavelmente, de Israel fiel, do povo escolhido do qual a Igreja judeu-cristã prolonga a existência? Acontece que esta identificação se choca, uma vez mais, com a constatação de que o ap nunca parece distinguir entre o povo de Deus da antiga e da nova aliança, senão para mostrar que este último cumpre as profecias discernidas na história do primeiro. Por outro lado, o leitor se recorda que nós não acreditamos poder até aqui distinguir no Ap o vestígio de uma problemática de judeu/pagano-cristianismo. O presente texto não parece dever derrubar estas conclusões. É preciso, pois, identificar a mulher com a Igreja, ainda que se deva recordar imediatamente que, para nosso autor, a Igreja afunda suas raízes na história de Israel.<sup>53</sup>

O texto de Ap 19, 5-8 é outro no qual encontramos a menção à mulher, aqui já apresentada como a Esposa do Cordeiro.

Do trono saiu uma voz que dizia: “cantai ao nosso Deus, vós todos seus servos que o temeis, pequenos e grandes”. Nisto ouvi como que um imenso coro, sonoro, como o ruído de possantes trovões, que cantava: “Aleluia! Eis que reina o Senhor nosso Deus, o Dominador! Alegremo-nos, exultemos e demos-lhe glória, porque se aproximam as núpcias do cordeiro. Sua esposa está preparada. Foi-lhe dado revestir-se de linho puríssimo e resplandecente”. (Pois o linho são as boas obras dos santos). (Ap 19, 5-8).

O versículo 7 é o que fala diretamente das núpcias do Cordeiro e da sua esposa que já está preparada. Nele, a questão das núpcias surge de forma repentina, anunciando o que será descrito no capítulo 21.

A imagem do casamento, para que seja compreendida, deve recordar as profecias veterotestamentárias de Isaías, Oséias e Ezequiel, nas quais já se menciona a união de Deus com o seu povo através da imagem da união conjugal.

O tema das núpcias do Cordeiro aparece de repente aqui: é preciso ver aí um marco que anuncia os desenvolvimentos do cap. 21. Este procedimento é familiar ao nosso autor: em 14,8 lia-se “ela caiu... Babilônia”, mas esta queda só seria descrita nos caps.17-18. A imagem das núpcias requer uma explicação. Com efeito, os profetas do AT falam por vezes das relações que unem Deus ao seu povo, recorrendo ao vocabulário da união conjugal. Segundo Is 54,6; Os 2; Ez 16,7ss, Javé é comparado a um marido que se uniu a Israel e espera dele, como de uma esposa, a fidelidade. Notar-se-á, porém, que se trata sempre de remeter para a aliança pela qual Deus se ligou ao seu povo. O fato de esta aliança permanecer atual não deve fazer perder de vista que ela foi contraída no passado. Em outros termos, a imagem não parece ter conotações escatológicas, e muito menos acentos messiânicos.<sup>54</sup>

No capítulo 21 do Apocalipse encontram-se mais duas referências de João à Igreja, agora não mais vista com suas falhas humanas apresentadas nas sete cartas do início do livro

<sup>53</sup> PRIGENT, Pierre. *O Apocalipse*. São Paulo: Loyola, 1993, p. 218.

<sup>54</sup> *Ibidem*, p.231.



nem como a mãe do Messias que foge para o deserto. Aqui, a Igreja é apresentada com todo o esplendor que recebe do Cordeiro, na qual culmina e para a qual se direciona toda a obra.

Vi um céu novo e uma terra nova, porque o primeiro céu e a primeira terra haviam desaparecido e o mar já não existia. Vi a cidade santa, a nova Jerusalém, que descia do céu, do lado de Deus, ornada como uma esposa que se enfeita para o esposo (...) chegou um dos sete anjos que tinham as sete taças cheias das últimas sete pragas e me disse: "Vem que eu te mostrarei a noiva, a esposa do Cordeiro." (Ap 21, 1-2.9-10).

Pierre Prigent considera que os dois capítulos finais do Apocalipse de São João não formam uma unidade literária. Outrossim, destaca que o mesmo se divide em três partes, cada uma com sua identidade própria.

A primeira parte seria a de Ap 21,1-8. Nesta, o tema fundamental é o novo mundo, nova terra e novo céu, desaparecimento das coisas antigas, pois Deus renova todas as coisas. No meio da passagem surge um novo tema: a morada que Deus vai estabelecer entre os homens. Assim, nesta parte, o autor apresenta o mundo novo, o qual ele identifica com a Jerusalém celeste, que está revestida como uma esposa para agradar ao seu esposo.

A segunda parte é Ap 21, 9-27. Este trecho extenso é marcado pela descrição da Jerusalém celeste, a esposa do Cordeiro. Manifesta a presença escatológica de Deus em sua cidade santa. A cidade brilha pela presença direta de Deus na mesma. Esta parte pode ser mais facilmente entendida quando se recorda as profecias de Is 54 e 60, Ez 48 e Zc 14,7.

Em Is 54 encontra-se a profecia de uma nova Jerusalém no futuro, na qual as ameias, as portas e muralhas serão de pedras preciosas. Ez 48, 30-35 apresenta as medidas na cidade com três portas de cada lado. Is 60 prenuncia que a luz de Jerusalém não será mais o sol, mas sim do próprio Deus.

A terceira e última parte tem relação direta com Ez 47, onde se encontra a profecia relativa ao templo futuro do qual brota um rio. Às margens desse rio crescem muitas árvores, boas colheitas e plantas medicinais. Indiretamente recorda-se Gn 2, onde se descreve o paraíso como um jardim irrigado onde a vegetação é exuberante.<sup>55</sup>

No verso de ap 21, 2, João anuncia que, após a renovação completa do mundo, surgirá a grande cidade deste novo mundo, a Jerusalém celeste. Esta cidade vem do céu, ou seja, é Deus quem a envia. Este tema da Jerusalém celeste está presente no judaísmo tardio, em Isaías e Ezequiel, bem como nos apócrifos de Henoc e 4 Esdras, dentre outros. Os

---

<sup>55</sup> PRIGENT, Pierre. *Op. cit.*,p.332.

primeiros cristãos também retomaram o tema da união entre Cristo e a Igreja com um caráter esponsal, o que pode ser percebido nas epístolas paulinas e na eclesiologia patrística.

A interpretação do significado da Jerusalém celeste e da esposa do cordeiro é, para alguns, que ele representa a Igreja que já existe, mas que ainda não tem a sua glória total. Para outros estudiosos, seria a Igreja consumada, glorificada, a pátria que o Senhor prometeu para aqueles fossem fiéis a ele.

Ambas as posições se diferenciam em razão da escatologia que contém, ou seja, uma é marcada pela escatologia já realizada e a outra pela espera do que deve acontecer. Seria necessário, para uma melhor interpretação, não se deixar levar pela opinião pessoal, mas sim pelo teologia do apocalipse.

Neste sentido, prevalece então, a idéia que indica que o Apocalipse de João contém uma mensagem de escatologia futura, pois em muito se refere aos acontecimentos derradeiros da humanidade e de toda a criação. Por outro lado, sempre se deve recordar a realização das promessas também no tempo presente, pois Deus caminha com o Seu Povo, fazendo com que o Seu Reino esteja sempre presente onde Ele está.

Neste ponto, as conclusões esparsas que pudemos tirar das exegeses precedentes são relativamente claras. A mensagem do Apocalipse é escatológica, por ser relativa ao acontecimento último da história da salvação, a vinda do Reino na pessoa de Cristo. Os tempos derradeiros estão aí, a eternidade de Deus está presente no tempo dos homens, e a vida deles pode experimentar a realidade da vida eterna. Eles continuam a levar uma vida terrestre, mas Deus os vê já como aquilo que serão para sempre: salvos, homens que com o Senhor vivem na direta proximidade de Deus, no céu. O fato de tudo isto não ser ainda acessível senão por intermédio de uma revelação, não muda nada na coisa: já é realidade e, por isso, se pode esperar ardentemente sua manifestação futura.<sup>56</sup>

Assim, viu-se nesse primeiro capítulo que, em diversos textos da Sagrada Escritura, a união de Deus com o seu povo eleito no Antigo Testamento (Israel), bem como a união Cristo Igreja apresentada no Novo Testamento, são comparadas com uma união nupcial entre o divino e o humano. Por isso, servem de modelo para as relações de amor e fidelidade por toda vida que se devem estabelecer através do Sacramento do Matrimônio.

---

<sup>56</sup> PRIGENT, Pierre. *Op. cit.*, p. 386.

## 2 A RELAÇÃO ESPONSAL CRISTO-IGREJA E O MATRIMÔNIO NA ECLESIOLOGIA PATRÍSTICA

Neste capítulo será exposto o que diversos autores do período da Patrística consideraram fundamentalmente a Igreja como a Esposa Imaculada do Cordeiro, pela qual ele se imolou. Além disso, viram no Sacramento do Matrimônio uma expressão deste amor santificador, redentor e sponsal de Cristo pela sua amada. Tratar-se-á dos mais significativos para o tema, quais sejam: Clemente Romano, Orígenes, Clemente de Alexandria, Tertuliano, Novaciano, Cipriano de Cartago, Hipólito de Roma, Metódio do Olimpo, Gregório de Nissa, Agostinho de Hipona e Apônio.

### 2.1 Segunda Carta aos Coríntios, atribuída a Clemente Romano

O interesse que se manifestou pelos escritos deste Padre na antiguidade fez com que a autoria de alguns escritos de outros autores lhe fosse atribuída, como é comum nestes casos, com o fim de se aumentar o valor do mesmo. Um destes escritos que são falsamente atribuídos a Clemente é a “Segunda Epístola aos Coríntios.”

É importante observar que se acredita que este escrito não é epístola nem foi escrito por Clemente Romano. Mesmo assim, a obra é de grande interesse, visto tratar-se do sermão cristão mais antigo que existe, apresentando um caráter e um tom homilético inconfundíveis.<sup>57</sup>

O conteúdo dessa homilia é de caráter geral. Dela nos interessa a concepção eclesiológica. Segundo o autor desta epístola, a Igreja existiu desde antes da criação do mundo, sendo então invisível, espiritual e estéril. Nós pertencemos a esta Igreja primeira, a espiritual, e devemos escolher participar da Igreja viva, a fim de nos salvarmos.<sup>58</sup>

A Escritura afirma que “Deus os criou homem e mulher”. O homem é Cristo; a mulher, a Igreja. Assim, a Igreja que era espiritual, como o Verbo era espiritual. Todavia, assim como “o Verbo se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1,14), também a Igreja deixou de ser apenas espiritual e se tornou carne junto com o Verbo. Aliás, Ela é o próprio Corpo do Verbo.

E esta carne que a Igreja recebe é por figura do Espírito Santo e é por meio dele que a recebe. Assim, aquele que corromper ou desonrar a figura na carne (a Igreja) não poderá receber o original (O Espírito Santo). Por isso, é necessário que cada um guarde a sua carne para que possa participar do Espírito.

---

<sup>57</sup> PG 1, 201.

<sup>58</sup> *Ibidem*.

É de interesse o conceito de Igreja que esta carta revela. Segundo o autor, a Igreja existiu antes da criação do sol e da lua. Porém era invisível, espiritual e estéril. Agora, tomou carne, é o Corpo de Cristo, sua esposa e nós fomos entregues a ela como filhos.<sup>59</sup>

O autor se mostra fortemente influenciado pelo pensamento de São Paulo, principalmente na Carta ao Efésios capítulos 1 e 5. Chama a Igreja de Corpo Místico de Cristo e a apresenta como sua esposa.

## 2.2 Orígenes

No início de seu comentário sobre o Cântico dos Cânticos, fazendo uma espécie de introdução geral à história narrada no mesmo, Orígenes fala de uma esposa que recebeu de um nobilíssimo esposo bens de grande valor e dignidade, bem como presentes de casamento. Mas o esposo faz-se aguardar por um longo tempo, e a esposa, atormentada pelo desejo de seu amor, prostrada em sua casa, faz tudo o que lhe é possível para ver por fim seu esposo e desfrutar de seus beijos. E, porque vê que se amor é colocado para mais tarde e que ela não pode obter aquilo que deseja, é que se volta então à oração e suplica a Deus, sabendo que Ele é o Pai de seu Esposo.<sup>60</sup>

Segue, então, Orígenes convidando-nos a contemplar a esposa que vai ao encontro do Esposo enfeitada de preciosíssimos ornamentos, como convém a uma nobre esposa. Ao mesmo tempo em que arde de desejo pelo esposo e esta atormentada pela ferida do amor, dirige-se a Deus pedindo “Que ele me beije com os beijos de sua boca “ (Ct 1,2). É este o conteúdo exposto nesta obra, composta a modo de drama.<sup>61</sup>

Mas deve-se também examinar se o sentido interno dessa história pode ser entendido dessa maneira. Se a obra mostra a Igreja desejando a união com Cristo ou se adverte que a Igreja é a assembléia de todos os santos. Ou se apresenta a Igreja como uma só pessoa, formada pela união de todos, e diz: Eu possuo todas as coisas, eu estou repleta de bens que recebi a título de dote e presentes de casamento, antes de minhas núpcias. Pois, após certo

<sup>59</sup> QUASTEN, Johanes. *Patrologia I*. Madrid: BAC, 1978, p. 65.

<sup>60</sup> *Introducatur ergo nunc per historiae speciem sponsa quaedam, quae suscepit quaedam sponsaliorum et dotis titulo dignissima munera ab sponso nobilissimo, sed plurimo tempore moram faciente sponso, sollicitari eam desiderio amoris eius, et confici iacentem domi suae, et agentem omnia, quatenus possit aliquando videre sponsum suum atque osculis eius perfrui. Quae, quoniam differri amorem suum nec adipisci se posse quod desiderat, videt, convertat se ad orationem et supplicet Deo, sciens eum Patrem esse sponsi sui. SCh 375.*

<sup>61</sup> *Consideremus ergo eam levantem sanctas manus sine ira et disceplatione in habitu ordinato cum verecundia et sobriale, ornatam dignissimis ornamentis quibus, ornare decet nobilem sponsam, aestuantem vero desiderio sponsi et interno vulnere amoris agitatam, orationem, ut diximus fundere ad Deum et dicere de sponso suo: Osculatur me ab osculis oris sui. Haec sunt quae dframat in modum compósita histórica continent explanatio. . SCh, 375.*

tempo, já que estava preparada para o casamento do Filho do Rei, seus santos anjos a acompanharam e serviram, oferecendo a Lei como presente de casamento.<sup>62</sup>

Orígenes segue afirmando que os Profetas também estavam a serviço do esposo. Eles proclamaram tudo o que Deus ofereceu e ensinou a esposa, como se fosse um dote de casamento. Além disso, com o fim de fazer com que o amor da futura esposa se inflamasse pelo Esposo, fizeram com que ela conhecesse o anúncio da vinda do esposo e proclamaram suas inumeráveis virtudes e imensas obras. Por fim, descreveram a beleza do esposo, sua graça e doçura, de modo que o amor da esposa ficou, de fato, inflamada até um grau imenso.<sup>63</sup>

Contudo, considerando que o mundo já estaria próximo de seu fim e a presença do amado ainda não havia sido concedida à esposa, ela eleva sua oração ao Pai do Esposo. Reza suplicando que, tendo misericórdia de seu amor, envie logo o Amado, e não mais os seus servidores, os anjos e profetas. Ela O deseja para que Ele a beije com os beijos de sua boca, isto é, coloque na boca da amada as palavras de Sua boca, para que ela escute a Ele próprio falando e veja a Ele mesmo ensinando.<sup>64</sup> Portanto, estes são os beijos que Cristo ofereceu à sua esposa quando de sua vinda: as palavras de fé, de caridade, de paz, segundo o que o profeta Isaías prometera anteriormente à esposa dizendo: “nenhum mensageiro, nenhum anjo, mas o Senhor mesmo é quem os salvará” (Cf. Is 63, 9).<sup>65</sup>

Contudo, numa terceira parte da explicação, Orígenes fala de uma alma cuja única preocupação seja estar unida e associada ao Verbo de Deus, e penetrar nos mistérios de sua sabedoria e de sua ciência, como em um leito nupcial do esposo celestial. Que estejam com esta alma os dons com os quais ele a presenteou, evidentemente, a título de dote.

Assim como o dote da Igreja foram os livros da lei e dos profetas, para esta alma temos como presente de dote a lei natural, o pensamento racional e o livre-arbítrio. Tendo,

---

<sup>62</sup> Interior vero intellectus videamus si hoc modo poterit competenter aptari. Ecclesiae sit desiderans Christo coniungi; eclésia autem coetum omnium adverte sanctorum. Haec ergo ecclesia sit quasi omnium una persona, quae loquatur et dicat : omnia habeo repleta sum muneribus quae aponsaliorum vel dotis titulo ante nuptias sumpsi. *Ibidem*.

<sup>63</sup> Ministraverunt mihi etiam prophetae. Locuti sunt enim et ipsi omnia per quae non solum ostenderent et indicarent mihi Filio Dei, cui me delatis his quae appellantur arrhis et muneribus dotalibus spondere cupiebant; verum ut et in amorem me eius propheticis vocibus de adventu eius, et de innumeris virtutibus operibusque eius immensi repleti sancto. Spiritu praedicaverunt. Pulchritudinem quoque eius et especiem ac mansuetudinem descripserunt, ita ut ex omnibus his ad amorem eius intolerabiliter inflammarent. *Ibidem*.

<sup>64</sup> Sed quoniam saeculum iam paene finitum est et ipsius breve coelatio quibus praesentia non datur mihi, solos autem ministros eius video adscendentes et descendentes ad me, propter hoc ad Patrem sponsi mei precem fundo et obsecro, et tandem miseratus amorem meum mittas eum, ut iam non mihi per ministros suos angelos dumtaxat et prophetas loquatur sed ipse per semet ipsum veniat et *osculatur me ab osculis oris sui*, verba in os meum sui oris infundat, ipsum audiam loquentem ipsum videam docentem. *Ibidem*.

<sup>65</sup> Haec enim sunt Christi oscula quae porrexit ecclesiae, cum in adventu suo ipse praesens in carne positus locutus est ei verba fidei et caritatis et pacis, secundum quod Esaias promiserat, praemissus ad sponsam et dixerat : non legatus neque angelus, sed *Ipse Dominus salvabit eos*. *Ibidem*.

pois, estes presentes de dote, existe para ela a doutrina de uma primeira instrução proveniente dos conselheiros e doutores.<sup>66</sup>

Visto que ela não encontra a satisfação plena e perfeita de seu desejo e de seu amor, suplica para que sua mente pura e virginal seja ilustrada pelas iluminações e visitas do mesmo Verbo de Deus. Pois, sem nenhuma intermediação de homem ou anjo, a mente é repleta de divinos significados e compreensões, e estima ter recebido os beijos do próprio de Verbo de Deus. Tendo em vista estes dons, a alma diz a Deus em oração: “Que me beije com os beijos de tua boca” (Ct 1,2).<sup>67</sup>

### 2.3 Clemente de Alexandria<sup>68</sup>

Clemente está firmemente convencido de que há somente uma Igreja universal que é a Esposa de Cristo, assim, como há um só Deus Pai, um só Verbo Divino e um único Espírito Santo. A esta Igreja ele a chama de Virgem Mãe, que alimenta a seus filhos com o leite do Verbo divino.

Considera um mistério maravilhoso que haja apenas um Pai de todos, que igualmente exista somente o *Logos* de todos e o Espírito Santo único e idêntico em todas as partes. Assim, de igual forma a uma só Virgem-Mãe, a Igreja, Esposa do Verbo. Unicamente esta Mãe não amamentou seus filhos com seu próprio leite, pois ela não o tinha. Ela alimenta seus filhos com o leite da santidade, que é o *Logos* para seus filhos.<sup>69</sup>

Clemente observa também que a mãe atrai para si os seus filhos e que nós buscamos a nossa Mãe, a Igreja. No último capítulo do *Pedagogo*, chama a Igreja de Esposa e Mãe do Preceptor. Ela é a escola onde ensina seu esposo, Jesus.<sup>70</sup>

---

<sup>66</sup> Tertio vero expositionis loco introducamus animam cuius omne studium sit coiungi et consociari Verbo Dei et intra mysteria sapientiae eius ac scientiae veluti sponsi caelestis thalamos intrare; cuique animum praesentiae etiam ipsius munera data sint, dotis scilicet nomine. Sicut enim ecclesiae dos fuit legis et prophetarum volumina, ita huic lex naturae et rationabilis sensus ac libertas arbitrii dotalia munera deputentur. Habens autem haec dotis suae munera, sit ei primae eruditionis doctrina a monitoribus doctoribusque descendens. Cf. Orígenes, SCh 375.

<sup>67</sup> Sed quoniam in his non est ei plena et perfecta desiderii sui et amoris expletio, deprecetur ut mens eius pura et virginalis ipsius Verbi Dei suscepisse se credat. Propter haec ergo et huiusmodi oscula dicat anima orans ad Deum : *Osculetur me ab osculis oris sui*. SCh 375.

<sup>68</sup> Tito Flavio Clemente veio ao mundo por volta de 140-150, em Atenas ou Alexandria, e desfrutou junto a diversos mestres (...) de uma formação filosófica à maneira dos filósofos itinerantes de então. Por volta de 180-190 se estabeleceu em Alexandria, onde ouviu Panteno e fundou uma escola filosófica. (...) No começo da perseguição aos cristãos por Septímio Severo teve de deixar Alexandria e retirar-se para a Palestina (Capadócia?), para junto de seu amigo Alexandre, mais tarde bispo de Jerusalém. Aí morreu antes do ano 210-215, como se conclui de uma carta de Alexandre a Orígenes. DROBNER, Hubertus R. *Manual de Patrologia*. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 139.

<sup>69</sup> PG 8, 297.

<sup>70</sup> *Ibidem*.

Segue em seu *Pedagogo* chamando os membros da Igreja de alunos de sua bem aventurada pedagogia, que devem buscar a bela figura da Igreja e correr como meninos para sua boa Mãe. E fazendo-se ouvintes do Verbo, exaltem o ditoso ensinamento pelo qual o homem é educado e santificado como filho de Deus. E enquanto se educa na terra, os filhos da Igreja são cidadãos dos céus, onde recebem a seu Pai, o qual aprenderam a conhecer na terra.<sup>71</sup>

Ademais, a dignidade da Igreja como princípio de coesão está na unidade. Nisto se sobrepõe a todo resto e não há nada que lhe seja igual ou parecido. Desta feita, Clemente de Alexandria não ignora que o maior obstáculo para a conversão dos pagãos e judeus à religião cristã é o fato da cristandade estar dividida em muitas partes diferentes.<sup>72</sup>

## 2.4 Tertuliano<sup>73</sup>

Tertuliano é o primeiro a aplicar à Igreja o título de Mãe, título este naturalmente associado ao fato da Igreja ser a Esposa de Cristo. Trata-se de uma expressão de dignidade e afeto, de reverência e amor, pois a chama de “A Senhora Mãe Igreja”.

Em outro lugar, explicando a oração do Senhor aos catecúmenos, demonstra-lhes que a Palavra “Pai” com a qual começa essa oração, também é uma invocação ao Filho e que também se subentende uma mãe.<sup>74</sup>

No final de seu tratado sobre o batismo, se dirige aos catecúmenos, dizendo aos que esperam a graça de Deus pelo renascimento do batismo, que também vão estender pela primeira vez as mãos para orar no seio de uma mãe.

Nessa oportunidade devem pedir ao Espírito Santo a abundância de seus carismas. É interessante constatar que Tertuliano manteve este conceito ao longo de toda a sua vida, inclusive no seu período montanista.<sup>75</sup>

<sup>71</sup> QUASTEN, Johan. *Patrologia I*. Madrid: BAC, 1978, p. 339.

<sup>72</sup> *Ibidem*, p.339-340.

<sup>73</sup> Quintus Septimius Florens Tertulianus é o primeiro escritor cristão de língua latina de que temos conhecimento; porém, mesmo havendo deixado uma vasta obra (...) é relativamente pouco o que sabemos sobre sua vida. Tertuliano nasceu por volta do ano 160, em Cartago, de uma família pagã. A partir de 207 começou a se aproximar sempre mais do rigor montanista, até que, em 213, terminou de romper definitivamente com a Igreja Católica, acusando-a de laxismo. Não sabemos quando nem onde morreu. DROBNER, Hubertus R. *Op. cit.*, p. 160.

<sup>74</sup> *SCh* 35.

<sup>75</sup> *SCh* 35.

## 2.5 Novaciano <sup>76</sup>

Este Padre chama a Igreja de Virgem e Esposa de Cristo. Faz afirmações sobre as relações entre o Espírito Santo e a Igreja. Diz que, prometido desde tempos muito remotos e devidamente concedido no momento previsto, o Espírito Santo operava nos profetas de uma maneira passageira e, nos apóstolo, de maneira permanente. <sup>77</sup>

Afirma que foi o Espírito Santo quem fortaleceu as almas, que lhes manifestou claramente os mistérios do Evangelho, que lhes iluminou para que entendessem as coisas divinas, quem lhes deu forças de não temer as cadeias nem o cárcere pelo nome do Senhor.

Ainda mais, puderam suportar os tormentos do mundo somente porque estavam armados e fortalecidos pelo Espírito, porque possuíam em si mesmos os dons que este mesmo Espírito distribui e concede, como adorno, à Igreja, que é a Esposa de Cristo. <sup>78</sup>

Segue o mesmo autor afirmando que a Igreja é perfeita pela ação do Espírito Santo nela, que a faz ser repleta de dons e conservar incorrupta e inviolada na santidade virginal de esposa de Cristo.

Concede aos apóstolos que sejam verdadeiras testemunhas de Cristo; manifesta nos mártires a fé inquebrantável; encerra no peito das virgens a maravilhosa continência de uma inviolada castidade; conserva nos demais homens, sem corrupção nem mancha, as leis da doutrina de Cristo; destrói os hereges; corrige aos desencaminhados; convence os incrédulos; descobre o impostores e repreende os malvados.

O Espírito Santo guarda a Igreja incorrupta e inviolada na santidade de uma virgindade e de uma verdade perpétuas. <sup>79</sup>

---

<sup>76</sup> Novaciano seria de origem frigia; porém, este testemunho não é muito seguro. Em carta dirigida ao bispo Fábio de Antioquia, o papa Cornélio afirma que Novaciano foi batizado estando gravemente enfermo e que nunca foi crismado. Ainda que o mesmo Cornélio o estigmatize por sua “astúcia e duplicidade, por seus perjúrios e falsidades, por seu caráter anti-social e amizade de lobo”, chegando ao extremo de chamar-lhe de “besta traiçoeira e maligna”, devia possuir, entretanto, muitas qualidades, dado que, no ano de 250 ocupava uma posição influente no clero romano. QUASTEN, J. *Patrologia I*. Madrid: BAC, 1978, p. 437.

<sup>77</sup> *PL* 3, 936.

<sup>78</sup> *Ibidem*.

<sup>79</sup> *PL* 4, 510.



## 2.6 Cipriano de Cartago <sup>80</sup>

Para este autor, não é possível ter a Deus por Pai quem não tem a Igreja por Mãe, especialmente em razão de que a unidade da Igreja tem sua fundamentação principal na unidade da Santíssima Trindade.

Não pode ter a Deus por Pai quem não tem a Igreja por mãe. Como ninguém se pôde salvar fora da Arca de Noé, assim ninguém se salva fora da Igreja. O Senhor nos alerta e diz: “Quem não está comigo, está contra mim, quem comigo não recolhe, dissipa” (Mt 12,30). Quem rompe a paz e a concórdia de Cristo, trabalha contra Cristo. Quem faz a colheita alhures, fora da Igreja, esse dissipa a Igreja de Cristo. Diz ainda o Senhor: “Eu e o Pai somos um” (Jo10, 39), e do Pai, do filho e do Espírito Santo está escrito: “Estes três são um” (1 Jo 5,7). Como poderá alguém pensar que esta unidade da Igreja, decorrente da própria firmeza da unidade divina, e tão conforme com este celeste mistério pode ser rompida e sacrificada ao arbítrio de vontades opostas? Quem não observa esta unidade, não observa a Lei de Deus, não observa a fé do Pai e do Filho, não possui nem a vida nem a salvação.<sup>81</sup>

A Igreja é esposa de Cristo e, como tal não pode ser adúltera. Todo que se separa da Igreja se torna como uma adúltera e fica separado também das promessas feitas à Igreja. Não chegará a conseguir os prêmios de Cristo o que abandona a Igreja de Cristo. É um estranho, um profano, um inimigo.

Por conseguinte, o caráter fundamental da Igreja é a unidade. Para poder descrevê-la, Cipriano usa toda a riqueza de sua imaginação. Vê um símbolo da Igreja na túnica inconsútil de Cristo.

A Esposa de Cristo não pode tornar-se adúltera, ela é incorruptível (Cf. Ef 5,24-31). Conhece uma só casa, observa com delicado pudor, a inviolabilidade de um só tálamo. É ela que nos guarda para Deus e torna partícipes do Reino os filhos que gerou. Aquele que, afastando-se da Igreja, vai juntar-se a uma adúltera, fica privado dos bens prometidos à Igreja. Quem abandona a Igreja de Cristo, não chegará aos prêmios de Cristo. Torna-se estranho, torna-se profano, torna-se inimigo.

Afirma que este sacramento de unidade e vínculo de concórdia indissolúvel se nos dá a conhecer quando nos fala no Evangelho da túnica de Cristo, a qual não podia ser dividida nem rasgada; por isso, os soldados jogaram a sorte para ver quem ficaria com ela. Desta forma, somente um receberia a posse inteira e indivisível.

<sup>80</sup> A vida de Cipriano nos é conhecida sobretudo a partir de seus próprios escritos: o pequeno escrito *Ad Donatum*, que representa como que uma apologia à sua conversão ao cristianismo (...) Cipriano nasceu em Cartago no começo do século III, de uma família distinta e abastada (...) Por volta de 246, por influência do presbítero cartaginês Ceciliano, voltou-se para o cristianismo, distribuiu generosamente seus bens entre os pobres e abandonou a profissão que exerceu até então, a fim de viver unicamente para o cristianismo. Desta forma, rapidamente conquistou a simpatia de muitos, de modo que não tardou a ser convocado para o sacerdócio e em 248-249 para o episcopado em Cartago. Morreu em 258, sob a perseguição de Valeirano. Cf. DROBNER, Hubertus R. *Op. cit.*, p. 174-176.

<sup>81</sup> *PL* 4, 510.

Nesta túnica sem costura de nosso Senhor estava representada a unidade que vem de cima, ou seja, isto é, do Pai do céu. Por isto, não pode essa unidade ser rompida por aquele que recebe a posse da túnica inteira, ou seja, da Igreja, por ela goza de uma firmeza e uma solidez que a tornam inseparável. Não pode entrar na posse da túnica de Cristo o que rompe e divide a Igreja de Cristo.<sup>82</sup>

## 2.7 Hipólito de Roma<sup>83</sup>

Em seu *Comentário sobre Daniel*, a sua obra que se encontra em melhor estado nos nossos dias, trata da esponsalidade na relação Cristo-Igreja através da figura de Suzana e Joaquim. Este comentário está dividido em quatro livros. O primeiro livro trata da história de Suzana. O autor vê nela a figura da Esposa imaculada de Cristo, a Igreja, perseguida por dois povos, os judeus e os romanos.<sup>84</sup>

Suzana era a figura da Igreja, e Joaquim, seu marido, de Cristo. O jardim de sua casa representava a sociedade dos santos, plantados como árvores frutíferas no meio da Igreja. Babilônia é o mundo. Os dois anciãos que acusam Suzana representam a figura dos dois povos que conspiram contra a Igreja de Cristo: os judeus e os romanos.

A crítica aos juízes apresenta a condenação daqueles que são colocados para julgar a Igreja, mas que não podem fazê-lo com imparcialidade por serem inimigos da mesma. Como eles poderiam julgar a Igreja, como poderiam mirar o céu de coração puro sendo escravos do príncipe deste mundo? Guiados por Satã, estes dois povos (judeu e romano) não cessam de maquirar perseguições e tribulações contra a Igreja. Buscam a maneira de maneira de destruí-la, mas não se entendem entre si.

Quando a bem-aventurada Suzana ouviu as palavras dos dois anciãos que a acusavam falsamente, sentiu grande dor em seu coração e permaneceu calada, pois não queria ser desonrada por aqueles dois velhos perversos. Agora, como se pode ver toda a verdade, o que aconteceu a Suzana se vê realizado na Igreja.

Quando os dois povos se unem para seduzir aos santos, ficam esperando uma ocasião propícia para atacar; quando surge a ocasião, entram na casa de Deus enquanto estão

---

<sup>82</sup> PL 4, 510.

<sup>83</sup> Hipólito viveu em Roma de 189 a 235. primeiro como presbítero e, a partir de 217, como bispo, conformesua própria afirmação. Se sua afirmação é verdadeira, foi um anti-bispo, por causa de suas discussões com Calisto. Em 235 o cisma foi encerrado quando o Imperador Máximo Trácio mandou os dois para o exílio na Sardenha, onde ambos morreram em torno de 235-236. Cf. DROBNER, Hubertus. *Op. cit.*, p. 235-236.

<sup>84</sup> *SCh*, 11.

cantando e louvando ao Senhor e levam alguns para fora e os querem obrigar a serem infiéis ao seu Deus, usando de violência para levá-los a idolatria.<sup>85</sup>

O mesmo autor, em sua obra "*Comentário ao Cântico dos Cânticos*", igualmente associa o rei com Cristo e a Rainha com a Igreja, esposa amada de Cristo. Este texto chegou até o tempo hodierno através da versão georgiana, existindo também fragmentos em eslavo, armênio e sírio.

## 2.8 Metódio do Olimpo<sup>86</sup>

No seu *Banquete ou sobre a virgindade*, Metódio imita o estilo dos diálogos de Platão, de quem era leitor assíduo. Concebeu o *Banquete* como réplica cristã da obra do grande filósofo. Intervêm dez virgens que exaltam a virgindade. Todas a apresentam como o tipo de vida cristã perfeita e a maneira ideal de imitar a Cristo. Ao final, Tecla, uma das virgens, entoa um hino entusiasta em honra de Cristo, o Esposo, e da Igreja, sua Esposa.<sup>87</sup>

---

<sup>85</sup> *SCh* 14, 237.

<sup>86</sup> Um dos principais adversários de Orígenes foi Metódio. De sua vida sabe-se quase nada, pois não é mencionada na *História Eclesiástica* de Eusébio. É possível que tenha sido bispo da Filipos na Macedônia, mas deve ter passado boa parte de sua vida na Lícia, pois por muito tempo pensou-se que poderia ter sido bispo de Olimpo, uma cidade dessa região. Tratava-se de um homem de refinada cultura e de um excelente teólogo. Refutou a doutrina da preexistência da alma e o conceito espiritualista de ressurreição do corpo. De sua extensa produção, só existe um reduzido número de escritos. Cf. QUASTEN, Johannes. *Patrologia I*. Madrid: BAC, 1978, p. 436-437.

<sup>87</sup> *Tecla. No alto dos céus, oh virgens! Se deixa ouvir o som de uma voz que desperta aos mortos; devemos apressar-nos, diz, a ir todas ao oriente ao encontro do Esposo, revestidas de nossas brancas túnicas e com as lâmpadas na mão. Despertaí e avançaí antes que o Rei feche a porta.*

*Todas. A ti consagro minha pureza, oh divino Esposo! E vou ao teu encontro com a lâmpada brilhante em minha mão.*

*Tecla. Desejei a felicidade dos mortais, tão lamentáveis; os prazeres de uma vida voluptuosa e o amor profano; em teus braços, que dão a vida, me acolho buscando proteção, esperando contemplar, oh Cristo bem aventurado! Tua eterna beleza.*

*Todas. A ti consagro minha pureza, oh divino Esposo! E vou ao teu encontro com a lâmpada brilhante em minha mão.*

*Tecla. Abandonei os tálamos e os palácios de bodas terrenas por ti, oh divino mestre, resplandecente qual o ouro; a ti me acerco com minhas vestes imaculadas, para ser a primeira a entrar contigo na felicidade completa da câmara nupcial.*

*Todas. A ti consagro minha pureza, oh divino Esposo! E vou ao teu encontro com a lâmpada brilhante em minha mão.*

*Tecla. Depois de haver escapado, oh Cristo bem aventurado, aos enganos do dragão e suas artificiosas seduções, sofri o ardor da chamas e as acometidas mortíferas de bestas ferozes, confiada em que virias ajudar-me.*

*Todas. A ti consagro minha pureza, oh divino Esposo! E vou ao teu encontro com a lâmpada brilhante em minha mão.*

*Tecla. Esqueci de minha pátria arrastada pelo encanto ardente de tua graça, oh Verbo Divino; esqueci os coros das virgens companheiras de minha idade e o fausto de minha mãe e minha raça, porque tu mesmo, oh Cristo, eras todo para mim.*

*Todas. A ti consagro minha pureza, oh divino Esposo! E vou ao teu encontro com a lâmpada brilhante em minha mão.*

Metódio manifesta a influência que teve de Irineu de Lion quanto à doutrina da recapitulação, afirmando que, em razão do pecado de Adão, Deus determinou uma nova criação pela Encarnação. E Metódio vai bem além de Irineu, pois propõe uma recriação muito mais completa. A sua eclesiologia, assim, está particularmente ligada à idéia do segundo Adão. A diferença é que, para Irineu, a segunda Eva é Maria, ao passo que, para Metódio, é a Igreja.<sup>88</sup>

Metódio afirma que Paulo associa o Cristo o que havia sido dito a respeito de Adão, proclamando que a Igreja nasceu dos ossos e da carne do Senhor. Por amor a ela, o Verbo de Deus, deixando ao Pai nos céus, desceu a terra para acompanhá-la como esposa e dormir o êxtase do sofrimento. Além disso, morreu prazeroso por ela para apresentá-la gloriosa, sem ruga nem mancha, purificando-a pela água do batismo, fazendo-a capaz de receber o germen espiritual que o Verbo planta e faz germinar com suas inspirações no mais profundo da alma.

Por sua parte, a Igreja, enquanto mãe dá forma àquela nova vida, para engendrar e acrescentar a virtude. Desse modo, se cumpre profeticamente aquele mandato do Gn 1,8 “Crescei e multiplicai-vos”. Assim, a cada dia a Igreja aumenta em quantidade de membros, em plenitude e beleza, graças à sua união e íntima relação com o Verbo, que ainda agora geram a nós todos e se dá a nós mediante a celebração de sua paixão, morte e ressurreição.

Metódio segue afirmando que a Igreja não poderia de outro modo conceber e regenerar seus filhos crentes pela água do batismo se Cristo não tivesse sofrido a paixão por eles e não tivesse morrido novamente. Ao descer do céu. Pois é assim que o divino Esposo uniu-se à sua Esposa, a Igreja, a fim de proporcionar-lhe um novo vigor pelo seu lado aberto pela lança, do qual jorrou sangue e água. Por este sangue e água é que puderam crescer e se desenvolver todos aqueles que renasceram pelas águas do batismo e receberam a vida comunicada de seus ossos e de sua carne, ou seja, de sua santidade e de sua glória.<sup>89</sup>

Após a leitura destas passagens, poderia causar espanto o fato de saber que Metódio foi um dos adversários de Orígenes, posto que o *Comentário sobre o Cântico dos*

*Tecla. Salve, oh Cristo, doador da vida, luz sem ocaso! Ouve nossas aclamações! É o coro das virgens que quem tas dirige, oh flor sem espinho, gozo, prudência, sabedoria, oh Verbo de Deus!*

*Todas. A ti consagro minha pureza, oh divino Esposo! E vou ao teu encontro com a lâmpada brilhante em minha mão.*

*Tecla. Abre as portas, oh rainha, a de rica veste; admite-nos na câmara nupcial! Esposa imaculada, vencedora, egrégia, que te moves entre aromas! Revestidas com vestes semelhantes, eis nos aqui, flores tuas, sentadas junto a Cristo para celebrar tuas venturosas núpcias.*

*Todas. A ti consagro minha pureza, oh divino Esposo! E vou ao teu encontro com a lâmpada brilhante em minha mão. Cf. SCh 95.*

<sup>88</sup> *Ibidem.*

<sup>89</sup> SCh, 85.

*Cânticos* deste expõe as mesmas idéias e as mesmas alegorias, seguindo a mesma interpretação mística. De fato, não foi senão mais tarde quando Metódio começou a refutar o mestre alexandrino. Por outro lado, parece que em seus primeiros escritos lhe havia dado grandes louvores. Segundo São Jerônimo, Pânfilo, em sua *Apologia de Orígenes* recorda a Metódio que também ele anteriormente teve em grande estima a este doutor. Dentre as diversas obras de Metódio, dos quais muitos estão perdidos ou em fragmentos, o *Banquete* é o único que se conserva em seu texto grego íntegro.

## 2.9 Gregório de Nissa

Gregório foi um dos três grandes Padres Capadócijs.<sup>90</sup> Em sua obra denominada *Exata Interpretação do Cântico dos Cânticos*, apresenta um comentário que consta de quinze homilias sobre Cântico dos Cânticos 1,1 – 6,8.

No prefácio, defende, contrariando alguns escritores eclesiásticos, a necessidade e o direito de se dar uma interpretação espiritual à Escritura, chamando-a de tropologia ou alegoria. O prólogo encerra com um louvor a Orígenes, cuja exegese mística teve muita influência sobre Gregório. O Cântico dos Cânticos representa para ele a união de amor entre Deus e a alma a partir da figura das núpcias.

É este o aspecto do livro que se destaca no comentário de Gregório, em contraste com Orígenes, o qual, nas suas homilias sobre este tema prefere considerar a esposa do Cântico dos Cânticos como a imagem da Igreja, interpretação que Gregório não esquece nem contraria, mas que não coloca em primeiro plano.<sup>91</sup>

## 2.10 Agostinho de Hipona<sup>92</sup>

A Igreja é um dos temas principais da obra de Agostinho. Ele explorou a fundo a natureza da Igreja nas controvérsias maniquéias e donatistas. Na primeira estudou-a como um fato histórico e motivo de credibilidade; na segunda, como comunhão e Corpo Místico de

<sup>90</sup> Nasceu em 335 e foi educado por seu irmão mais velho, São Basílio, a quem chama com freqüência de seu mestre. Em outubro de 371 foi elevado à sede episcopal de Nissa, povoado insignificante do distrito metropolitano de Cesaréia. Ainda que tivesse sido ordenado bispo contra sua vontade, não decepcionou seu irmão Basílio. Dos três grandes capadócijs, Gregório de Nissa é, com certeza, o escritor mais versátil e que maior êxito teve. Seus escritos revelam uma profundidade e largueza de pensamento que não tiveram Basílio e Gregório Nazianzeno. Impressionam sua atitude compreensiva ante as correntes contemporâneas da vida intelectual e sua grande capacidade de adaptação. Cf. QUASTEN, Johan. *Patrologia II*. Madrid: BAC, 1978, p.293.

<sup>91</sup> PG 44, 755-1120.

<sup>92</sup> Agostinho nasceu em 13 de novembro de 354, na cidade de Tagaste, situada na província da Numídia, no norte da África. Era filho de um funcionário não cristão do Império Romano e de Mônica, uma piedosa cristã. Desde criança foi educado pela mãe na fé cristã, mesmo sem ter sido batizado. Em 372 nasce seu filho Adeodato, fruto de suas aventuras mal sucedidas. Na Páscoa de 387 recebeu o batismo. Foi presbítero e depois bispo em Hipona, a partir de 395-397. Morreu em 28 de agosto de 430. Cf. DI BERNARDINO, Angelo. *Patrologia IV*. Madrid: BAC, 1981, p. 406.

Cristo. As dificuldades que alguns apresentam na interpretação da doutrina agostiniana procedem da realidade complexa e misteriosa da mesma Igreja: realidade que é, simultaneamente histórica e escatológica, hierárquica e espiritual, visível e invisível, o que Agostinho sempre tem presente.

Quando fala da Igreja, pode se referir à comunidade dos fiéis edificada sobre o fundamento dos apóstolos; ou à comunidade dos justos, que peregrinam pela terra desde Abel até o fim do mundo; ou à comunidade dos predestinados que já vivem na imortalidade bem aventurada. Portanto, é preciso distinguir e unir, como faz Agostinho.<sup>93</sup>

Entendida na primeira concepção, Agostinho defende sua unidade e universalidade, a apostolicidade e a santidade. Foi, antes de tudo, apóstolo e teólogo da unidade, a qual supõe, se é plena, a comunhão da fé, dos sacramentos e do amor. A esta tríplice comunhão se opõe a heresia, o cisma e o pecado, que sempre é falta de amor.

Acerca da comunhão dos sacramentos, ou seja, da Igreja unida pelos sinais sacramentais, resolvendo o antigo problema apresentado por Cipriano, Agostinho contribuiu de forma decisiva ao progresso da teologia eclesiológica e sacramental. Distingue entre sacramentos válidos e proveitosos e demonstra que o batismo é válido também fora da Igreja, ainda que seja aproveitado somente na Igreja.<sup>94</sup>

Essa doutrina se fundamenta em outras das quais formam o núcleo central da eclesiologia de Santo Agostinho. A primeira, cristológica, é a doutrina do “Cristo total”, segundo a qual, Cristo, como Cabeça, está sempre presente e atuando na Igreja que é seu corpo. A Igreja e Cristo são uma mesma pessoa. A segunda, pneumatológica, professa que o Espírito Santo é a alma do Corpo místico e é por ele que se dá a unidade da Igreja, assim como é Ele que, em Deus, produz a comunhão do Pai e do Filho.

Mas a Igreja se estende além dos seus confins institucionais, atravessa todos os tempos e tende à eternidade, na qual haverá a sua consumação. Somente então será a esposa de Cristo sem mancha nem ruga, anunciada em Ef 5 27, pois só então os pecadores serão separados, ainda que exteriormente, dos justos. Assim, a Igreja é, pois, essencialmente escatológica, embora não o seja somente escatológica.

---

<sup>93</sup> AGOSTINHO DE HIPONA, *Epístola* 43, 1.

<sup>94</sup> *Ibidem* 54,1.

## 2.11 Apônio<sup>95</sup>

O autor segue a tradição origeniana, conhece o comentário ao Cântico dos Cânticos atribuído a Hipólito de Roma (cf. acima exposto) expondo em doze livros escritos em linguagem tosca, porém eficaz, e seguindo a Vulgata de Jerônimo. Apresenta uma exegese cristológica do Cântico, examinado inteiramente a partir do ponto de vista espiritual e da história da salvação. Assim, ele põe em relevo as relações entre Cristo e a Igreja desde o começo da história.

Comentando o Cântico, Apônio afirma que não há quem desconheça que a palavra Igreja significa em língua grega “assembléia do povo”, o que, por sua vez, se diz em hebraico com a palavra sinagoga. Conforme as circunstâncias de lugar e de tempo, a Igreja foi designada com diversos nomes pela Palavra de Deus. Algumas vezes é chamada “Jerusalém”; outras, “Sião”; muitas vezes, “amiga”; seguidamente, “dileta”; e ainda, “irmã” e “bela”; ou então, falando em nome de Cristo, os profetas a chamaram de “esposa”, “pomba”, “imaculada” ou “perfeita”.<sup>96</sup>

Apônio também afirma que a Igreja é chamada de “Jerusalém” porque, após a cólera de Deus todo poderoso, recebeu a paz enviada do céu pelo Pai, visto que a palavra Jerusalém, na língua hebraica, significa “paz”. É chamada de Sião porque, desde este vale de lágrimas da idolatria onde, em Adão, havia caído, agora se eleva de coração ao monte do paraíso. Graças à pureza de seu coração, se oferecendo como espelho da Trindade indivisa, se torna tão bela e excelsa que Deus se deleita em passear por ela como por um monte fértil, espalhando as sementes da sua sã doutrina; por isso, a palavra “Sião” é interpretada como espelho ou como “terra semeada”.<sup>97</sup>

É a Igreja chamada de “amiga” porque, ao rejeitar o diabo, renovou sua amizade com Deus. “Dileta” é chamada em razão de que, após ter experimentado o gosto amargo da

<sup>95</sup> Sob o nome de Apônio, considerado romano, talvez de origem oriental, se conserva uma *Exposição do Cântico dos Cânticos*, composta, conforme senso comum, na Itália, provavelmente em Roma entre os anos 410 e 415. Não falta quem a associe a um autor irlandês do século VI. Todavia, a datação anterior corresponde melhor ao modo como o autor combate aos hereges do século IV, ao seu interesse pela Igreja de Roma e, sobretudo, a seu silêncio quanto à controvérsia pelagiana, apesar de que o argumento que trata, a saber, a Igreja sem mancha, não o teria dispensado de ocupar-se dela. Cf. DI BERNARDINO, Angelo. *Op.cit.*, p. 691-692.

<sup>96</sup> *Ecclesiae autem vocabulo graeco sermone congregatio nem populi quae hebraice dicitur synagoga, interpretari, nemo qui nesciat. Quae pro loco vel tempore diuersis nominibus a verbo Dei uocitata esse probatur. Aliquando Hierusalem, non nunquam Sion, plerumque amica, saepenumero dilecta, inter dum soror vel speciosa dicitur; aut sponsa, columba, seu immaculata vel perfecta in Christi persona ore prophetarum appellata cognoscitur. Sch, 420.*

<sup>97</sup> *Hierusalem siquibidem dicitur quia, post iracundiam omnipotentis Dei, pacem de caelo missam a Patre suscepit, eo quod “pax” abraea lingua signetur. Sion uero quia de conuallae lacrimarum idolatriae, ubi in corpore lapsa fuerat in Adam, nunc corde ad montem paradisi reascendit, et per munditiam cordis speculum se praebendo indiuiduae Trinitati, conspicua et excelsa efficitur, in qua Deus omnipotens quasi in fertili monte delectetur deambulare et beatum doctrinae suae semen spargere; propter quod “specula” vel “sēmen in ea” interpretatur. Sch, 420.*

incredulidade, ela se tornou a “dileta de Deus” pelos dons da fé. Ela recebe o nome de “irmã” como conseqüência do mistério da encarnação, quando o Filho de Deus nasce sobre a terra e se mostra com a mesma natureza com a qual a Igreja é gerada. E é a Igreja qualificada de “bela” porque, no batismo, foi lavada de toda a mancha do pecado, e após ter sua pele morena enegrecida pelo hábito de crime, recuperou seu esplendor original, sendo louvada por sua beleza.<sup>98</sup>

Ela se tornou “esposa” ao unir, no seu próprio corpo, o corpo e o sangue de Cristo, que é o esposo. Por este sacramento, ela se compromete a amá-Lo de todo coração e a não ter nenhum outro amante, conservando com grande cuidado a preciosa aliança de sua fé. Chamada é também de “formosa” por ter restaurado em sua alma a imagem segundo a qual havia sido criada. Recebe igualmente o nome de “pomba” porque abandonou todos os atos de rapina que, com suas mãos curvadas como garras de abutre, costumava cometer, e associada em consórcio com o Espírito Santo, ela refulge com a simplicidade e a generosidade cândida das pombas. Ela que, na pessoa dos maus doutores, se tinha acostumado a arrancar de outras almas o alimento da vida eterna, agora procura, na pessoa dos bons doutores, o alimento para aqueles que escutam a sua voz suavíssima de sua garganta, como o fazem naturalmente as pombas.<sup>99</sup>

É a Igreja louvada como imaculada porque abandonou os velhos hábitos de seus crimes, jamais sujou a veste sacrossanta com a qual foi revestida no batismo e, tornando-se imagem de Cristo Senhor, resplandece de beleza no martírio. Com efeito, era impossível achar outra ferramenta mais poderosa para aplainar as antigas asperezas da alma do que o martírio. Deste modo, colocada na fornalha dos suplícios, qualquer que seja a multidão sórdida dos pecados que a circunde, a alma é renovada em seu próprio sangue. Eis o que a

---

<sup>98</sup> *Amica* autem dicitur, quoniam repudiando diabolium ad amicitias reuocauit Deum. *Dilect* uero appellatur, quoniam post incredulitatis amaríssima odia, credulitatis muneribus dilecta efficitur Dei. *Soror* uidelicet nuncupatur, per adsumptae carnis mysterium, cum ex eadem materia uidendus nascitur terrisde qua et Ecclesia generatur. *Speciosa* scilicet pronuntia tur, abtersa per baptismum ab omnibus maculis peccatorum: post mutatum aethiopicam tenebrosa consuetudine criminum pellem, et ad genuinam pulchritudinem reuocata, speciosa laudatur. *Ibidem*.

<sup>99</sup> *Sponsa* uero effecta est, corpus eius et sanguinem suo corpori coniungendo: per quod sacramentum spondet se praeter eum nullum alium amatorem in toto corde diligere, pretiosum eius anulum fidei magno studio conseruando. *Formosa* namque praedicatur, formam eius imaginis in qua reata est in anima reformando. *Columba* uero nominatur: omni rapacitate, quam aduncis manibus uelut uulturinis unguis consueuerat perpetrare, deposita, consortio Spiritus sancti sociata, simplicitatis et lergitatis condore columbarum refulget, ut quae consueuerat in malis doctoribus, aliis animabus aeternae uitae rapere cibos, nunc, in bonis doctoribus, de suo suauiissimo gutture audientibus se impertit, sicut naturae est facere columbarum. *Ibidem*.



torna em Cristo “pomba”, “perfeita” e imaculada. É perfeita porque, em Cristo, recebe do Pai todo o julgamento.<sup>100</sup>

Assim, conclui-se deste segundo capítulo que alguns Santos Padres identificaram a relação de Yahweh com Israel, bem como de Cristo com a Igreja com a relação nupcial oriunda do Sacramento do Matrimônio. . E estas uniões devem servir de modelo para as relações estabelecidas entre os esposos.

---

<sup>100</sup> *Immaculata* autem laudatur quia, deposita antiqua et eu consuetudine criminum, stolam sacrosancti baptismatis semel indutam, immaculate uiuendo, ultra non maculait, et domini sui Christi imitatrix effecta, pro eius nomine moriendo, lima martyrii splendescit. Nullum enim aliud ferramentum fortius potuit reperiri per quod antiquae scoriae animae limarentur, nisi martyrii lima: per quod in tormentorum fornace posita anima, quantalibet sordium peccatorum mole sit circumdata in suo sanguine renouatur; per quod *perfecta* sit *columba* et in Christo *immaculata: perfecta* namque, omne iudicium a Patre suscipiendo in Christo. Cf. Apônio, *SCh*, 420.

### 3 ALGUNS PRONUNCIAMENTOS DO MAGISTÉRIO ECLESIAÍSTICO A RESPEITO DA RELAÇÃO ESPOSAL CRISTO-IGREJA E DO SACRAMENTO DO MATRIMÔNIO

Acerca do tema que se constitui em objeto deste trabalho de pesquisa, qual seja, o Sacramento do Matrimônio enquanto manifestação da união esposal existente entre Cristo e a Igreja há pronunciamentos magisteriais. Tais pronunciamentos aparecem quando se manifesta acerca do Sacramento do Matrimônio e da eclesiologia.

Além destes dois ramos, também se poderia situar o estudo da esponsalidade da relação Cristo-Igreja dentro da disciplina teológica da cristologia, considerando que o esposo nesta relação é o próprio Cristo. Contudo, o mesmo tema não é tratado de forma abundante dentro da cristologia nem pelos teólogos, nem pelo Magistério.

Neste capítulo, serão apresentados os ensinamentos do Magistério Eclesiástico a respeito do Sacramento do Matrimônio a partir do seu paradigma, ou seja, a relação conjugal que existe, na Nova Aliança, entre Cristo e a Igreja, e na Antiga Aliança, entre Yahweh e Israel.

Para tal, serão usados os seguintes documentos magisteriais: Tratado dos Sacramentos do Concílio de Trento; constituição *Gaudium et spes* do Concílio Vaticano II; Catequeses do papa João Paulo II nas audiências gerais das quartas-feiras acerca da eclesiologia; outros documentos de João Paulo II – *Mulieris dignitatem*, Carta às Famílias, Carta Encíclica *Dominum et Vivificantem*, Bula Pontifícia *Incarnationis mysterium* e Carta Apostólica *Novo millennio ineunte*; Carta Encíclica *Deus caritas est*, do Papa Bento XVI.

#### 3.1 Concílio de Trento

A reforma da Igreja Católica, ocorrida no século XVI, foi marcada fundamentalmente pela realização do Concílio de Trento, no qual um dos temas que se destaca é o dos Sacramentos. Quanto ao Sacramento do Matrimônio, há em Trento, elementos de doutrina e cânones.

O Concílio de Trento afirma que o perpétuo e indissolúvel vínculo matrimonial foi proclamado já na criação do mundo, quando, após criar homem e mulher, o Criador determina que eles deixem a casa de seus pais e formem uma só carne.<sup>101</sup>

---

<sup>101</sup> Matrimonii perpetuum indissolubiliemque nexum primus humani generis parens divini Spiritua instinctu pronuntiavit, cum dixit: “Hoc nunc os ex ossibus meis, et caro de carne mea. Quamobrem reinquet homo patrem suum et matrem, et adhaerebit uxori suae, et erunt duo in carne una[Gn 2,23; cf. Mt 19,5; Eph 5,31] (DH 1797).

Interessa a este trabalho a afirmação de Trento sobre o ensinamento claro de Jesus Cristo segundo a qual, com o vínculo matrimonial, homem e mulher se unem e geram uma união inseparável. Por sua paixão e morte redentora na cruz, o Senhor deu eficácia aos sacramentos, confirmou a unidade indissolúvel e concedeu aos esposos a santificação através do matrimônio. O mesmo fez Cristo pela Igreja, sua esposa.<sup>102</sup>

Jesus Cristo, por sua paixão e morte de cruz, elevou a união natural entre homem e mulher à categoria de sacramento, a partir da Lei do Evangelho. Por isso, os Santos Padres, os Concílios e toda a Tradição da Igreja sempre incluíram o matrimônio dentre os sacramentos da Nova Aliança. Porém, a inclusão do matrimônio dentre os sacramentos foi negada por homens ímpios que negam toda essa tradição apostólica e eclesiástica.<sup>103</sup>

### 3.2 Concílio Vaticano II – *Gaudium et spes*

Em sua Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo contemporâneo, os Padres Conciliares não deixaram de se pronunciar acerca da questão matrimonial. Na segunda parte da *Gaudium et spes*, se apresentam alguns dos problemas mais urgentes a serem enfrentados pela Igreja, surge em primeiro lugar a promoção da dignidade do matrimônio e da família, recordando a profunda integração existente entre o bem-estar da família e o da sociedade.<sup>104</sup>

A Constituição segue analisando as principais questões que abalam a estrutura matrimonial e não respeitam a sua dignidade desta instituição divina, a qual existe desde o princípio dos tempos e que foi elevado por Cristo à condição sacramental.<sup>105</sup>

Lembra que o matrimônio, enquanto comunidade de toda vida e de amor entre os cônjuges, é guiado por normas próprias e começa a acontecer pelo consentimento livre de ambas as partes, o qual gera um contrato bilateral. Este contrato, sendo válido, gera um

---

<sup>102</sup> Gratiam vero, quae naturalem illum amorem peficeret, et indissolubilem unitatem confirmaret, venerabilium sacramentorum institutor atque perfectior, sua nobis passione promeruit. Quod Paulus Apostolus innuit dicens: “Viri, diligite uxores vestras, sicut Christus dilexit Ecclesiam, et se ipsum tradit pro ea” (Eph 5,25), mox subiungens: “Sacramentum hoc magnum est: ego autem dico, in Christo et in Ecclesia” [Eph 5,32]. (DH 1799).

<sup>103</sup> Cum igitur matrimonium in lege evangelica veteribus connubis per Christum gratia praestet; mérito inter Novae Legis sacramenta annumerandum sancti Patres nostri, Concilia et universalis Ecclesiae traditio semper docuerunt; adversus quam impii homines huius saeculi insanientes, non solum perperam de hoc venerabili sacramento senserunt, sed de more suo, praetextu evangelii libertatem carnis introducentes, multa ab Ecclesiae catholicae sensu et ab Apostolorum temporibus probata consuetudine aliena, scripto et verbo asseruerunt, non sine magna Christifidelium iactura. (DH 1800).

<sup>104</sup> GS 47.

<sup>105</sup> *Ibidem*.

vínculo que não pode ser dissolvido por nenhuma autoridade humana e possui um caráter de bem público, ou seja, que interessa a toda sociedade, não apenas aos cônjuges e à prole.<sup>106</sup>

Destaca-se o fato de que o Matrimônio é uma instituição divina, ou seja, que tem ao próprio Deus como autor; portanto, não pode ser mudado em suas propriedades essenciais pela vontade humana. Cabe também ressaltar que a instituição matrimonial nunca é de caráter privado, ou seja, que ela não interessa apenas aos cônjuges e, no máximo aos filhos. Pelo contrário: o matrimônio é um bem público, que afeta diretamente toda humanidade. Por isso, deve ser tutelada tendo em vista os interesses do bem comum.

Assim, o amor conjugal, que deve ser a causa da união, vai se concretizar na vida do casal através da recíproca doação de um para o outro. Esta mútua doação deverá ser vivida na fidelidade e na indissolubilidade, realizando o verdadeiro consórcio de toda vida entre ambos, o que culminará com a geração e a educação da prole.<sup>107</sup>

O matrimônio natural, existente desde os primórdios dos tempos, foi elevado por Cristo, na ordem da redenção, ao grau de sacramento. E isto se fez de uma forma tão verdadeira e significativa que o próprio Senhor o transformou na imagem de seu amor e de sua união com a sua amada Igreja. Assim, se no Antigo Testamento Iahweh era o esposo e o povo de Israel era a esposa, no Novo Testamento, Cristo é o esposo e a Igreja, sua Esposa.<sup>108</sup>

De tal forma o amor conjugal é assumido e elevado pelo amor divino aos homens que os cônjuges recebem do sacramento a graça da qual precisam para viver com fidelidade seus compromissos de esposos e pais. Além disso, ao realizarem sua vocação à vida de família, os cônjuges dão glória a Deus e se santificam.<sup>109</sup>

A necessidade da família se fundamentar na rocha sólida do Sacramento do Matrimônio é salientada pelos Padres Conciliares. Quando os noivos resolvem iniciar sua vida a dois a partir do pacto nupcial, realizam a vontade do Criador e são sinal da presença salvadora de Cristo para o mundo.<sup>110</sup>

Este amor recíproco dos cônjuges é manifesto pelo seu consentimento e enriquecido pela graça sacramental, realizando a unidade, a fidelidade, a comunhão de toda vida e a geração da prole.<sup>111</sup>

---

<sup>106</sup> GS, 48.

<sup>107</sup> *Ibidem*.

<sup>108</sup> *Ibidem*.

<sup>109</sup> *Ibidem*.

<sup>110</sup> *Ibidem*.

<sup>111</sup> *Ibidem*, 49.

Contudo, não se ignora a dificuldade dos cônjuges para viverem com fidelidade os direitos e obrigações inerentes ao matrimônio. Destarte, são vivamente convidados a buscar os meios necessários para que possam exercer esta tarefa.<sup>112</sup>

### 3.3 Papa João Paulo II

João Paulo II, ao longo de seu pontificado, produziu muitos escritos acerca do Sacramento do Matrimônio e da família. Estes escritos são encontrados na mais variada espécie de documentos e manifestações, como será apresentado a seguir: em primeiro lugar, de forma abundante nas catequeses das audiências públicas das quartas-feiras, especialmente naquelas em que tratou dos sacramentos e da eclesiologia, no documento *Mulieris dignitatem*, na Carta às Famílias e na Carta Encíclica *Dominum et vivificantem* e nos documentos referentes ao novo milênio.

#### 3.3.1 Em algumas catequeses das audiências gerais

Na catequese de 25 de agosto de 1982, o Santo Padre trata do tema da analogia da relação que existe entre Cristo e a Igreja com a que existe entre o homem e a mulher unidos pelo vínculo do Sacramento do Matrimônio. Há, contudo, uma outra analogia suplementar à esta: a analogia da Cabeça e do Corpo: Cristo é a Cabeça, a Igreja é o seu Corpo Místico. Da mesma forma, o marido é cabeça e a mulher é o seu corpo.<sup>113</sup>

São Paulo recorda a passagem de Gn 2,24. Neste versículo, fica claro que se trata da relação entre um homem e uma mulher, que são dois sujeitos pessoais distintos que, livre e conscientemente, decidem pela união conjugal, definida pelo texto como a formação de “uma só carne”. Mas também na Carta aos Efésios fica claro quando o autor utiliza a dupla analogia (cabeça-corpo/ marido-esposa) a fim de demonstrar claramente a natureza da união entre Cristo e a Igreja. Em certo sentido, especialmente nesta primeira parte do texto de Ef 5, 22-33, a dimensão eclesiológica parece decisiva e predominante.<sup>114</sup>

Não há dúvida de que Cristo é um sujeito diverso da Igreja; entretanto, em razão de uma relação especial, se une a ela com uma união orgânica de cabeça e corpo. Assim, a Igreja é essencial e fortemente unida a Cristo como sendo Ele o Corpo e ela a cabeça. E o

---

<sup>112</sup> GS, 49

<sup>113</sup> JOÃO PAULO II. Catequese da Audiência Geral de 25 de agosto de 1982. Extraído de [www.vatican.va](http://www.vatican.va), em 10 de maio de 2006.

<sup>114</sup> *Ibidem*.

mesmo pode-se dizer dos esposos, homem e mulher, unidos pelo vínculo do Sacramento do Matrimônio, tendo em conta a união que faz com que ambos passem a ser uma só carne.<sup>115</sup>

Assim, é fácil descobrir que nesta primeira parte do texto de Ef 5,22-33 o autor se refere tanto à união nupcial de Cristo com a Igreja como à relação entre esposo e esposa. O autor, assim, fala do amor de Cristo a Igreja explicando o modo pelo qual se expressa este amor e apresentando este amor como o modelo a serem seguidos por marido e mulher em suas relações conjugais.<sup>116</sup>

Já na catequese da audiência geral de 1º de setembro de 1982, o Santo Padre trata do amor de Cristo a Igreja como modelo do amor dos esposos. E este é o objetivo central deste trabalho de pesquisa, ou seja, mostrar que o amor entre esposo e esposa, bem como a união sacramental decorrente deste amor, deve ter como fundamento o amor e a união que existe entre Cristo e a Igreja.<sup>117</sup>

Em toda a passagem do texto citado, está bem conservada a bi-subjetividade Cristo-Igreja, Esposo-Esposa. O autor apresenta o amor de Cristo à Igreja, como modelo do amor dos esposos, como modelo das relações a serem vividas entre marido e esposa. O amor leva o marido a ser solícito com o bem de sua esposa, compromete a desejar sua beleza e a sentir esta beleza, cuidando de sua esposa. Aqui se trata de uma beleza visível, beleza física.

O esposo se fixa com atenção em sua esposa com a criadora e amorosa inquietude de encontrar tudo que nela há de bom e belo. O amor cria, na pessoa amada, um bem, que será a medida deste mesmo amor.<sup>118</sup>

Na catequese da audiência de 08 de setembro de 1982, João Paulo II trata das bases da sacramentalidade do matrimônio. Começa citando Ef 5, 29-30: “Ninguém aborrece a sua própria carne, mas a abriga e alimenta como Cristo faz com a Igreja, porque somos os membros do seu corpo”. Depois deste versículo, o autor julga oportuno citar que o texto fundamental de toda a Bíblia acerca do matrimônio é o de Gênesis 2, 24, já citado.

Pode-se deduzir do contexto imediato da Carta aos Efésios que a citação do Gn 2,24 é aqui necessária nem tanto para recordar a unidade dos esposos, definida desde o princípio da obra da criação, mas principalmente para apresentar o mistério de Cristo com a Igreja, de onde o autor deduz a verdade sobre a unidade dos cônjuges. Este é o ponto mais importante de todo o texto, em certo sentido, sua chave principal.

---

<sup>115</sup> JOÃO PAULO II. Catequese da Audiência Geral de 25 de agosto de 1982. Extraído de [www.vatican.va](http://www.vatican.va), em 10 de maio de 2006.

<sup>116</sup> *Ibidem.*

<sup>117</sup> *Ibidem.*

<sup>118</sup> *Ibidem..*

O autor da Carta aos Efésios encerra, nestas palavras, tudo o que havia dito anteriormente, ao trazer a analogia e apresentar a semelhança entre a unidade dos esposos e a unidade de Cristo com a Igreja. Ao citar o Gn 2, 24, salienta que as bases dessa analogia estão postas dentro do plano salvífico de Deus, fazendo com que o matrimônio, a mais antiga revelação deste plano salvador, seja unida com o cume desta mesma revelação, ou seja, a realização do mistério redentor do amor de Deus realizado por Cristo e em Cristo.<sup>119</sup>

Com isso, São Paulo salienta a continuidade existente entre a mais antiga Aliança (a qual Deus estabeleceu ao instituir o matrimônio na criação) e a Aliança definitiva realizada em Jesus Cristo, o qual, após ter amado e se entregado pela Igreja, se une a ela de uma maneira nupcial.

Esta continuidade da iniciativa salvífica de Deus constitui a base essencial da grande analogia contida na Carta aos Efésios. A continuidade da iniciativa salvífica de Deus significa, inclusive, a continuidade do mistério, do “grande mistério” nas diversas fases de sua revelação, ou seja, desde a criação do mundo até o fim dos tempos, tendo como plenitude, a vinda do Messias.<sup>120</sup>

Ao considerar a passagem da Carta aos Efésios que temos analisado, especialmente as palavras “Grande é este mistério e eu o entendo como sendo de Cristo e da Igreja”, podemos constatar que Paulo escreve tratando não apenas do grande mistério escondido em Deus. De fato, além de escrever acerca do mistério divino, pode-se dizer que escreve, principalmente, a respeito do mistério que se realiza pela união nupcial de Cristo com a Igreja.

Tal situação ocorre porque o Senhor, colocando em prática o seu amor redentor, se entregou na cruz pela Igreja. E neste mesmo ato de entrega total na cruz, ele se une com a Igreja de forma esponsal, da mesma forma que marido e esposa se unem reciprocamente no matrimônio instituído pelo Criador, dando-se um totalmente ao outro. E isto é o que podemos encontrar no primeiro parágrafo da *Lumen gentium*.<sup>121</sup>

Em 06 de outubro de 1982, João Paulo II faz uma catequese na qual trata de uma questão central desse trabalho de pesquisa, ou seja, o Sacramento do Matrimônio à luz da doutrina paulina expressa na Carta aos Efésios.

O papa ensinava que a instituição do matrimônio, contida na palavras do já citado Gn 2, 24, expressa não apenas o começo da comunidade humana fundamental, a qual,

---

<sup>119</sup> JOÃO PAULO II. Catequese da Audiência Geral de 25 de agosto de 1982. Extraído de [www.vatican.va](http://www.vatican.va), em 10 de maio de 2006.

<sup>120</sup> *Ibidem*.

<sup>121</sup> *Ibidem*.

mediante a força procriadora que lhe é peculiar (“Crescei e multiplicai-vos”, cf. Gn 1,28), serve para continuar a obra da criação. Contudo, simultaneamente, expressa a iniciativa salvífica do Criador, que corresponde à eleição eterna do homem, da qual fala São Paulo no início da carta ao Efésios.

Esta iniciativa salvífica provém do próprio Deus Criador, e a sua eficácia sobrenatural se identifica com o ato da criação do homem em estado de santidade ou justiça, antes do pecado original. Neste estado inicial da humanidade não decaída pelo pecado, e desde o momento da criação do homem, frutificou sua eterna eleição em Cristo. Destarte, há que se reconhecer que o sacramento originário da criação toma a sua eficácia do Filho amado do Pai, pois é isto que Paulo ensina em Ef 1,6.<sup>122</sup>

Considerando que o versículo de Ef 1,6 trata do matrimônio, o qual foi instituído no contexto do sacramento da criação, ou seja, no estado de justiça original, deveria esse sacramento servir não apenas para prolongar a obra da criação através da procriação. De fato, deve o matrimônio estender às gerações posteriores o mesmo sacramento da criação, isto é, os frutos sobrenaturais da eleição eterna do homem por parte do Pai através do Filho, que são os frutos com os quais o homem foi glorificado por Deus desde o momento criador.<sup>123</sup>

Na audiência pública de 04 de dezembro de 1991, o papa recordava que já o Antigo Testamento falava de uma espécie de núpcias entre Deus e o seu povo, ou seja, Israel. Recorda o Segundo Isaías, capítulo 54, onde se afirma: “Porque teu esposo é teu Criador, o Senhor dos exércitos é seu nome; é ele quem te resgata, o Santo de Israel. Deus de toda terra ele se chama” (Is 54,5)

Isto leva a recordar a Antiga Aliança de Deus com seu Povo eleito de Israel, a qual era uma prefiguração para o mistério fundamental da Igreja. Assim, o matrimônio de Cristo com a Igreja aparece de forma profética no Antigo Testamento.<sup>124</sup> Além de citar Isaías, recorda as referências que outros profetas fazem acerca da aliança de Deus com Israel, a qual é interpretada com a imagem do pacto nupcial entre os esposos. Recorda especialmente Oséias, Jeremias e Ezequiel, os quais comparam o povo de Israel a uma mulher infiel e adúltera, visto que este mesmo povo não é fiel à aliança celebrada com seu Deus, especialmente quando comete o pecado de idolatria, adorando falsos deuses.

---

<sup>122</sup> JOÃO PAULO II. Catequese da Audiência Geral de 06 de outubro de 1982. Extraído de [www.vatican.va](http://www.vatican.va), em 10 de maio de 2006.

<sup>123</sup> *Ibidem*.

<sup>124</sup> *Idem*. *Creo en la Iglesia. Catequesis sobre el Credo*. Madrid: Palabra, 1997, p.101.



As palavras dos profetas contra o povo são bastante duras. Oséias diz: “Protestai contra vossa mãe, protestai, porque já não é mais minha mulher e eu não sou mais seu marido. Afaste ela de sua face suas fornicções e seus adultérios de entre seus seios.” (Os 2,4)

Jeremias condena Israel por ser como uma mulher que trai aquele que a ama: “E tu, após haveres pecado com inúmeros amantes, voltarás para mim” (Jr 3,1b). Segue o mesmo profeta afirmando: “Mas, qual mulher que trai aquele que a ama, assim me traíste, casa de Israel - oráculo do Senhor.” (Jr 3,20).

Ezequiel condena veementemente Israel por sua infidelidade a Deus, chamando ao seu antigo povo eleito de prostituta. “Tu, porém, te fiaste na beleza, aproveitaste da tua fama para te prostituíres e oferecete a tua sensualidade a todo transeunte, a quem te entregaste (...) multiplicaste as tuas depravações no país do mercadores, entre os caldeus, sem que, contudo, te tenhas fartado (...) Tens sido mulher adúltera que acolhe os estranhos em lugar do esposo” (Ez 16, 15.29.32).

Contudo, é de importância fundamental salientar que estas palavras duras do Senhor, através de seus profetas, não significam que o divino Esposo está rechaçando definitivamente sua infiel esposa. Pelo contrário: estas palavras representam uma exortação para que a mesma se converta e volte a ser fiel a seu Esposo e uma promessa de aceitar de volta a esposa, se ela se tiver convertido.

Nesse sentido observem-se as profecias: “Desposar-te-ei de novo, desposar-te-ei para sempre, desposar-te-ei conforme a justiça e o direito, com benevolência e ternura. Desposar-te-ei com fidelidade e conhecerás o Senhor” (Os 2, 21-22). “Por um momento eu te havia abandonado, mas com profunda afeição eu te recebo de novo. Num acesso de cólera volvi de ti minha face. Mas no meu eterno amor, tenho compaixão de ti.” (Is 54, 7-8).<sup>125</sup>

Estes anúncios dos profetas vão mais além do contexto histórico de Israel e da dimensão étnica e religiosa do povo eleito do Antigo Testamento que não foi fiel à aliança. Deve-se ter sempre presente a perspectiva da nova e eterna aliança, a qual surge como algo que acontecerá no futuro em relação ao Antigo Testamento. E é exatamente isto que os mesmos profetas também falam em suas profecias. Jeremias anuncia: “Eis a aliança que farei com o meu povo – oráculo do Senhor: Incutir-lhe-ei a minha lei; gravá-la-ei em meu coração. Serei o seu Deus e Israel será o meu povo” (Jr 31,33).

Ezequiel profetisa algo semelhante: “Eu lhes darei um só coração e os animarei com um espírito novo: extrairéi do seu corpo o coração de pedra, para substituí-lo por um

---

<sup>125</sup> JOÃO PAULO II. *Creo en la Iglesia. Catequesis sobre el Credo*. Madrid: Palabra, 1997, p.101-102.

coração de carne, a fim de que observem minhas leis, guardem e pratiquem os meus mandamentos, sejam o meu povo e eu seja o seu Deus”. (Ez 11,19-20).<sup>126</sup>

O cumprimento desta promessa de uma nova aliança começa com Maria, tendo na anunciação a sua primeira manifestação. Nela a Virgem de Nazaré responde com a obediência da fé ao desígnio eterno de salvação do homem mediante a encarnação do Verbo. A encarnação do Filho de Deus significa o cumprimento dos anúncios messiânicos e, ao mesmo tempo, o surgimento da Igreja como o novo povo da Nova Aliança.<sup>127</sup>

O diálogo de Maria Santíssima com o Arcanjo São Gabriel e o Cântico do *Magnificat* em *AenKaren* expressam a sua humildade e a intensidade com a qual ela viveu em seu espírito a espera do cumprimento da promessa messiânica feita a Israel. Ressoam em seu coração as palavras dos profetas sobre a aliança nupcial de Deus com seu povo eleito, recolhidas e meditadas em seu coração nesses momentos decisivos dos quais nos fala São Lucas.

A Virgem Puríssima desejava encarnar em si a imagem da Esposa completamente fiel e plenamente entregue ao Espírito divino. Por isso, se converte no começo de um novo Israel, quer dizer, do povo querido pelo Deus da aliança no seu coração de esposo. Maria não usa termos que fazem analogia à união nupcial, mas faz muito mais: confirma e consolida uma consagração que está vivendo e que resulta de sua condição habitual de vida.<sup>128</sup>

Maria Santíssima é consciente da infidelidade de seu povo e quer ser uma Esposa fiel ao Esposo amado. O anjo lhe anuncia o cumprimento da nova Aliança de Deus com a humanidade em uma dimensão insuspeitada, como maternidade virginal por obra do Espírito Santo. Assim, ela se converte na Mãe do Filho de Deus.

O mistério da encarnação compreende em seu âmbito esta maternidade de Maria, realizada divinamente por obra do Espírito Santo. Este é, portanto, o momento do início da Nova Aliança, na qual Cristo, Esposo divino, une a si mesmo a humanidade toda, chamada a fazer parte de sua Igreja e esposa.<sup>129</sup>

Já no momento da encarnação do Verbo de Deus, Maria Santíssima é a Virgem e Mãe que se converte na figura da Igreja em seu caráter virginal e materno. Com muita razão, o anjo saúda Maria com a palavra *Xaire* (alegra-te), na qual ressoam muitas palavras das profecias do Antigo testamento, tais como em Zacarias e Sofonias.

<sup>126</sup> JOÃO PAULO II. *Creo en la Iglesia. Catequesis sobre el credo*. Madrid: Palabra, 1997, p.102-103.

<sup>127</sup> *Ibidem*, p.103.

<sup>128</sup> *Ibidem*, p.103-104.

<sup>129</sup> *Ibidem*, p.104.

Assim, sendo, Maria e a Igreja são a plena realização destas profecias, lembrando sempre que a Mãe de Deus é o modelo da Igreja. Além disso, se pode dizer que, desde o momento da encarnação, a Igreja se encontra em Maria e Maria se encontra na Igreja e como protótipo da Igreja.<sup>130</sup>

Na segunda catequese desta série, proferida na audiência geral de 11 de dezembro de 1991, João Paulo II trata da Igreja apresentada como Esposa de Cristo nos evangelhos. Primeiramente, recorda a pregação de João Batista às margens do Jordão: “Vós mesmos me sois testemunhas de que disse: Eu não sou o Cristo, mas fui enviado diante dele. Aquele que tem a esposa é o esposo. O amigo do esposo, porém, que está presente e ouve, regozija-se sobremodo com a voz do esposo”. (Jo 3,29-20).

Essa citação reflete o fato de que a imagem nupcial do Antigo testamento está presente na mente da figura do austero precursor. Todo seu serviço no meio do povo se refere ao esposo que está para vir. João se apresenta como o amigo do esposo, o qual se alegra em poder ouvir a sua voz.<sup>131</sup>

Assim, Jesus é introduzido no meio de seu povo como sendo o esposo anunciado e esperado pelos profetas. Ele mesmo confirma que é o esposo quando lhe perguntam por que seus discípulos não jejuam e ele responde perguntando se os amigos do noivo podem jejuar enquanto o esposo estiver com eles, mas que o farão após sua partida.<sup>132</sup>

O que foi referido por Jesus e por João Batista a respeito da chegada do esposo na pessoa de Cristo é confirmado pelas parábolas, especialmente nas que falam do Reino de Deus. Elas apresentam a questão do matrimônio entre Cristo e a Igreja de forma indireta, mas, ao mesmo tempo bastante transparente.<sup>133</sup>

Podemos recordar a parábola de Mt 22,2 ss., onde Cristo fala de si mesmo, apesar de usar a terceira pessoa. Com esta parábola, Cristo destaca a verdade a respeito do Reino de Deus. É ele mesmo quem traz ao mundo o convite do Pai para celebrar o banquete de casamento de seu Filho. Esta participação nas bodas de Cristo implica na aceitação da mensagem de Cristo na comunhão do novo povo Deus<sup>134</sup>

Na citada parábola se faz alusão à veste de festa que um dos convidados não estava usando. Parece que, por ocasião destes grandes banquetes, o anfitrião disponibilizava, no átrio da casa, as roupas que os convidados deveriam vestir para participar. Isto significa

---

<sup>130</sup> JOÃO PAULO II. *Creo en la Iglesia. Catequesis sobre el credo*. Madrid: Palabra, 1997, p.105.

<sup>131</sup> *Ibidem* p. 106.

<sup>132</sup> Jo 3,28-30.

<sup>133</sup> JOÃO PAULO II. *Creo em la Iglesia. Catequesis sobre el Credo*. Madrid: Palabra, 1997, p.106.

<sup>134</sup> *Ibidem*, p.107.

que são colocadas condições para aqueles que querem participar do banquete do Reino de Deus. E esta veste nupcial poderia ser a graça pela comunhão com Cristo e a Igreja.

Assim, a parábola assinala a responsabilidade de cada um dos convidados em relação ao “sim” que deve dar pessoalmente ao Senhor que o chama. Esta resposta deve consistir na aceitação da lei, na resposta total às exigências da vocação cristão e a participação cada vez mais plena na vida da Igreja.<sup>135</sup>

Pode-se recordar também a passagem das Bodas de Cana, do capítulo 2 do Evangelho de São João. Ela narra o ocorrido em uma festa de casamento em Cana da Galiléia, na qual Jesus está presente com suas mãe e seus discípulos. Nesta festa nupcial é que Jesus realiza o seu primeiro sinal, ao transformar em um ótimo vinho cerca de 700 litros de água.

É possível interpretar este gesto como a tentativa de Jesus mostrar a Israel que o Messias anunciado e esperado desde o Antigo Testamento está presente em seu meio. Ele realiza o seu primeiro sinal na festa de casamento para atender um pedido de sua Mãe Santíssima. E isto não acontece por acaso, pois já referimos que Maria Santíssima é a imagem da Igreja-Esposa da Nova e Eterna Aliança.<sup>136</sup>

Na terceira catequese dessa série, apresentada em 18 de dezembro de 1991, o Servo de Deus João Paulo II, enfatiza o tema desse trabalho de pesquisa. Ele o faz a partir do texto fundamental de inspiração contido na passagem de Ef 5.

São Paulo utiliza a analogia do amor nupcial, herdada dos profetas da Antiga Aliança, que foram recolhidos por São João Batista em sua pregação e que o próprio Esposo utilizou, conforme atestam os evangelhos. E é importante salientar que os evangelhos ressaltam o mistério pascal da paixão, morte e ressurreição de Cristo como o momento em que se conferiu pleno significado a este amor esponsal de Cristo pela Igreja.

Nas palavras de Paulo: “Cristo amou a Igreja e se entregou por ela” ressoa o eco dos profetas e das palavras de Jesus. Ao mesmo tempo, se descobre um aprofundamento da dimensão salvífica do amor de Cristo, o qual, simultaneamente, é nupcial e redentor.<sup>137</sup>

Isto se torna ainda mais evidente ao considerar-se que a Carta aos Efésios coloca o amor nupcial de Cristo para a Igreja em relação direta com o sacramento que une um homem e uma mulher, consagrando seu amor.

Essencialmente as palavras do Apóstolo em Ef 5,21-32 significam que no matrimônio e no amor nupcial dos cristãos se reflete o amor nupcial do Redentor. Esse amor

<sup>135</sup> JOÃO PAULO II. . *Creo em la Iglesia. Catequesis sobre el Credo*. Madrid: Palabra, 1997, p.108.

<sup>136</sup> *Ibidem*, p.109.

<sup>137</sup> *Ibidem*, p.110.

este que está cheio de poder salvífico e é operante no mistério da graça com a qual Cristo faz os membros de seu corpo se tornar participantes da vida nova.<sup>138</sup>

Por este motivo, para desenvolver sua idéia, o Apóstolo recorre à passagem de Gn 2,24, a primeira da Sagrada Escritura que fala da união do homem e da mulher. Pode-se dizer que, no pensamento de Paulo, o amor nupcial entra em uma lei de igualdade que homem e mulher realizam em Jesus Cristo. O amor do marido para a sua esposa é uma participação no amor de Cristo pela Igreja. Como Cristo, Esposo da Igreja, foi o primeiro no amor porque realizou a salvação, Ele é, ao mesmo tempo, Cabeça da Igreja, que é seu Corpo, a qual Ele salva, alimenta e cuida com amor inefável.<sup>139</sup>

Esta relação de Cristo com a Igreja, comparada à da cabeça com o corpo, não anula a reciprocidade nupcial; pelo contrário, até vem a reforçá-la. É precisamente pela precedência do Redentor em relação aos redimidos, portanto em relação à Igreja, que se torna possível a reciprocidade nupcial, em virtude da graça que Cristo mesmo concede. Esta é a essência do mistério da Igreja como Esposa de Cristo Redentor, verdade que é repetidamente testemunhada e ensinada por São Paulo.<sup>140</sup>

Também na Primeira Carta aos Coríntios lemos a mesma verdade da Carta aos Efésios e da segunda carta aos mesmos coríntios: “Não sabeis que vossos corpos são membros de Cristo? Tomarei então os membros de Cristo e os farei membros de uma prostituta? De modo algum!” (1 Cor 6, 15).

Também neste versículo é fácil perceber como que um eco dos profetas, os quais também acusavam o povo de prostituição, especialmente pela idolatria. Por ela, trocava o povo eleito o seu verdadeiro Esposo, Iahweh, por falsos deuses. Assim, eram como a esposa infiel que trai o amor de seu marido. A isto os profetas chamavam de prostituição, como já foi anteriormente mencionado.

Como se vê, a analogia usada pelos profetas da antiga Lei para condenar com tanta paixão a profanação, a traição do amor nupcial de Israel com seu Deus, serve aqui ao Apóstolo das Gentes para colocar em destaque a união com Cristo, que é a essência da Nova Aliança. Igualmente serve para esclarecer as exigências que decorrem para a conduta cristã, ou seja, de formar uma só carne e um só espírito com Cristo.<sup>141</sup>

---

<sup>138</sup> JOÃO PAULO II. *Creo en la Iglesia. Catequesis sobre el Credo*. Madrid: Palabra, 1997, p.110-111.

<sup>139</sup> *Ibidem*, p.111.

<sup>140</sup> *Ibidem*, p. 111-112.

<sup>141</sup> *Ibidem*, p. 112-113.

Na quarta catequese dessa série, proferida em 08 de janeiro de 1992, o saudoso papa João Paulo II refletia a respeito da dupla dimensão da união esponsal de Cristo com a Igreja, ou seja, histórica e escatológica.

São Paulo afirmou que Cristo amou e se entregou por sua Igreja (Ef, 5,25). Esta é uma verdade fundamental da Eclesiologia paulina, que se refere ao amor nupcial de Cristo pela Igreja e que vem confirmada no Apocalipse, quando João afirma que vai mostrar a esposa do Cordeiro (Cf. Ap 19,7-9. 21,9). Assim, a imagem das bodas e do banquete nupcial se repete também nesse livro de caráter escatológico, no qual a Igreja aparece representada na sua forma celeste.

Contudo, esta Igreja celeste, anunciada no Apocalipse, trata-se da mesma Igreja da qual Jesus falou quando se apresentou como seu Esposo; da mesma Igreja da qual fala São Paulo quando refere o amor oblato de Cristo por ela; da mesma Igreja pela qual o Cordeiro se imolou. Destarte, a terra e o céu, no tempo e na eternidade, se fundem nesta visão transcendente da relação entre Cristo e a Igreja.<sup>142</sup>

O autor do Apocalipse descreve a Igreja-Esposa antes de tudo em seu aspecto descendente, ou seja, como um dom do alto. A Esposa do Cordeiro se apresenta como a cidade santa que desce do céu, de junto de Deus, conforme se lê em Ap 21,10-11.

A Carta aos Efésios mostra que Cristo oferece seus dons à sua esposa; por sua vez, o Apocalipse mostra que a Igreja recebe do Esposo a participação na glória divina. Portanto, nele predomina o aspecto descente da Igreja.<sup>143</sup>

Israel, o Povo de Deus na Antiga Aliança, peregrinava sobre a terra sob o regime da Lei. Seu principal pecado consistia em trair a fé que receberá de seu Deus, isto é, em ser infiel ao Deus que o tinha escolhido e amado como a uma esposa.

Para a Igreja, novo povo de Deus, o compromisso de fidelidade é ainda mais forte e perdura até o último dia, pois ela é a depositária da “nova e eterna aliança” que Deus estabeleceu em seu Povo na Pessoa de Jesus Cristo. Portanto, a fé é o pressuposto fundamental do amor nupcial com que a Igreja prossegue a sua peregrinação sobre a terra à luz dos passos dados pela Virgem Maria, protótipo da Igreja.<sup>144</sup>

Também Pedro, que perto de Cesaréia de Felipe havia professado com relação a Cristo uma fé amorosa, escreveu na primeira carta aos seus discípulos: “Este Jesus vós o

---

<sup>142</sup> JOAO PAULO II. *Creo en la Iglesia. Catequesis sobre el Credo*. Madrid: Palabra, 1997, p.114.

<sup>143</sup> *Ibidem*, p.115.

<sup>144</sup> *Ibidem*.

amais, sem o terdes visto; crede nele, sem o verdes ainda, e isto é para vós fonte de uma alegria inefável e gloriosa” (1Pe 1,8).

Portanto, conforme o apóstolo, a fé em Cristo não consiste somente em aceitar sua verdade, mas principalmente em amar e acolher a sua Pessoa. Nesse sentido, da fé deriva a fidelidade e a fidelidade é prova de amor. E este amor é suscitado por Cristo e, por meio Dele, alcança o Pai para amá-lo “com todo coração, com toda alma e com todas as forças”, como diz o primeiro e maior mandamento da Lei, que é confirmado por Cristo (Cf. Dt 6,5. Mc 12,28-30).<sup>145</sup>

Em virtude desse amor, aprendido de Cristo e dos Apóstolos, a Igreja é a Esposa que “guarda pura e integralmente a fé prometida ao esposo” (LG 64). Guiada pelo Espírito Santo e movida pelo poder que Dele recebe, a Igreja não pode separar-se de seu esposo. Não pode cair na infidelidade. Jesus Cristo mesmo, ao dar à Igreja seu Espírito, estabeleceu este vínculo indissolúvel.<sup>146</sup>

A Igreja é uma sociedade que encerra em seu seio também aos pecadores. Por isso, considerando que a Igreja deve viver na verdade, vive sem dúvida a verdade da Redenção operado em Jesus Cristo, seu Esposo. E no meio das tentações e tribulações de nosso tempo é confortada pela graça de Deus. O Espírito Santo faz com que essa graça atue na Igreja, de modo que ela possa viver na fidelidade devida ao seu Esposo.<sup>147</sup>

Porém, por este caminho a Igreja avança até a sua meta escatológica, até a plena realização das bodas com o Cristo, Cordeiro e Esposo descrito no Apocalipse. E a peregrinação da Igreja na terra é, pois, um caminho cheio de esperança, que encontra uma expressão nas palavras de João: “O Espírito e a Igreja dizem: Vem!” (Ap 22,17). Este versículo parece confirmar, na última página da Sagrada Escritura, que a Igreja, de fato, é a Esposa de Cristo.<sup>148</sup>

Na catequese de 07 de fevereiro de 2001, o papa tratou da Igreja enquanto esposa do Cordeiro e embelezada para o seu esposo. Afirma que no Antigo Testamento Jerusalém era considerada como a “filha de Sião”. Agora, no Novo Testamento, o Apocalipse mostra Jerusalém como a esposa que se enfeita e se prepara para receber seu esposo. O mesmo pensamento encontra-se presente na Carta aos Efésios.

---

<sup>145</sup> JOÃO PAULO II. *Creo e la Iglesia. Catequesis sobre el Credo*. Madrid: Palabra, 1997I, p. 116.

<sup>147</sup> *Ibidem*.

<sup>148</sup> *Ibidem*, p.117.

Assim como no Antigo Testamento a cidade santa era chamada com uma imagem feminina “a filha se Sião”, também no Apocalipse de João a Jerusalém celeste é apresentada “como uma esposa que se ataviou para seu esposo” (Ap 21,2). O símbolo feminino descreve o rosto da Igreja nas suas várias fisionomias de noiva, esposa e mãe, sublinhando assim uma dimensão de amor e fecundidade. O pensamento corre para as palavras do apóstolo Paulo que, na Carta aos Efésios, numa página de grande intensidade, traça as feições da Igreja “toda gloriosa, sem mancha nem ruga, mas santa e imaculada”, amada por Cristo e modelo de toda a nubilidadade (cf. Ef 5,25-32). A comunidade eclesial, “prometida a um único esposo”, como virgem casta (cf. 2Cor 11,2), põe-se em continuidade com uma concepção que surgiu no Antigo Testamento em páginas críticas como as do profeta Oséias (cc 1-3) ou de Ezequiel (c 16) ou através do júbilo radiante do Cântico dos Cânticos.<sup>149</sup>

O fato de a Igreja manter uma relação sponsal com Cristo é um elemento intrínseco de seu mistério. Em sua origem encontramos o amor de Deus Pai atuando através de Jesus Cristo e do Santo Espírito. E é exatamente este amor que forma a Igreja e que, através dela, é comunicado para todas as criaturas. Por isso, a Igreja deve sempre deixar que a Luz do Sol que é Cristo, seu Esposo, chegue a cada ser humano, para que cada um sempre recorde que não está sozinho, mas é amado por Cristo.

Sendo gerado pelo amor sponsal de Deus em Cristo, a Igreja testemunha e propaga este mesmo amor, especialmente lembrando o mandamento novo de Cristo, pelo qual devemos nos amar reciprocamente, com a mesma intensidade com a qual ele nos ama. E isso significa até o ato extremo de dar a vida pelo irmão, se isso for necessário. E, enquanto Igreja amada e Esposa, somos chamados a propagar este amor de forma sempre mais corajosa, especialmente no mundo hodierno onde o amor faz tanta falta.

Precisamente porque é gerada pelo amor, a Igreja efunde amor. Faz isto anunciando o mandamento de se amarem uns aos outros como Cristo nos amou (cf. Jo 15, 12), ou seja, até ao dom da vida: “Ele deu Sua vida por nós, e nós devemos dar a vida pelos nossos irmãos” (1 Jo 3,16); Aquele Deus “que nos amou primeiro” (1Jo 4,9) e não hesitou em entregar por amor o Seu Filho, (cf. Jo 3,16) estimula a Igreja a percorrer “até o fim” o caminho do amor. E está chamada a fazê-lo com a intrepidez de dois esposos que se amam na alegria da doação sem limites e na generosidade quotidiana, tanto quando o céu da vida é sereno, como quando ameaçam a noite e as nuvens do inverno do espírito. Neste sentido, entende-se porque o Apocalipse, apesar de sua dramática representação da história, está constantemente percorrido de cânticos, músicas, liturgias jubilosas. Na paisagem do espírito, o amor é como o sol que ilumina e transfigura a natureza que, sem o seu esplendor, permaneceria cinzenta e uniforme.<sup>150</sup>

A outra dimensão intrínseca do amor sponsal entre a Igreja e Cristo é a fecundidade. Assim como o casal cristão, na constância do matrimônio deve estar sempre aberto aos aspectos unitivo e procriativo do amor conjugal, o mesmo deve ocorrer entre Cristo

<sup>149</sup> JOÃO PAULO II.. *Catequese da Audiência de quarta-feira, 7 de fevereiro de 2001*, in [www.vatican.va](http://www.vatican.va), extraído em 26/09/05.

<sup>150</sup> *Ibidem*.



e a Igreja. Isso significa que a Igreja deve sempre estar disposta a gerar novos filhos para o seu esposo, pois esta é a sua missão.<sup>151</sup>

Estes filhos que são gerados pelo casamento de Cristo com a Igreja formam a grande assembléia cujos nomes estão inscritos no céu. E para esse céu, os filhos da Igreja caminham, pois ele é, ao mesmo tempo, sua esperança definitiva e sua meta final.<sup>152</sup>

### 3.3.2 *Mulieris dignitatem*

O capítulo VII da *Mulieris dignitatem* é inteiramente dedicado à Igreja enquanto Esposa de Cristo. Nele, o Santo Padre inicia refletindo acerca desta verdade indicando que ela se fundamenta na criação do ser humano como homem e mulher.

Tendo em vista que foram criados à imagem e semelhança de Deus, varão e mulher são convidados a estabelecer entre si um amor esponsal. Além disso, é necessário considerar que todo o comportamento nas relações entre homem e mulher deve estar vinculado à realidade pessoal de seu ser.

Nesta carta o autor exprime a verdade sobre a Igreja como esposa de Cristo, indicando igualmente como esta verdade *se radica na realidade bíblica da criação do homem como varão e mulher*. Criados à imagem e semelhança de Deus como “unidade dos dois” ambos foram chamados a um amor de caráter esponsal. Pode-se dizer também que, seguindo a descrição da criação no *Livro do Gênesis* (2, 1825), este chamamento fundamental se manifesta juntamente com a criação da mulher e é inscrito pelo Criador na instituição do matrimônio, que, segundo *Gênesis* 2, 24 desde o início possui o caráter de união de pessoas.<sup>153</sup>

Por sua parte, o texto de Ef 5, 21-32 confirma o acima exposto e relaciona o mistério da união de Cristo com a Igreja com a união de esposos do homem com a mulher. No antigo Testamento, esta Esposa era Israel, povo eleito pelo Senhor, escolhido por seu amor, com quem ele faz aliança. E à esta Aliança, Deus sempre permaneceu fiel, apesar das muitas infidelidades do povo.

O texto da *Carta aos Efésios* confirma ainda uma vez a verdade acima apresentada e, ao mesmo tempo, compara o caráter esponsal do amor entre o homem e a mulher com o mistério de Cristo e da Igreja. Cristo é o *Esposo da Igreja, a Igreja é a Esposa de Cristo*. Esta analogia não deixa de ter precedentes: ela transfere para o Novo Testamento o que já estava previsto no *Antigo Testamento*, particularmente nos profetas Oséias, Jeremias, Ezequiel e Isaias (...) essa mulher-esposa é Israel, enquanto povo escolhido por Deus. E esta eleição tem origem exclusiva no amor

<sup>151</sup> JOÃO PAULO II.. *Catequese da Audiência de quarta-feira, 7 de fevereiro de 2001*, in [www.vatican.va](http://www.vatican.va), extraído em 26/09/05.

<sup>152</sup> *Ibidem*.

<sup>153</sup> Idem. *Mulieris dignitatem*, 23.

gratuito de Deus. É justamente por este amor que se explica a Aliança, apresentada freqüentemente como uma aliança matrimonial, que Deus renova sempre com o seu povo escolhido. Esta aliança parte de Deus e é “um compromisso” duradouro; ele permanece fiel ao seu amor esponsal, embora que a esposa se tenha demonstrado muitas vezes infiel.<sup>154</sup>

Segue o pontífice afirmando que a exortação paulina na Carta aos efésios é direcionada para os casais humanos, homens e mulheres nas situações concretas de sua vida de mútua doação. Cristo deseja que este amor esponsal humano deverá promover a dignidade da mulher, que o marido se dedique à sua esposa para santificá-la, assim como ele mesmo fez em relação à sua Igreja.

Contudo, resta uma diferença fundamental na relação esponsal de Cristo com a Igreja em relação à união esponsal entre duas pessoas humanas: na primeira, a submissão existe apenas da esposa (Igreja) em relação a seu esposo (Cristo). Por outro lado, na relação do casal humano, a submissão deve ser recíproca.

A verdade desta instituição corresponde à exortação: “*Maridos, amai as vossas mulheres*” amai-as em virtude do vínculo especial e único, pelo qual o homem e a mulher, no matrimônio, se tornam “uma só carne” (Gn 2,24., Ef 5,31). Existe nesse amor uma afirmação fundamental da mulher como pessoa, uma afirmação graças à qual a personalidade feminina pode desenvolver-se plenamente e enriquecer-se. É precisamente assim que age Cristo como esposo da Igreja, desejando que ela seja “resplandecente de glória” (...) Mas, enquanto na relação Cristo-Igreja a submissão é só da parte da Igreja, na relação marido-mulher a submissão não é unilateral, mas recíproca.<sup>155</sup>

Na Carta aos Efésios, apresenta uma outra analogia com o mistério esponsal Cristo-Igreja. Trata-se da dimensão simbólica do amor de Deus para com o homem esta exprime que o amor esponsal é de caráter divino, e não humano, pois é a característica mais marcante do amor de Deus pelo homem. Também salienta que a esposa de Cristo no Novo Testamento possui um caráter coletivo, da mesma forma como no Antigo Testamento, a esposa de Deus era Israel, um sujeito coletivo, composto tanto por homens quanto por mulheres.

No texto da *Carta aos Efésios* encontramos uma *segunda dimensão* da analogia que, no seu conjunto, deve servir à revelação de um grande mistério: *a dimensão simbólica*. Se o amor de Deus para com o homem, para com seu povo escolhido, Israel, é apresentado pelos profetas como o amor do esposo pela esposa, tal analogia exprime a qualidade “esponsal” e o caráter divino e não humano do amor de Deus. (...) A analogia, com efeito, implica conjuntamente uma semelhança e uma margem adequada de não semelhança. É fácil observá-lo, se tomarmos em consideração a

<sup>154</sup> JOÃO PAULO II. *Mulieris dignitatem*, 23.

<sup>155</sup> *Ibidem*, 24.

figura da “esposa”. Segundo a *Carta aos Efésios*, a esposa é a *Igreja*, tal como para os profetas a esposa era Israel: portanto, *é um sujeito coletivo*, e não *uma pessoa singular*. Este sujeito coletivo é o povo de Deus, ou seja, uma comunidade composta de muitas pessoas, tanto homens como mulheres. Cristo amou a Igreja precisamente como comunidade, como Povo de Deus e, ao mesmo tempo, nesta Igreja, que na mesma passagem é chamada também seu “corpo” (Ef 5,23), ele amou cada pessoa singularmente. De fato, Cristo remiu todos, sem exceção, todos os homens e todas as mulheres. Na redenção exprime-se justamente este amor de Deus e realiza-se, na história do homem e do mundo, o caráter esponsal deste amor.<sup>156</sup>

Nosso Senhor assumiu a vida e a história humana no mistério de sua encarnação. Agora, tendo retornado ao Pai, permanece ainda com a sua esposa. Nesse sentido é que todos os homens e mulheres do mundo, de todos os tempos e lugares, são convidados a ser a esposa de Cristo, o que se realiza pela incorporação à sua esposa, a Igreja.

Cristo é o Esposo da Igreja. Neste fato se manifesta o amor infinito de Deus derramado sobre os homens por iniciativa de sua bondade. Ele tornou-se também o Filho de Maria, verdadeiramente homem, do sexo masculino. Como o esposo é o elemento masculino na relação com a esposa, o fato de o Senhor ter, na encarnação, assumido um corpo masculino revela o caráter humano do amor esponsal.

Cristo entrou na história e permanece nela como o esposo que “se entregou a si mesmo”. Entregar-se significa “tornar-se dom sincero”, da maneira mais completa e radical: “Ninguém tem maior amor do que este” (Jo15,13). Nesta concepção, por meio da Igreja, *todos os seres humanos – tanto homens como mulheres – são chamados a ser a Esposa “de Cristo, Redentor do mundo*. Assim, “ser esposa”, portanto “o feminino”, torna-se símbolo de todo o “humano”, segundo as palavras de Paulo> “não há homem e mulher: todos vós sois um só em Cristo Jesus “(*Gal 3,28*). (...) Cristo é o esposo. Nisto se exprime a verdade sobre o amor de Deus que “foi o primeiro a nos amar” (1Jo 4,19) e que com o dom gerado por este amor esponsal pelo homem superou todas as expectativas humanas: “amou até o fim” (Jo 13,1). O esposo – Filho consubstancial ao Pai enquanto Deus – tornou-se filho de Maria, “filho do homem”, verdadeiro homem, do sexo masculino. O *símbolo do Esposo é de gênero masculino*. Neste símbolo, masculino é representado o caráter humano do amor pelo qual Deus expressou o seu amor divino por Israel, pela Igreja, por todos os homens (...). Precisamente porque o amor divino de Cristo é amor de Esposo, esse amor é o paradigma e o exemplar de todo amor humano, particularmente do amor dos homens-varões.<sup>157</sup>

O amor esponsal de Cristo está no centro do mistério pascal da redenção da humanidade. A entrega de Cristo na cruz, que realiza a salvação de todo gênero humano e marca a total doação de Cristo para salvar a todos, é motivada exatamente por esse amor. Assim, também a Eucaristia, instituída na Santa Ceia e levada a cabo pela total entrega

<sup>156</sup> JOÃO PAULO II. *Mulieris dignitatem*, 24.

<sup>157</sup> *Ibidem*, 25.

amorosa de Cristo na cruz, é o sacramento da redenção. Isto se dá porque é nela que ocorre primeiramente a redenção de Cristo em favor de sua Igreja.

Encontramo-nos no próprio centro do mistério pascal, que revela até o fundo o amor esponsal de Deus. Cristo é o esposo porque “se entregou a si mesmo”: o seu corpo foi “dado”, o seu sangue foi “derramado” (cf. Lc 22,19-20). Deste modo, “amou até o fim” (Jo 13,1) O “dom sincero:” atuado nos sacrifício da cruz ressalta de modo definitivo o sentido esponsal do amor de Deus. Cristo é o Esposo da Igreja, como redentor do mundo. A *Eucaristia* torna presente e de modo sacramental realiza novamente o ato redentor de Cristo, que “cria” a Igreja, seu corpo. Com este “corpo”, Cristo está unido como o esposo com a esposa. Tudo isto está presente na *Carta aos Efésios*. No “grande mistério” de Cristo e da Igreja é introduzida a perene “unidade dos dois”, constituída desde o “princípio” entre o homem e a mulher. (...) É na eucaristia que, em primeiro lugar, se exprime de modo sacramental o ato redentor de Cristo Esposo em relação à Igreja Esposa. Isto se torna transparente e unívoco no serviço sacramental da Eucaristia, na qual o sacerdote age *<in persona Christi>*, realizada pelo homem.<sup>158</sup>

O Vaticano II fez reflorescer na Igreja a reflexão da vocação universal à santidade, pela qual todos os membros do Corpo de Cristo, homens e mulheres, são chamados a serem santos a exemplo do Cristo-Cabeça deste mesmo Corpo. Nesse sentido, não se pode esquecer daquela que é aurora e modelo da Igreja, Maria Santíssima.

E a santidade é a medida segundo o “grande mistério” em que a Esposa responde com o dom do amor ao dom do Esposo, e o faz “no Espírito Santo”, pois “o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado” (cf. Rm 5,5) O Concílio Vaticano II, confirmando o ensinamento de toda tradição, recordou que, na hierarquia da santidade, *precisamente a “mulher”*, Maria de Nazaré, é “figura sem mácula e sem ruga”. (Cf Ef 5,27). Neste sentido, pode-se dizer que a Igreja é *conjuntamente* “Mariana” e “apostólico-petrina”.<sup>159</sup>

### 3.3.3 *Dominum et vivificantem*

A Carta Encíclica *Dominum et Vivificantem*, do saudoso papa João Paulo II, trata da ação do Espírito Santo na Igreja e no mundo. Na última parte da carta, reflete acerca da frase encontrada no final do Livro do Apocalipse de São João: “O Espírito e a Esposa dizem: Vem” (Ap 22,17).

Apresenta o sentido mais íntimo da união da Igreja com a Virgem Santíssima, que se volta continuamente e clama pelo retorno de seu amado Esposo, o qual por ela se encarnou e redimiu a humanidade. É com oração constante, a Igreja-Esposa se dirige ao Amado, ajudada pela Luz do divino Espírito.

<sup>158</sup> JOÃO PAULO II. *Mulieris dignitatem*, 25.

<sup>159</sup> *Ibidem*, 26.

Também é pela graça infundida pelo mesmo Espírito que a Igreja, presente por toda terra, peregrina rumo à casa do Pai, mantendo sempre viva a esperança escatológica, ou seja, a volta gloriosa do Cordeiro e a conseqüente glorificação definitiva de sua Esposa.

Compreende-se, assim, o sentido mais profundo pelo qual a Igreja, em união com a Virgem Maria, se volta continuamente como Esposa para o seu divino Esposo, conforme atestam as palavras do Apocalipse, citadas pelo Concílio: “O Espírito Santo e a Esposa dizem ao Senhor Jesus: Vem!” . A oração da Igreja é esta invocação incessante, na qual o espírito intercede por nós: de certo modo, ele próprio pronuncia essa invocação, *com* a Igreja e *na* Igreja. O Espírito, de fato, é dado à Igreja, a fim de que, pelo seu poder, toda a comunidade do Povo de Deus, por mais ramificada que seja na sua diversidade, se mantenha na esperança: naquela esperança em que já “fomos salvos”. É a *esperança escatológica*, a esperança da realização definitiva em Deus, a esperança do reino eterno, que se atua pela participação na vida trinitária. O Espírito Santo, concedido aos Apóstolos como Consolador, é o guarda e o animador desta esperança no coração da Igreja.<sup>160</sup>

### 3.3.4 Carta às Famílias

Nesta carta que o Santo Padre havia escrito para todas as famílias, por ocasião do Ano da Família, no n.19, ele trata do “grande mistério” apresentado por São Paulo em Ef 5, 23-32. O faz porque o Apóstolo mesmo é quem sintetiza a família como “grande mistério”.

Na mesma linha, a Igreja sempre acreditou, e continua acreditando, que o matrimônio sacramental entre dois batizados gera uma aliança comparada ao amor esponsal de Deus por seu povo no Antigo Testamento e de Cristo por sua Igreja na Nova Aliança. Recorda o papa que, na antiga Lei, Deus se apresentava como um esposo exigente e fiel, que se mantinha amando a sua esposa apesar de suas inúmeras traições.

São Paulo sintetiza o tema da vida familiar com a expressão: “grande mistério” (Ef5,32). O que ele escreve na Carta aos Efésios sobre este “grande mistério”, apesar de radicado no livro do Gênesis e em toda a tradição do Antigo Testamento, apresenta, todavia, uma configuração nova, que encontrará explicitação no magistério da Igreja. A Igreja professa que o Matrimônio, como sacramento da aliança dos esposos, é um “grande mistério”, porque nele se exprime o *amor esponsal de Cristo pela sua Igreja*.<sup>161</sup>

No Novo Testamento, Jesus nos assegura que ele é o Esposo que está conosco, com cada um dos batizados que forma a sua Esposa-Igreja. E o amo com o qual os batizados foram amados por Cristo enquanto esposa faz com que ela seja sempre renovada na sua santidade.

<sup>160</sup> JOÃO PAULO II. Carta Apostólica *Dominum et Vivificantem*, 66.

<sup>161</sup> Idem. *Carta às Famílias*, 19.

Assim, o esposo é o próprio Deus que se fez homem. Na Antiga Aliança, Iahweh apresenta-se como o Esposo de Israel, povo eleito: um Esposo terno e exigente, ciumento e fiel. Todas as traições deserções e idolatrias de Israel, descritas dramaticamente e sugestivamente pelos Profetas, não conseguem apagar o amor com que o *Deus-esposo* “ama até o fim.” (cf. Jo 3,1). A confirmação e o cumprimento da comunhão esponsal entre Deus e o seu povo verificam-se em Cristo, na Nova Aliança. Jesus assegura-nos que o Esposo está conosco (cf. Mt 9,15). Está com todos nós, está com a Igreja. A *Igreja torna-se esposa*: esposa de Cristo. Esta esposa, de que fala a Carta aos Efésios, faz-se presente em cada batizado e é como uma pessoa em que o olhar do seu esposo se compraz. O amor, pelo qual o Esposo “amou até o fim” a Igreja, faz com que esta seja sempre novamente santa nos seus santos, mesmo se não deixa de ser uma Igreja de pecadores.<sup>162</sup>

Não se pode esquecer de referir que a família, enquanto Igreja doméstica, também é esposa de Cristo, pois é nela que a Igreja universal e as Igrejas particulares se manifestam diretamente. No amor mútuo entre os cônjuges e no amor destes por seus filhos se manifesta o amor infinito de Deus por sua Igreja, daquele que nos amou primeiro e nos ensinou a amar como Ele mesmo ama.

A própria família é o grande mistério de Deus. Como “igreja doméstica”, ela é a *esposa de Cristo*. A Igreja Universal, e nela cada Igreja particular, revela-se de maneira mais imediata e concreta como esposa de Cristo na “igreja doméstica” e no amor aí vivido: amor conjugal, amor paterno e materno, amor fraterno, amor de uma comunidade de pessoas e gerações. Porventura será possível imaginar o amor humano sem o esposo e sem o amor com que ele amou primeiro e até o fim? Somente participam de tal amor e nesse “grande mistério”, é que os esposos podem amar “até o fim”: ou se tornam participantes dele, ou então não conhecem plenamente o que seja o amorem quanto sejam radicais suas exigências. Sem dúvida, isto constitui para eles um grande perigo.<sup>163</sup>

João Paulo II não deixa de salientar a profundidade do ensinamento ético contido na Carta aos Efésios e sua repercussão na família enquanto Igreja Doméstica. Fundamentalmente a repercussão da ação do modelo de amor do Cristo Esposo para as famílias se manifesta no fato de que, por ele é que os esposos se tornam um dom recíproco.

A doutrina da Carta aos Efésios encanta pela sua profundidade e força *ética*. Ao indicar o matrimônio e, indiretamente a família, como o “grande mistério” em relação a Cristo e à Igreja, o apóstolo Paulo pode reafirmar uma vez mais aquilo que tinha dito anteriormente aos maridos. “Pelo que vos diz respeito, ame também cada um de vós sua mulher contra si mesmo”! E ajunta: “E a mulher respeite seu marido” (Ef 5,33). Ela respeita porque ama e sabe que é correspondida no amor. É em virtude de tal amor que os esposos *se tornam dom recíproco*. No amor, está contido o reconhecimento da dignidade pessoal do outro e da sua irrepitível unicidade: de fato, dentre todas as criaturas da terra, cada um deles enquanto ser humano foi escolhido por Deus por si mesmo, porém, cada um, por um ato consciente e responsável, faz livremente de si próprio um dom ao outro e aos filhos recebidos no Senhor.<sup>164</sup>

<sup>162</sup> JOÃO PAULO II. *Carta às Famílias*, 19.

<sup>163</sup> *Ibidem*.

<sup>164</sup> *Ibidem*.

A doutrina paulina acerca do matrimônio cristão à luz da união esponsal de Cristo com a Igreja é um verdadeiro resumo da revelação de Deus ao homem. Esta revelação ocorre de forma plena em Jesus Cristo. Contudo, o racionalismo moderno fez com que surgisse a dualidade entre corpo e espírito. Isto se constitui num erro, pois o nosso corpo não é apenas carne, mas sim um corpo espiritualizado pela presença da alma que de Deus recebemos. Esta é a resposta que *A Gaudium et spes* dá para este racionalismo. E esta resposta é de suma importância para a compreensão da família.

A maravilhosa síntese paulina a propósito do “grande mistério” apresenta-se como o compêndio, a *summa*, em determinado sentido, *do ensinamento sobre Deus e o homem*, que Cristo levou a perfeição. (...) É típico do racionalismo, contrapor radicalmente, no homem, o espírito ao corpo e o corpo ao espírito. O homem, pelo contrário, é pessoa na unidade do corpo e do espírito. O corpo nunca pode ser reduzido à pura matéria: é um corpo espiritualizado, assim como o espírito está tão unido ao corpo que se pode qualificar como um espírito *corporizado*”. A fonte mais importante para o conhecimento do corpo é o Verbo feito carne. *Cristo revela o homem ao próprio homem*. Esta afirmação do Concílio Vaticano II, de certo modo, é a resposta, longamente esperada, dada pela Igreja ao racionalismo moderno.<sup>165</sup>

### 3.3.5 Documentos para o novo milênio

Também na Bula *Incarnationis mysterium* e na Carta Apostólica *Novo millennio ineunte*, o sumo pontífice recordava, ainda que rapidamente, da Igreja enquanto Esposa de Cristo que caminhava para o terceiro milênio da encarnação de seu esposo.

Na Bula Pontifícia, recorda a esponsalidade entre Cristo e a Igreja no momento em que se refere à questão da abertura da porta santa, pela qual os fiéis deveriam entrar para renovar a sua fé em Cristo. E por esta passagem, o divino Esposo e a Igreja-Esposa vão aumentar ainda mais a sua comunhão.

O sinal da porta lembra a responsabilidade de todo o fiel quando este atravessa o seu limiar. Passar por aquela porte significa confessar que Jesus Cristo é o Senhor, revigorando a fé nele para viver a vida nova que nos deu. (...) Ao cruzar o seu limiar, [o papa] mostrará à Igreja e ao mundo o Santo Evangelho, fonte de vida e de esperança para o terceiro milênio. Através da porta santa, simbolicamente mais ampla porque aberta ao fim de um milênio, Cristo se integrará mais profundamente na Igreja, seu Corpo e sua Esposa. Compreendemos assim como é de rico significado o apelo do Apóstolo Pedro, quando escreve que, unidos a Cristo, também nós entramos “como pedras vivas, na construção de um edifício espiritual, por meio de um sacerdócio santo, cujo fim é oferecer sacrifícios espirituais que serão agradáveis a Deus” (1Pd 2,5).<sup>166</sup>

<sup>165</sup> JOÃO PAULO II. *Carta às Famílias*, 19.

<sup>166</sup> Idem. Bula *Incarnationis mysterium*, 8.

Já na carta apostólica escrita para o início do novo milênio, João Paulo lembra a união esponsal entre Cristo e a Igreja quando fala da santidade. Recorda que todo o caminho pastoral da Igreja peregrina deve se direcionar sempre para a santidade.

Não deixa de citar o capítulo V da *Lumen gentium*, que trata da vocação universal à santidade de todos os fiéis. Afirma que a vocação pessoal à santidade é devida à santidade da Igreja, a amada Esposa pela qual Cristo se entregou justamente com o objetivo de santificá-la.

Em primeiro lugar, não hesito em dizer que o horizonte para o qual deve tender todo o caminho pastoral é a santidade. (...) Assim, é preciso redescobrir, em todo o seu valor programático, o capítulo V da constituição dogmática *Lumen gentium*, intitulado “Vocação universal à santidade”. (...) Professar a Igreja como santa significa apontar o seu rosto de *Esposa de Cristo*, que a amou entregando-se por ela precisamente para a santificar. (Cf, Ef 5,25-26). Esse dom da santidade, por assim dizer, objetiva, é oferecido a cada batizado.<sup>167</sup>

### 3.4 Papa Bento XVI

Em sua primeira encíclica, intitulada *Deus caritas est*, o atual pontífice romano trata do centro da fé cristã, ou seja, o amor de Deus por nós e o nosso amor por Deus e pelos irmãos, como resposta ao amor divino.<sup>168</sup> Na primeira parte da encíclica, onde expõe a questão do amor na história da salvação e da criação, o papa apresenta a diferença e unidade existentes entre “*Eros*” e “*Ágape*”. Afirma que o amor entre o casal se impõe ao ser humano por sua natureza.<sup>169</sup>

Segue o Pontífice questionando se a acusação de que o cristianismo teria destruído o *eros* trata-se de uma afirmação verdadeira. Responde dizendo que não, pois, na verdade, o que o cristianismo fez foi dar ao *eros* um valor mais elevado.<sup>170</sup> O necessário caminho de purificação do *eros*, a fim de que se realize a sua promessa humana e divina, pode ter o seu início no livro do Cântico dos Cânticos. Nele, percebe-se que o amor verdadeiro busca o outro, não é egoísta, mas sim, altruísta.

A relação de amor que provoca a união do casal humano, enquanto manifestação da união esponsal entre Cristo e a Igreja, é dotada de duas propriedades essenciais: a unidade e a indissolubilidade. A unidade engloba a exclusividade (um homem para uma mulher) e a união perfeita do casal, chamada de *consorcio totius vitae*, o consórcio de toda vida. A

<sup>167</sup> JOÃO PAULO II. Carta Apostólica *Novo millennio ineunte*, 30.

<sup>168</sup> BENTO XVI, Carta Encíclica *Deus caritas est*, 1.

<sup>169</sup> *Ibidem*, 3.

<sup>170</sup> *Ibidem*.



indissolubilidade pressupõe a união em caráter permanente e a fidelidade vivida a cada dia. Estas características são apresentadas por Bento XVI na encíclica.<sup>171</sup>

Além de recordar as imagens místicas do Cântico dos Cânticos, o Romano Pontífice ainda apresenta o amor apaixonado de Deus pelo seu povo, descrito nas profecias de Oséias e Ezequiel. Nestas, a integração de Iahweh com o povo eleito do Antigo Testamento é comparada com o noivado e o matrimônio. Conseqüentemente, a infidelidade ao amor de Deus, buscando falsos deuses, é descrita como adultério e prostituição.<sup>172</sup>

Além disto, segue o papa Bento XVI recordando que o *eros*, em seu sentido mais profundo<sup>7</sup> é *ágape*, dado tratar-se de um amor gratuito e compassivo é misericordioso. E isto é apresentado, sobretudo, na profecia de Oséias, que recorda a infidelidade do Povo de Israel ao seu esposo e Deus e, simultaneamente, o perdão divino.<sup>173</sup>

A visão metafísica de Deus, que aparece no Antigo Testamento, manifesta que Ele é a origem de todas as criaturas. Sendo a razão fundamental, o princípio criador de tudo, o *Logos*, é também alguém que ama apaixonadamente toda obra de sua criação, especialmente o ser humano, com o qual deseja fazer uma aliança definitiva, dando-nos o exemplo de como deve ser o pacto nupcial entre os esposos humanos, ou seja, “e serão dois, mas numa só carne” (Gn 2,24).<sup>174</sup>

Assim sendo, a novidade primeira que apresenta a fé bíblica é a manifestação da imagem de Deus; em seguida, como conseqüência desta, a imagem do homem. E este homem masculino é complementado pela mulher, “osso de meus osso e carne da minha carne” (Gn 2,23). Os dois, homem e mulher, têm o *eros* inserido em sua natureza. E este *eros* é o fator que leva o homem a unir-se à sua mulher, numa união marcada pela unidade e a indissolubilidade.

Assim, o que se conclui das palavras do Romano Pontífice é que Deus ama o homem com um amor que é naturalmente dotado das características de unidade e indissolubilidade. E, como o homem é imagem e semelhança de Deus, o amor entre os esposos humanos gera um vínculo que, naturalmente, tende à unidade e à indissolubilidade.

Ou seja, unidade e indissolubilidade não são elementos antinaturais e impostos ao homem na sua relação sponsal; ao contrário, o normal, o natural, o que segue já a ordem da criação, mas também da redenção e da santificação, é que o verdadeiro amor gere uma

---

<sup>171</sup> BENTO XVI, *Op. cit.*, 6.

<sup>172</sup> *Ibidem*, 6.

<sup>173</sup> *Ibidem*, 9.

<sup>174</sup> *Ibidem*.

união que seja única e indissolúvel, a qual será imagem do amor de Deus pelo seu povo e, no Novo Testamento, do amor de Cristo pela Igreja.<sup>175</sup>

Já no Antigo Testamento encontra-se a manifestação do amor de Deus pelo seu povo na forma esponsal. No Novo Testamento a união estabelecida como fruto deste amor ocorre de forma inimaginável para os judeus e os gregos: o Deus que ama seu povo não só faz uma nova aliança com ele, mas envia seu filho, juntando na Pessoa de Cristo a divindade e a humanidade.

Mais ainda: o Deus que ama seu povo, faz aliança com Ele, envia seu Filho único para morrer na cruz pelos pecados do povo “adúltero”. Assim, este amor de Deus torna-se uma realidade concreta, visível, palpável, que dá um sentido novo e inimaginável para este amor; como amor verdadeiro que é, sacrifica-se pelo amado até as últimas conseqüência. Por isso, Cristo entrega seu Corpo e Sangue na cruz para salvar a humanidade infiel.<sup>176</sup>

Jesus Cristo quis perpetuar o Seu ato de entrega amorosa na cruz para a salvação da humanidade através do Sacramento da Eucaristia. Nele, a união de Deus com o seu povo torna-se uma realidade impossível de ser percebida no Antigo Testamento. A união de Deus com o Seu povo não mais se dá somente de um modo espiritual, mas de um modo concreto. A comunhão no Corpo e no Sangue de Cristo, introduz o homem na vida Trinitária e deve ser sempre aberta ao serviço dos irmãos, especialmente dos que participam da comunhão do mesmo Corpo e Sangue de Cristo.<sup>177</sup>

---

<sup>175</sup> BENTO XVI. *Deus caritas est*, 10.

<sup>176</sup> *Ibidem*.

<sup>177</sup> *Ibidem*, 13.

## 4 A SACRAMENTALIDADE DO MATRIMÔNIO

Nesse capítulo serão apresentados aspectos teológicos da sacramentalidade do matrimônio cristão, o qual encontra seu fundamento e modelo na união esponsal Cristo-Igreja, como já foi apresentado nos capítulos anteriores. Na seqüência, tendo por base esta sacramentalidade do matrimônio, serão expostas algumas de suas aplicações práticas no direito canônico e na pastoral.

### 4.1 A sacramentalidade do Matrimônio Cristão

A teologia sistemática tem, nos tempos hodiernos, a missão de apresentar de forma bastante clara até onde se relacionam intimamente o matrimônio como sinal sacramental e como evento sacramental produzidos pela graça. O matrimônio é um sinal que realiza a entrega e a aceitação mútua dos cônjuges no amor, realizando uma comunhão de toda vida. Nele deve acontecer a aceitação de Deus para com seu povo e de Cristo para com sua Igreja.

A dogmática de nossos dias tem a tarefa de mostrar, da forma mais clara possível, até que ponto sinal sacramental e evento sacramental da graça se inter-relacionam interiormente: *matrimônio cristão é sinal realizador de aceitação em amor para uma comunhão de vida abrangente, nele se realiza a amorosa aceitação de Deus para com seu povo e de Jesus Cristo para com sua Igreja.*<sup>178</sup>

A característica peculiar da comunhão produzida pela sacramentalidade do matrimônio cristão é o seu caráter holístico. Isto significa que o matrimônio é uma situação na qual deve ocorrer o encontro de dois seres humanos que se entregam e se recebem mutuamente em todo o seu ser, sem restrições. Significa também uma comunhão total do presente e do futuro, de toda a vida, entendendo-se este “toda” tanto no sentido de intensidade como no sentido de continuidade no tempo.

É isto que o casal expressa ao proferir ou dar seu sim à fórmula de consentimento na celebração litúrgica do matrimônio: “Eu, N. te recebo N., por minha esposa, e te prometo ser fiel, amar-te e respeitar-te, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, todos os dias da nossa vida”. (Cf. Ritual do Matrimônio, fórmula do consentimento matrimonial).

---

<sup>178</sup> SCHNEIDER, Theodor (org.). *Manual de Dogmática*. Petrópolis: Vozes, 2001, p.333.

*O específico da comunhão matrimonial* é seu caráter holístico. Isso significa: (1) Matrimônio não é somente lugar de esforço comum e comunicação espiritual, e sim, de um encontro físico que abrange o ser humano em seu todo. (2) matrimônio não significa apenas comunhão limitada de interesses, e sim comunhão de destino “em dias bons e maus”. (3) Matrimônio não significa uma aliança ara breve tempo, e sim uma proposta para toda vida. Por isso falamos de aceitação em amor para uma comunhão de vida abrangente.<sup>179</sup>

Se o matrimônio é um sacramento, se o é por inteiro, não há, pois, nada na vida conjugal que fique fora de seu âmbito sacramental. Deus intervém para santificar o amor humano. Assim, dizer que o matrimônio resulta em si mesmo em um instrumento da vida divina não é exagerado. Sem embargo, esta é, de fato, a doutrina cristã.<sup>180</sup>

Toda história da sacramentalidade do matrimônio cristão se resume na tentativa de se fazer entender que a sacramentalidade não é uma simples bênção acrescentada a união matrimonial de dois batizados. Contudo, parece que ainda este pensamento está presente nas pessoas em geral. Ou seja, afirmar a sacramentalidade do matrimônio parece algo às vezes um tanto exagerado para alguns. As afirmações segundo do tipo: “o matrimônio é um intercâmbio de consentimentos” ou “para os cristãos, matrimônio e consentimento se identificam”, ou ainda “que não pode haver matrimônio sem sacramento”, parecem, para muitos, um tanto exageradas.<sup>181</sup>

O ato da aliança conjugal cristã, muitas vezes chamado de contrato, adquire a realidade de sacramento no caso dos esposos serem batizados. O fato de que a promessa conjugal de um cristão e uma cristã ser um verdadeiro sacramento provém de sua identidade cristã, reassumida por eles em através do amor que mutuamente prometem e aceitam diante de Cristo. Seu pacto conjugal faz com que se dêem um ao outro e os consagra também a Aquele que é o Esposo por excelência. E esta aliança conjugal, enquanto contrato, não se torna sacramento por um estatuto jurídico eficaz ou por determinação de uma autoridade, mas sim em virtude do caráter publicamente cristão que afeta o compromisso recíproco e que permite entender porque os noivos são, eles mesmos, os ministros do sacramento.<sup>182</sup>

A revelação divina, apresentada já no segundo capítulo do Gênesis acerca do relacionamento entre o homem e a mulher, é considerada um grande mistério. E este grande mistério o autor da carta aos efésios associa a relação nupcial existente entre Cristo e sua Igreja.

<sup>179</sup> SCHNEIDER, Theodor (org.). *Op. cit.*, p.333-334.

<sup>180</sup> LECLERQ, Jacques. *Matrimonio Natural y Matrimonio Cristiano*. Barcelona: Herder, 1969, p.58-59.

<sup>181</sup> *Ibidem*, p.57-58.

<sup>182</sup> COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. *Doutrina Católica sobre o Matrimônio*. 1977.

O que é dito em Gn 2,24 a respeito de homem e mulher (que o "homem se unirá a sua mulher e os dois serão uma só carne") "é um grande mistério; eu o relaciono à Cristo e à sua Igreja" (5,32). O "grande mistério" consiste, portanto, inicialmente, na identificação, preocupada em amor e criadora de unidade, de Cristo com a Igreja, que é seu corpo (4,15.5,30)<sup>183</sup>

Assim como no Sacramento do Matrimônio o consentimento de uma parte deve ser aceito e correspondido pela outra, o mesmo ocorre na união entre Deus e o homem. Já desde antes da encarnação do Verbo, Deus oferece a todos os seres humanos a Aliança. Todavia, cada pessoa deve acolher pessoalmente este dom do amor divino, que toma a iniciativa de vir ao encontro da pessoa humana para amá-la.

O vínculo matrimonial possui, por si mesmo, uma dimensão religiosa essencial. Já o "casamento natural" é um símbolo religioso que se refere à fidelidade de Deus. Por isso, o Antigo Testamento pode empregar o matrimônio como imagem e semelhança da aliança de Deus com os homens. Mas, para a Escritura, a "aliança" é uma realidade salvífica por antonomásia. A salvação consiste em que Deus aceita o homem de maneira definitiva, quando lhe diz sim. Claro que esse sim alcança verdadeiramente o homem somente se este acolhe o sim de Deus na fé, esperança e amor, pronunciando, por sua vez, o seu sim, respondendo com ele ao sim de Deus com um amor de correspondência.<sup>184</sup>

O matrimônio é sinal da aliança de Deus com o seu povo eleito no Antigo Testamento e na nova e eterna Aliança que Deus celebra com a Igreja através de Cristo. Em todos os Sacramentos há uma relação da realidade que compõe o sinal sacramental com o significado do sentido que esse mesmo sinal tem na ordem da salvação e da graça. Enquanto sacramento, o matrimônio possui um sentido que advém da aliança estabelecida por Deus com seu povo. A partir de Jesus Cristo, ele foi elevado à ordem da graça.<sup>185</sup>

Toda a criação foi realizada por Cristo, em Cristo e para Cristo. Por isso mesmo, desde que o matrimônio foi instituído por Deus Criador, chega a ser, sem embargo, uma figura do mistério da união de Cristo-Esposo com a Igreja-Esposa e se encontra, de certo modo, ordenado a este mistério. Quando celebrado entre batizados, este matrimônio é elevado à dignidade de sacramento propriamente dito e seu sentido é, então, fazer com que o casal participe do amor esponsal de Cristo e da Igreja. Além disso, sendo entre batizados, o matrimônio querido por Deus criador é inseparável do matrimônio sacramento. A sacramentalidade do matrimônio cristão não o afeta de maneira acidental, como se essa qualidade pudesse ou não ser-lhe acrescentada. Muito ao contrário, esta sacramentalidade é

<sup>183</sup> NOCKE, Franz-Josef. *Manual de Dogmática. Volume II*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 328

<sup>184</sup> KASPER, Walter. *Teologia do Matrimônio Cristão*. São Paulo: Paulinas, 1993, p.36-37.

<sup>185</sup> *Ibidem*.

algo verdadeiramente inerente à essência do matrimônio, a tal ponto que não pode jamais ser separada desta.

A consequência do que foi acima exposto é que, para os batizados, não pode haver verdadeira e realmente nenhum estado conjugal diferente daquele querido por Cristo, ou seja, o matrimônio Cristão. Neste sacramento, os esposos cristãos, ao se darem e se aceitarem mutuamente, por meio de um consentimento pessoal e livre, são radicalmente liberados da “dureza de coração” da qual Jesus fala em Mt 19, 3. Para eles, chega a ser realmente possível viver um amor definitivo porque, por meio do sacramento são verdadeira e realmente assumidos no mistério da união sponsal de Cristo e da Igreja. Desta forma, a Igreja não pode reconhecer que dois batizados se encontrem num estado conjugal de acordo com a sua dignidade se este não se inicia pela celebração do matrimônio.<sup>186</sup>

A literatura profética apresenta também a união de amor de Deus para o seu povo enquanto pacto nupcial. Destaca em primeiro lugar a aliança de Yahweh com Israel, sempre recordando, fundamentalmente, o matrimônio como símbolo desta aliança.<sup>187</sup>

A união entre divino e humano atinge seu cume na pessoa de Jesus Cristo, Deus e homem, que vem fazer com a humanidade inteira a nova e eterna Aliança. Esta Aliança acontece plenamente pela doação de seu próprio sangue na cruz para salvação de todos. Jesus Cristo é a plenitude da revelação de Deus para os homens, é a personificação da Aliança Deus-homem. Por isso, pode-se afirmar que Cristo, se faz um homem igual aos outros em tudo, exceto no pecado, trazendo à humanidade, a possibilidade de participar da vida divina.

Essa unidade de Deus e do ser humano no amor é a unidade que se atualiza por meio de um sinal no amor matrimonial. Em Jesus Cristo alcançará sua máxima realização, de uma vez por todas. Porque em Jesus Cristo, Deus pronunciou de uma forma totalmente única, definitiva e insuperável, seu sim ao ser humano, ao comunicar-se plenamente a si mesmo, fazendo da humanidade de Jesus sua forma de existência no mundo, até o extremo de consumir sua obediência na cruz, transformando-se a si mesmo, por sua entrega humana, em sinal presencializador do amor de Deus. Por isso, Jesus Cristo é a aliança personificada de Deus com os homens.<sup>188</sup>

Jesus Cristo fez redescobrir a realidade do matrimônio tal como ele tinha sido querido por Deus desde a origem do gênero humano, conforme nos apresenta o capítulo 19 do Evangelho de Mateus, citando Gênesis 2,24. Ele restaurou o matrimônio por meio de sua morte e ressurreição. Assim, o matrimônio cristão é vivido no Senhor e está determinada pelos elementos da obra de salvação.

<sup>186</sup> COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, *Op. cit.*

<sup>187</sup> LARRABE, José Luis. *El Matrimonio e la Familia*. Madrid: BAC, 1993, p. 22-23.

<sup>188</sup> KASPER, Walter. *Op. cit.*, p.37.

Esse sacramento se reveste de uma dignidade ainda mais alta, visto ser a representação do mistério que une Cristo à Igreja, conforme o texto de Ef 5, 21-32. Esta analogia fica mais clara por meio da interpretação teológica: o amor supremo e o dom do Senhor até o derramamento de seu sangue, assim como a adesão fiel e irrevogável da Igreja, sua Esposa, chegam a ser modelo e exemplo para o matrimônio Cristão.

Esta semelhança é uma relação de autêntica participação na aliança de amor entre Cristo e a Igreja. Por sua parte e a modo de símbolo real e de sinal sacramental, o matrimônio cristão representa concretamente a Igreja de Jesus Cristo no mundo, sobretudo no aspecto da família, que é chamada, com razão, Igreja Doméstica.<sup>189</sup>

Destarte, o matrimônio cristão se configura ao mistério da união entre Cristo e a Igreja. O fato de que o matrimônio cristão seja assumido pela economia da salvação justifica a denominação de “sacramento” em sentido amplo. Assim, o matrimônio cristão é, em si mesmo, verdadeira e propriamente um sinal de salvação que confere a graça de Jesus Cristo, sendo, por isso mesmo, contado pela Igreja Católica entre os sete sacramentos.

Assim como Cristo ama a humanidade pecadora e se entrega pela santificação da mesma, o esposo e a esposa devem ser um para o outro, um meio de santificação. Se tal ocorrer, realizam a vocação à santidade recebida no batismo e acompanhada da graça santificante. Para que isto aconteça, é necessário saber amar a carregar a sua cruz e ajudar-se mutuamente nesta tarefa, enfrentando os obstáculos que se interpõem para o cumprimento fiel das promessas feitas por ocasião da celebração do pacto nupcial.

Mas se o matrimônio manifesta uma força peculiar de “ser em Cristo”, que tem seu fundamento no batismo, também pressupõe uma forma peculiar de participação na morte e na ressurreição de Cristo. Quando se contempla o amor matrimonial sob o signo pascal da cruz, aí então se começa a viver da doação, do perdão a partir de inícios constantemente renovados (...) E assim como Cristo ama a sua Igreja, embora como Igreja de pecadores, e como tal a purifica e a santifica da mesma maneira os cônjuges deverão aceitar-se mutuamente em todos os conflitos, deficiências e culpabilidades que aparecem no dia-a-dia. Esse crescimento e essa transformação no amor só serão possíveis aos cônjuges porque lhes é permitido confiar que seu amor e fidelidade humanos já estão integrados, desde sempre, no triunfo pascal do amor de Deus que supera qualquer infidelidade ou desamor dos homens.<sup>190</sup>

A união sponsal de Cristo com a Igreja não destrói, pelo contrário, leva ao pleno cumprimento o que o amor conjugal do homem e da mulher realiza no campo da comunhão e da fidelidade. Na Cruz, Cristo conclui, de forma perfeita, a oblação de si mesmo que os

<sup>189</sup> COMISIÓN TEOLOGICA INTERNACIONAL. *Op. cit.*

<sup>190</sup> KASPER, Walter. *Op. cit.*, p.38.

esposos desejam realizar na carne, sem chegar a realizá-la de forma plena. Cristo realiza em favor da Igreja, a qual ama como seu próprio Corpo, o que os esposos devem realizar por suas esposas, como afirma São Paulo. (Ef 5, 21-33).<sup>191</sup>

Assim sendo, na obra da salvação cristã, o Sacramento do Matrimônio tem relação com o mistério da redenção operada por Jesus Cristo. Através dele, os cônjuges podem e devem se santificar mutuamente. Para que isso aconteça é necessário que ambos se coloquem a serviço da glória de Deus.

Essa libertação dos “poderes” da “carne e do sangue” e sua conseqüente integração na totalidade da existência humana e cristã pretendem tornar o homem livre a fim de que possa servir a Deus com seu corpo (cf. 1Cor 6,20), ou seja, com todo o seu contexto corpóreo e relacionado com o mundo. Esse aspecto positivo pode ser designado como santificação dos cônjuges. Segundo o Novo Testamento, todos os batizados são “santificados”, quer dizer, introduzidos na esfera da santidade de Deus (cf. 1Cor 1,2.30;6,11 e par.). O sacramento do matrimônio significa, de modo muito especial, uma participação no serviço santificante de Cristo (cf. Ef 5,26). Essa santificação, por sua vez, engloba dois elementos: uma colocar-se ao serviço de Deus e de sua obra criadora e redentora (“consecratio”) e uma capacitação ontológica interna para esse serviço, em virtude da graça santificante (“santificacio”).<sup>192</sup>

O vínculo matrimonial possui, por si mesmo, uma dimensão religiosa essencial. Já o “casamento natural” é um símbolo religioso que se refere à fidelidade de Deus. Por isso, o Antigo Testamento pode empregar o matrimônio como imagem e semelhança da aliança de Deus com os homens. Mas, para a Escritura, a “aliança” é uma realidade salvífica por antonomásia. A salvação consiste em que Deus aceita o homem de maneira definitiva, quando lhe diz sim. Claro que esse sim alcança verdadeiramente o homem somente se este acolhe o sim de Deus na fé, esperança e amor, pronunciando, por sua vez, o seu sim, respondendo com ele ao sim de Deus com um amor de correspondência.<sup>193</sup>

Entre a indissolubilidade do matrimônio cristão e a sua sacramentalidade há uma relação particular, isto é, uma relação constitutiva e recíproca. A indissolubilidade permite perceber mais facilmente a sacramentalidade do matrimônio cristão e, por sua vez, do ponto de vista teológico, a sacramentalidade constitui o fundamento último, ainda que único, da indissolubilidade do matrimônio.<sup>194</sup>

Então, a sacramentalidade do matrimônio cristão se converte em uma evidência para a fé. A partir do momento em que os batizados tomam parte no Corpo de Cristo, que é a

<sup>191</sup> COMISIÓN TEOLOGICA INTERNACIONAL. *Op. cit.*

<sup>192</sup> KASPER, W. *Op. cit.*,p.39.

<sup>193</sup> *Ibidem.*

<sup>194</sup> COMISIÓN TEOLOGICA INTERNACIONAL. *Op. cit.*



Igreja, Cristo atrai a sua esfera o amor conjugal deles, para comunicar-lhe a verdade humana da qual, fora dele, está privado este amor. E isto se realiza no Espírito Santo, em virtude do poder que Ele (Cristo), possui como segundo e último Adão. Os esposos atestam no coração da Igreja que se comprometem com a vida conjugal, esperando de Cristo a força para cumprir esta forma de amor que, sem a presença de Cristo, estaria em perigo.

Desta forma, o mistério de Cristo como Esposo da Igreja se irradia para os casais que a Ele estão consagrados. Seu amor conjugal se vê, assim, aprofundado, e não desfigurado ou enfraquecido, visto que remete ao seu sustento e fundamento, ou seja, o amor que Cristo tem por sua amada Esposa, a Igreja.<sup>195</sup>

Passando-se a uma visão da sacramentalidade do matrimônio a partir da eclesiologia, pode-se afirmar com o Vaticano II que a Igreja é um sacramento, conforme LG 1. O uso da palavra “sacramento” referindo-se à Igreja, serve para sublinhar a origem da Igreja em Deus Pai e em Cristo, bem como sua absoluta dependência Deles. De forma semelhante, indica mais precisamente a ordenação da Igreja à manifestação e presença no meio dos homens do mistério do amor universal de Deus, em ordem da união íntima dos homens entre si e com Deus.<sup>196</sup>

Contudo, é necessário recordar que a denominação da Igreja como Sacramento sublinha, primeiramente e com grande clareza, o vínculo matrimonial da mesma com Cristo. Assim, possível aproximar desta expressão as imagens bíblicas da Igreja enquanto Esposa de Cristo e Corpo de Cristo. A teologia da Igreja-Sacramento permite estar mais atentos à responsabilidade concreta da comunidade cristã, visto que os homens são conduzidos ao seu Salvador por meio do testemunho dos cristãos.<sup>197</sup>

A sacramentalidade do matrimônio, que provêm do fato dele manifestar a união esponsal entre Cristo e a Igreja, manifesta a sua dimensão salvífica. Considerando que o sujeito da salvação universal é Cristo e que o seu destinatário é sempre uma pessoa, os cônjuges, pela celebração do matrimônio, se assemelham a Cristo Salvador de uma maneira nova.

O conhecimento do caráter salvífico do matrimônio pode ser deduzido do fato de que ele constitui uma representação salvificamente operante na união entre Cristo e a Igreja. Esta explicação da eficácia salvífica do se refere ao próprio matrimônio, quer dizer, à união humana tipicamente matrimonial. E como o sujeito da graça só pode ser uma pessoa, o caráter significante do matrimônio implica a consequência de que os esposos se assemelham de maneira nova à Cristo. Embora na Epístola aos Efésios Paulo veja prefigurado o comportamento do marido com a mulher no

<sup>195</sup> COMISSIÓN TEOLOGICA INTERNACIONAL. *Op. cit.*

<sup>196</sup> *Ibidem.*

<sup>197</sup> *Ibidem.*

comportamento de Cristo com relação à Igreja, estabelecendo uma semelhança maior entre o homem e Cristo, enquanto ele motiva suas exortações à mulher com base na referência típica da Igreja a Cristo, contudo devemos dizer que tanto o homem como a mulher se tornam assemelhados de maneira nova a Jesus Cristo, segundo aquela forma que corresponde ao matrimônio.<sup>198</sup>

O efeito salvífico que o matrimônio cristão possui em razão da sua relação com a união esponsal Cristo-Igreja ocorre em razão da graça e da natureza. Em relação à natureza, o matrimônio consiste numa relação entre um homem e uma mulher dotados de suficiente uso da razão. A graça, por sua vez, constitui uma relação entre Deus e o homem. Ela sempre está revestida de um caráter de aliança que surge como iniciativa do amor de Deus.

A caracterização do efeito salvífico do matrimônio como a semelhança – expressa no próprio enlace matrimonial – com a união de Cristo com a Igreja, leva em consideração a essência do matrimônio e a natureza da graça. Com efeito, o matrimônio é uma realidade inter-humana especial. E a graças, por sua vez, constitui uma relação de Deus com o homem. Ela tem sempre o caráter de uma aliança, na qual a iniciativa sempre corresponde a Deus e se fundamenta nesta aliança. Assume um matiz dialogístico. Está, portanto, em harmonia com sua natureza o fato de se representar e atuar mediante uma relação inter-humana.<sup>199</sup>

Por isso, pode-se afirmar que a sacramentalidade do matrimônio significa que quando os dois batizados se entregam e recebem validamente, está representada a aceitação amorosa por Deus. A origem desta sacramentalidade é a aliança de Deus com a humanidade toda, que se tornou especialmente visível na aliança de Deus com o Povo de Israel. Neste povo, os profetas apresentam a imagem do noivo que escolhe a sua noiva e faz aliança com ela. E mesmo sendo vítima da infidelidade de sua amada e escolhida, Deus não a repudia.

Sacramentalidade do matrimônio significa: na aceitação em amor entre seres humanos é representada e realizada a aceitação em amor por parte de Deus. (...) A origem de tudo é a aliança de Deus com a humanidade (...), que se tornou concreta na aliança, que para Javé e Israel se tornou a história de uma comunhão de destino (ainda que díspar) da qual os profetas falam na imagem do noivo que escolhe sua noiva, faz com ela aliança, sendo ele próprio, atingido dolorosamente por sua infidelidade, mas que, não obstante, não a abandona.<sup>200</sup>

Em razão da sacramentalidade do matrimônio a família que surge pela aliança conjugal cristão se torna uma Igreja Doméstica. A presença de Cristo na família cristã ocorre através da ação do Espírito Santo. Ou seja, Cristo age na família da mesma forma que na Igreja. Se aos olhos do mundo hodierno o matrimônio e a família surgida com base nele já

<sup>198</sup> SCHMAUS, Michael. *A Fé da Igreja*. Volume V – A Igreja. 2. Caráter Sacramental da Igreja. Petrópolis: Vozes, 1980, p. 203.

<sup>199</sup> *Ibidem*, 204.

<sup>200</sup> SCHNEIDER, Theodor (org.). *Op. cit*, p. 334.

não tem tanta importância, para a Igreja eles continuam sendo dotados de capital importância. Pó este motivo, ao aspecto cristológico da sacramentalidade do matrimônio podemos acrescentar o aspecto eclesiológico. E esta dimensão eclesiológica da sacramentalidade do matrimônio reside no fato de que os esposos, pela geração da prole, acrescentarão novos membros ao Corpo de Cristo.

A semelhança com Cristo tem como consequência que os esposos, enquanto tais, realizam sua vida em Cristo, quer dizer, no âmbito da graça produzida por Jesus Cristo. Ele mesmo está presente no matrimônio pelo Espírito Santo. (...) E enquanto a presença de Jesus Cristo no Espírito Santo é uma nota especificamente para a própria Igreja, o matrimônio constitui uma Igreja em proporções menores, uma “Igreja Doméstica”. Certamente, hoje em dia o matrimônio já não tem a mesma força que antes para a edificação da sociedade. (...) Mas dentro da Igreja continua tendo a mesma importância fundamental que antes. Por isso, ao aspecto cristológico do matrimônio devemos acrescentar o eclesiológico. O sentido do novo estado eclesiológico esta em que os esposos hão de dar novos membros para o corpo de Cristo. Eles os oferecem à Igreja.<sup>201</sup>

Outro aspecto da dimensão eclesiológica da sacramentalidade do matrimônio é o fato de que os cônjuges devem se esforçar para viver o ser amor conjugal tendo como modelo o amor que Cristo tem pela Igreja. Isto decorre da função sacramental do matrimônio de significar e manifestar a todos a união de Cristo com a Igreja. O matrimônio deve ser, então, uma representação da união de Cristo com a Igreja não de uma forma meramente ilustrativa, mas sim como uma realidade que verdadeiramente participe da obra salvífica realizada por Cristo, a qual está fundamentada no amor.

O sentido do matrimônio como uma reprodução salvificamente operante da relação “Cristo-Igreja” cria nos esposos a capacidade e a obrigação de comportar-se mutuamente segundo a modalidade que aparece na referida relação. Jeste comportamento tem como suporte o amor. (...) Uma vez que no amor dos esposos se representa e se desenvolve o amor de Cristo à Igreja, e mesmo amor do próprio Deus, pode-se ver que pano de fundo tem a exortação do Apóstolo. E ao mesmo tempo se patenteia o campo da operação deste amor. Ele inclui a responsabilidade mútua, o cuidado, o respeito, a paciência. (...) A responsabilidade refere-se tanto à vida terrestre de cada cônjuge como à futura no céu. É, pois, uma responsabilidade total.<sup>202</sup>

Assim, como frutos da sacramentalidade do matrimônio, aparecem também as dimensões doméstica, eclesial e social da família. O casal não vive nem pode viver isolado da Igreja e do mundo, pois participa da Igreja e da sociedade, influenciando e sendo influenciado

<sup>201</sup> SCHMAUS, Michael. *Op. cit.*, p. 203.

<sup>202</sup> *Ibidem*, p. 204.

pelas mesmas. Isto ocorre exatamente em razão do amor totalmente altruísta que informa a relação do casal, fazendo com que um se entregue totalmente ao outro.

Enquanto os cônjuges, apesar da intimidade de sua pertença mútua não podem isolar-se da Igreja e do mundo, mas, ultrapassando a existência especificamente matrimonial, tem também uma existência co-humana e são membros da Igreja, e além disso, enquanto só lhes é possível realizar sua comunidade matrimonial como membros da Igreja e da comunidade inteira, como criaturas dentro do universo, todas estas realidades penetram o âmbito matrimonial. (...) O homem que no matrimônio amadureceu para um amor altruísta e para a preocupação responsável pelo outro fica preservado do abuso egoísta dos homens e das coisas, bem como de uma indiferença egocêntrica.<sup>203</sup>

Para alguns exegetas católicos, tal como Heinrich Schlier, Ef 5,21-33 apresenta a questão histórico-religiosa do casamento sagrado, dando a esta um novo sentido. O elemento de união poderia ser a idéia de que no amor entre marido e esposa se unem a terra e o céu. Por outro lado, o elemento que diferencia seria o fato de que, seguindo a perícopes citada, não é simplesmente o casamento que produz a união divino-humana, quase como de forma mágica, mas sim que o amor de Cristo se torna presente na relação amorosa do casal.

Heinrich Schlier suspeita que Ef 5, 21-33 retoma o motivo histórico religioso do “casamento sagrado” e o modifica. O elemento comum então seria a idéia de que, no amor entre marido e mulher estão unidos o céu e a terra. O elemento diferenciador seria o fato de que, segundo a Epístola aos Efésios, não é o simples fato do casamento que estabelece a união com a divindade (como de forma mágica), mas *na relação amorosa* dos cônjuges entre si se torna presente o amor de Cristo.<sup>204</sup>

Augusto Sarmiento afirma que os Santos Padres e a Tradição se referem com frequência ao matrimônio das origens, designando-o como sacramento primordial da criação. Ele existe em sua forma natural desde antes da vinda de Cristo, que é o autor de todos os sacramentos. Todavia, tal situação não causa nenhuma dificuldade para conta a sacramentalidade do matrimônio, entendida esta em seu sentido estrito.<sup>205</sup>

Enquanto sacramento, o matrimônio é uma ação de Cristo. Um sinal que significa e causa a graça, ou seja, não apenas anuncia a graça, mas sim a produz efetivamente. Isto se dá de tal sorte que os que se casam são santificados real e verdadeiramente pelo sacramento do matrimônio, visto que ele é uma atualização real e verdadeira (e não só figurativa) da aliança de amor entre Cristo e a Igreja.<sup>206</sup>

<sup>203</sup> SCHMAUS, Michael. *Op. cit.*, p. 207..

<sup>204</sup> SCHNEIDER, Theodor (org.). *Op. cit.*, p.328.

<sup>205</sup> SARMIENTO, Augusto. *El Matrimonio Cristiano*. Pamplona: EUNSA, 1997, p.127.

<sup>206</sup> *Ibidem*.

Determinar, pois, o sentido da sacramentalidade do matrimônio exige definir o que se quer expressar com o termo “matrimônio” quando se afirma que ele é um sacramento. Esta questão surge já nos séculos XII-XIII a propósito da relação entre o matrimônio e o mistério da união entre Cristo e a Igreja. Pode-se fazer uma distinção entre matrimônio *in fieri* e matrimônio *in facto esse*, ou seja, do Sacramento do Matrimônio como algo que aconteça no momento da celebração do mesmo ou do Sacramento do Matrimônio enquanto prolongada na vida conjugal e familiar. Normalmente quando se fala da sacramentalidade do matrimônio se faz referencia a estes dois sentidos.<sup>207</sup>

E isto se relaciona também com o fato de que a sacramentalidade do matrimônio está ligada à condição de batizados dos nubentes. Pelo batismo, homem e mulher se incorporam a Cristo de tal forma que se transformam em membros da Igreja, Seu corpo. E nesta condição, ou seja, como membros de Cristo e da Igreja. Não podem unir-se em matrimônio a não ser em nome de Cristo e da Igreja. Sua união matrimonial deve ser sinal e realização da união de Cristo com a Igreja.

Consequentemente, não só pode-se falar em inseparabilidade entre matrimônio e sacramento; de fato deve-se falar em verdadeira identidade entre eles. O matrimônio entre cristãos e a sua sacramentalidade não são duas realidades unidas; ao contrário, são uma única e mesma coisa. Aplica-se o termo “inseparabilidade” para deixar clara a distinção entre natureza e graça. Uma e outra dimensão se unem inseparavelmente no sacramento do matrimônio, de modo que o “matrimônio natural” é o mesmo santificado por Cristo. A dimensão natural, fruto da obra da criação, se une inseparavelmente à dimensão sobrenatural, fruto da redenção.<sup>208</sup>

Já Santo Agostinho apresentava os três bens do matrimônio, quais sejam, o bem da prole, o bem da fé e o bem do sacramento. Depois dele, a teologia seguiu a reflexão a partir do bem do sacramento, tendo sido interpretado como sinal sagrado pela primeira vez por Anselmo de Laon. Posteriormente foi introduzido no *Decretum Gratiani* e no *Comentário das Sentenças* de Pedro Lombardo.

S. Agostinho já cita os três bens do matrimônio: a) *bonum prolis* (bem da prole); b) *bonum fidei* (bem da fé). C) *bonum sacramenti* (indissolubilidade do matrimônio). Depois de S. Agostinho, a reflexão teológica partiu do *bonum sacramenti*, que, pela primeira vez, foi interpretado como *sinal sagrado* por Anselmo de Laon e depois introduzido no *Decretum Gratiani* e no *Comentário às Sentenças*, de Pedro Lombardo.<sup>209</sup>

<sup>207</sup> SARMIENTO, Augusto. *Op. cit.*, p. 134.

<sup>208</sup> *Ibidem.*

<sup>209</sup> ZILLES, Urbano. *Op. cit.*, p.453.

Desta forma, o amor entre marido e esposa faz crescer a unidade da Igreja, pois realiza o amor que a faz ser uma. Entre batizados, o matrimônio é sacramento porque, ao estabelecer um pacto permanente entre os cônjuges, eles realizam exatamente o que é a Igreja, ou seja, um sinal do amor de Deus para o homem.

Neste sentido, o amor dos cônjuges contribui para a unidade da Igreja porque é uma realização do amor que une a Igreja. O matrimônio entre batizados é sacramento porque, fazendo uma aliança permanente entre os cônjuges, esses fazem exatamente o que é a Igreja. Manifestam o sinal do amor em que se revela o amor que une Deus e homem. Desta maneira, o *sim* mútuo dos cônjuges é um momento de auto-realização da Igreja como Igreja.<sup>210</sup>

Portanto, o matrimônio é um sacramento que faz com que Deus entre na vida dos batizados que o recebem, fazendo com que esta união seja santificada. Assim, na vida do casal, tudo fica divinizado em razão da sacramentalidade do matrimônio, apesar de que a sua vida continue sendo uma vida humana e o seu amor também. Porém, ambos, amor humano e vida humana do casal, pela presença de Deus, passam a tender a se tornarem divinos.<sup>211</sup>

As promessas de amor e salvação que Deus fez ao homem não se encerraram com a vinda de Cristo ao mundo. O próprio Senhor deixou a sua Igreja como continuadora de sua missão redentora. Por isso, percebe-se que é através desta mesma Igreja, Corpo de Cristo do qual ele mesmo é a Cabeça, que a graça e a salvação continuam chegando a todos os cristãos, membros deste mesmo corpo, e também a toda a humanidade por meio da Igreja.<sup>212</sup>

Em razão desta união dos esposos em uma só carne, eles realizam em si mesmos o mistério da união de Cristo com a Igreja, pois, assim como o esposo e a esposa passam a ter como que um único corpo pela união de sua carne, o mesmo ocorre quando se é inserido na Igreja, Corpo Místico de Cristo, através do Batismo.

Por este motivo, homem e mulher, ao celebrarem o pacto nupcial e consumir o matrimônio, passam a ser detentores de uma nova condição dentro do Corpo Místico. Esta sua união não é apenas um ato de amor, cume da mútua doação que deve existir entre o casal, restrito ao plano particular. De fato, ela é um meio de santificação para o casal e é assumida pela Igreja como uma representação do matrimônio entre ela e Cristo.<sup>213</sup>

Entretanto, deve-se atentar para que não se considere o Sacramento do Matrimônio apenas como um sinal da aliança de amor entre Cristo e a Igreja. Da mesma

<sup>210</sup> ZILLES, Urbano. *Op. cit.*, p. 456.

<sup>211</sup> LECLERQ, Jacques. *Op. cit.*, p. 178.

<sup>212</sup> *Ibidem.*

<sup>213</sup> FLOREZ, Gonzalo. *Matrimonio y Familia*. Madrid: BAC, 1995, p.177.

forma, não se pense que o mesmo deve se reduzir a tirar algumas conseqüências morais práticas para a vida do casal cristão, o que seria um reducionismo da grandeza do matrimônio.

Deve-se considerar este sacramento como uma nova realidade, a qual estabelece uma nova forma de relacionamento entre os esposos cristãos e a Igreja. O fundamento desta participação do casal cristão na Igreja é, naturalmente, o Sacramento do Batismo. Todavia, esta nova realidade se dá em razão da relação que existe entre a união do casal cristão e a união entre Cristo e a Igreja.<sup>214</sup>

No texto de Efésios 5, 21-33, o apóstolo apresenta a forma pela qual os cristãos devem se relacionar no ambiente familiar, ou seja, as relações entre os esposos, entre os pais e os filhos e entre os senhores e os escravos.

Depois de descrever estes relacionamentos, apresenta a relação entre Cristo e a Igreja, tratando-a como ao seu próprio corpo, visto que, de fato, a Igreja é o Corpo de Cristo. Em relação a este Corpo, Cristo alimenta, cuida, santifica. E faz tudo isso porque ama a Igreja como um marido deve amar a sua esposa.

*A Epístola aos Efésios* esboça o comportamento cristão na família, entre marido e esposa (Ef 5, 21-33), pais e filhos (6,1-4), senhores e escravos (6, 5-9) e acrescenta cada vez uma fundamentação teológica. Acima de tudo está a regra básica: “Um se sujeite ao outro no comum temor de Cristo” (5,21). Seguindo essa regra de modo não muito conseqüente, ele passa a distribuir os papéis entre marido e esposa, aparentemente sob a influência de conceitos contemporâneos: as mulheres devem sujeitar-se aos maridos e os maridos devem amar suas mulheres. Para o segundo caso, o amor exigido dos maridos, ele desenvolve a figura do amor de Cristo à Igreja: ele se “entregou por ela”, quer “torná-la pura e santa”, “apresentá-la gloriosa perante si, sem mácula, sem ruga e sem defeito” (5,25-27). Cristo identifica-se com a Igreja como qualquer um se identifica com seu próprio corpo e o “alimenta e cuida dele” (5,29).<sup>215</sup>

Uma pergunta importante pode emergir do fato de se associar o Sacramento do Matrimônio ao mistério da união sponsal de Cristo com a Igreja: quais as implicações práticas decorrentes desta comparação, ou seja, na prática, em que o Matrimônio é atingido por ser uma manifestação da sponsalidade da relação Cristo-Igreja?Primeiramente pode-se afirmar que não se trata de uma simples comparação ou um simples exemplo a ser seguido pelos esposos. Na verdade, o matrimônio entre homem e mulher assumiria e representaria o seu protótipo, qual seja, a relação sponsal entre Cristo e a Igreja.

Que, porém significa para o matrimônio Cristão o fato de a relação entre marido e mulher e a relação de Cristo com sua Igreja serem tão entrelaçados aqui? Exegetas

<sup>214</sup> FLÓRES, Gonzalo. *Op. Cit*, p. 179.

<sup>215</sup> NOCKE, Franz-Josef. *Op. cit*, p. 328.

católicos vêem aqui mais do que uma mera comparação, e até mais do que somente a relação entre protótipo e seguimento. “O protótipo de Cristo não é apenas um exemplo que é seguido na imagem do matrimônio e, sim, essa imagem, o matrimônio terreno e sua efetivação prática, também é constituído, em sua essência, pelo modelo de Cristo. A imagem, o matrimônio terreno, recebe, assume e representa o protótipo(...) No matrimônio terreno é preservada essencialmente a relação de Cristo com a Igreja” (H. Schlier, *Epheser*, 263). Por isso (não por causa da palavra *mysterion*, reproduzida em traduções latinas com *sacramentum*) seria possível interpretar o matrimônio sacramentalmente.<sup>216</sup>

A comparação da união Cristo-Igreja com a união decorrente do matrimônio cristão faz com que se entenda melhor a ambos, ou seja, entender melhor o matrimônio cristão traz consigo o melhor entendimento acerca da relação esponsal entre Cristo e a Igreja e vice-versa. O amor de Cristo pela Igreja é modelo a ser seguido pelos esposos na sua união matrimonial, a qual concretiza o mistério da salvação em Cristo.<sup>217</sup>

Assim, pois, estudando o matrimônio em seus aspectos escriturísticos, dogmáticos, morais, canônicos ou humanos, ele não pode ser separado do mistério de Cristo. Por isso mesmo, o Sacramento do Matrimônio, que a Igreja atesta, para o qual educa e permite receber, somente é viável através de um contínuo processo de conversão dos esposos à Pessoa de Jesus Cristo. E esta conversão é parte intrínseca da natureza sacramental do matrimônio e determina diretamente o sentido e o impulso deste sacramento na vida dos cônjuges.<sup>218</sup>

#### 4.2 A sacramentalidade do matrimônio cristão no CIC de 1983

A instituição matrimonial, mesmo entre os não batizados, o que é chamado de matrimônio natural, é revestida de um caráter sagrado. Porém, quando se trata de uma união entre um homem e uma mulher validamente batizados, não se fala de uma simples sacralidade natural, mas sim do fato de que Cristo estabeleceu o matrimônio como um verdadeiro sacramento da Igreja, sendo esta sacramentalidade própria dos fiéis cristãos.<sup>219</sup>

A caracterização do matrimônio em sua dignidade sacramental significa exatamente a sua elevação ao plano sobrenatural, sendo um efeito da condição de batizados dos cônjuges. Esta elevação ao nível sobrenatural se concretiza no fato de ser sacramento, isto é, sinal da união existente entre Cristo e a Igreja, sinal sensível e eficaz da graça significa e produz. E esta elevação responde ao plano que Deus tem para o matrimônio e a família dentro

<sup>216</sup> NOCKE, Franz-Josep. *Op. cit.*, 328.

<sup>217</sup> LARRABE, José Luís. *Op. cit.*, p.55.

<sup>218</sup> BAÑARES, Juan Ignacio. *Op. cit.*, p. 218.

<sup>219</sup> *Ibidem*, 1033.



de seu plano de amor e salvação para a humanidade redimida por seu Filho. Assim, a sacramentalidade do matrimônio não é uma simples bênção ao matrimônio natural, senão que é uma elevação daquilo que entre si estabelecem aqueles que já foram elevados à condição de filhos de Deus pelo batismo.<sup>220</sup>

Exatamente em razão da identidade que há entre o matrimônio e o sacramento, no Código de Direito Canônico se trata muito pouco do desenvolvimento da vida conjugal e familiar. A plenitude da vida conjugal e familiar é uma dimensão da plenitude a que está orientado todo cristão em virtude da chamada universal à santidade.

Contudo, o atual código, procurou utilizar uma terminologia conforme a enriquecedora visão do matrimônio apresentada no Vaticano II, que revela profundamente esta plenitude a qual o matrimônio deve tender. Contudo, a pretensão direta do legislador consiste em regular aqueles aspectos que contém uma dimensão de justiça, especialmente aos que se referem à válida constituição do vínculo conjugal.<sup>221</sup>

O matrimônio, instituição de direito natural, pode ser definido, de forma geral, como a união legal de um homem e uma mulher para a completa comunidade de vida. O matrimônio canônico foi-se organizando com caracteres próprios ao longo de sua experiência multi-secular, assimilando elementos bíblicos, teológicos e jurídicos, que no momento atual se integram na definição que propõe o atual Código de Direito Canônico, no cânon 1055.<sup>222</sup>

A novidade que o Código de 1983 apresenta em relação ao Sacramento do Matrimônio é o fato de ter introduzido a noção comunitária e personalista do matrimônio, sem reduzir sua natureza contratual. Seguindo a orientação comunitária, se estabelece que o consórcio de toda vida representa o elemento essencial do matrimônio e, desse modo, a estrita noção contratualista se enriquece e se define com a amplitude de seu objeto, que é a vida íntima e a relação interpessoal dos cônjuges.

Esta relação tem uma dimensão existencial, de união total dos cônjuges em corpo e alma, das pessoas e de suas vidas. Tem também uma dimensão jurídica, visto que a relação entre o casal está regida por normas jurídicas próprias da natureza social e intersubjetiva do matrimônio, que se inicia na celebração do matrimônio e continua se realizando no cotidiano da vida do casal.<sup>223</sup>

---

<sup>220</sup> BAÑARES, Juan Ignacio. *Op. cit.*, p. 1033.

<sup>221</sup> *Ibidem.* *Op. cit.*, p. 1033-1034.

<sup>222</sup> LÓPEZ ALARCON, Mariano; NAVARRO-VALLS, Rafael. *Curso de Derecho Matrimonial Canónico y Concordado*. 6ª ed. Madrid: Tecnos, 1984, p.55.

<sup>223</sup> *Ibidem*, p. 57.

Esse cânon recorda que o matrimônio é uma aliança pela qual homem e mulher formam um consórcio de toda vida, o qual está, pela lei natural, destinado a promover o bem dos cônjuges bem como a geração e educação da prole.

O cânon transcrito [1055] reflete as afirmações tradicionais da teologia católica. Define, em primeiro lugar, os fins do matrimônio – tema de que nos ocuparemos mais tarde – e salienta que essa realidade natural foi elevada pelo Senhor à categoria de sacramento. É na doação recíproca e espontânea dos cônjuges, em união indissolúvel e aberta à fecundidade, que Deus se faz presente com sua graça e vem ao encontro dos esposos. Em sua parte final, estabelece o nexo entre o contrato matrimonial, válido para os batizados, e o sacramento.<sup>224</sup>

Comentando este cânone, Javier Hervada afirma que o mesmo estabelece a ordenação do pacto matrimonial à procriação e educação dos filhos e a sua elevação à dignidade de sacramento. O §1 descreve a sociedade conjugal que nasce do pacto como uma comunhão total de vida. Com este cânone, o Código expressa quase que literalmente o ensinamento conciliar contido na *Gaudium et spes* 48, já citado nesta pesquisa.<sup>225</sup>

Este consórcio ou comunhão de toda vida, previstos pelo Cânon 1055, pode se apresentar sob diversos aspectos práticos: no sentido de posse total e exclusiva, no sentido de extensão temporal, numa infinidade de aspectos que englobam toda realidade da vida conjugal.

Um direito a compartilhar a vida toda do outro cônjuge que se desmembra em diferentes aspectos específicos: 1º) O “totius vitae” – no sentido mais real de posse total e exclusiva – implica o direito à unidade ou exclusividade do matrimônio que concorda com uma das suas propriedades essenciais. 2º) O “totius vitae” entende-se também no seu sentido de extensão temporal: compreende e engloba a vida toda seja qual for a sua duração, o que implica igualmente no direito à indissolubilidade do vínculo ou do consórcio, que representa a segunda propriedade essencial do matrimônio. (...) 3º) A intercomunicação pessoal e total, que se poderia desdobrar numa série de aspectos impossíveis de se determinar exaustivamente, porque abrangem toda a realidade existencial.<sup>226</sup>

Assim, os elementos formadores do matrimônio canônicos são os sujeitos, o consentimento e a sacramentalidade. Os sujeitos são, naturalmente, um homem e uma mulher. Não dois homens, não duas mulheres; não um homem com mais de uma mulher (poligamia), não uma mulher com mais de um homem (poliandria), não diversos homens com diversas mulheres (promiscuidade). A propriedade da unidade afasta a possibilidade de uniões

<sup>224</sup> CAPPARELLI, Julio César. *Manual sobre o Matrimônio no Direito Canônico*. São Paulo: Paulinas, 1999, p. 121.

<sup>225</sup> HERVADA, Javier. *Código de Derecho Canónico. Edición Anotada*. Pamplona: EUNSA, 1994, p. 628.

<sup>226</sup> CIFUENTES, Rafael Llano. *Novo Direito Matrimonial Canônico. 2ª edição revisada e atualizada*. Rio de Janeiro: Marques Saraiva: 2000, p. 33.

múltiplas; a ordenação natural do matrimônio para a procriação de modo humano e natural exige uma relação heterossexual, exigência que também se fundamenta no objeto do matrimônio, que é a relação interpessoal de mútua e total entrega.<sup>227</sup>

O segundo elemento constitutivo do matrimônio canônico é o consentimento. Em razão do consentimento matrimonial e somente por meio dele, se produz o matrimônio, conforme prevê o cânon 1057. Segundo esse cânon, o consentimento é o elemento criador do matrimônio, sendo necessário para que ele nasça, não podendo ser substituído por outro ato. O consentimento válido deve ser bilateral e recíproco, acontecendo pelo encontro das vontades dos contraentes, as quais se dirigem em direção ao mesmo objeto. (...) O consentimento deve conservar, para ser fiel ao texto canônico, sua dupla eficácia causal, ou seja, tanto de ser o fato gerador do contrato como da comunidade conjugal que surge em razão dele.<sup>228</sup>

A sacramentalidade é, como já citado, o terceiro elemento constitutivo do matrimônio. O contrato nupcial entre os batizados foi elevado por Cristo à dignidade sacramental; por isso mesmo, entre os batizados, não há contrato matrimonial válido que não seja sacramento. Esta afirmação reproduz o ensinamento da Patrística, dos concílios e da tradição da Igreja, como já estava recolhido no cânon 1012 do Código de Direito Canônico de 1917. A sacramentalidade não é um simples elemento essencial que se soma a outros elementos igualmente essenciais na estrutura do matrimônio cristão. Na verdade, ela é uma caracterização fundamental que atinge o matrimônio em toda sua integridade, infundindo um espírito novo e uma especial fortaleza a todos os elementos essenciais. Pode-se afirmar que a sacramentalidade não é uma propriedade ou elemento matrimonial, senão que coincide com o matrimônio mesmo.<sup>229</sup>

Viladrich afirma que o Sacramento do Matrimônio é o mesmo matrimônio natural que instituiu o Criador. Afirma também que, ao elevar esta união à condição de sacramento, Jesus Cristo não acrescentou a ela nenhum novo elemento. Por isso, somente atentando contra a estrutura essencial da realidade natural do matrimônio, tal como o desejou o Criador, se pode impedir que entre os batizados apareça a sacramentalidade do matrimônio, que é um dom de Cristo.<sup>230</sup>

Pode-se dizer que a regulação jurídica do Sacramento do Matrimônio nestes dois milênios de existência da Igreja sofreu uma evolução, tendo as seguintes características: a Igreja sempre teve consciência do caráter sagrado do matrimônio na Nova Lei; durante

---

<sup>227</sup> LÓPEZ ALARCON, Mariano. NAVARRO-VALLS, Rafael. *Op. cit.*, p.68.

<sup>228</sup> *Ibidem*, 70.

<sup>229</sup> *Ibidem*, p. 70-71.

<sup>230</sup> VILADRICH, P.J. *El consentimiento matrimonial*. Pamplona: EUNSA, 1998, p. 173.

séculos, não sentiu necessidade de possuir um sistema jurídico completo acerca do matrimônio; quando a fé se estendeu pela Europa, a atividade da Igreja vai aumentando e com ela aumentam a reflexão teológica e canônica acerca do matrimônio; por questões históricas e atendendo à dimensão pública do matrimônio enquanto necessário ao bem comum, a Igreja optou pelo desenvolvimento de um ordenamento jurídico próprio, que tem como marco de sua independência o estabelecimento da forma canônica da celebração; por fim, a Igreja segue aceitando a validade das normas civis para seus fiéis.<sup>231</sup>

O cânon 1056, por sua vez, explicita os elementos essenciais do matrimônio que são a unidade e a indissolubilidade. A sua redação indica que estas são as propriedades do matrimônio em razão do direito natural, sendo assim, comuns a todo matrimônio. Estas propriedades são exigidas tanto pelo bem da prole como pela natureza da união que os cônjuges formam. A graça do sacramento aparece como uma ajuda para que os cônjuges se mantenham indissolavelmente fiéis. Por serem propriedades essenciais, excluí-las do consentimento faz com que o contrato nupcial seja nulo. Pela mesma razão, o divórcio civil não dissolve o vínculo conjugal, de modo que os divorciados não podem contrair novo matrimônio, a não ser que o primeiro matrimônio seja declarado nulo ou que a outra parte venha a falecer.<sup>232</sup>

Este cânon continua na perspectiva radicalmente sacramental a partir da qual o legislador pretendeu tratar o matrimônio em todo código. O cânon 1055 estabelecia a identidade entre matrimônio e realidade sacramental; na seqüência, o 1056 apresenta uma aplicação que supõe a elevação do matrimônio à condição de sacramento. A exposição é clara e linear: na primeira frase se estabelece, de modo direto e determinante, quais são as propriedades do matrimônio.<sup>233</sup>

Na segunda frase do cânon 1056, que encerra o mesmo, faz referência às propriedades essenciais anteriormente citadas, afirmando que, no matrimônio cristão, elas alcançam uma especial firmeza em razão da sacramentalidade do mesmo. Disto se conclui que: o matrimônio cristão é o mesmo matrimônio natural, com sua mesma essência e mesmas propriedades essenciais; se entende por matrimônio cristão todo matrimônio contraído por fiéis validamente batizados, ou todo matrimônio natural quando recebe o batismo quem não estava batizado; que só o matrimônio entre batizados é sacramento; no matrimônio entre batizados a firmeza das duas propriedades essenciais se dá de um modo próprio; que esta

---

<sup>231</sup> BAÑARES, Juan Ignacio. *Op. cit.*, p.1035.

<sup>232</sup> HERVADA, Javier. *Op. cit.*, p. 629.

<sup>233</sup> BAÑARES, Juan Ignacio. *Op. cit.*, p.1045.

firmeza própria decorre justamente do fato de que, ao realizar-se entre batizados, o matrimônio se constitui como sacramento; que não existem dois tipos de propriedades essenciais do matrimônio, um para o natural e outro para o cristão.<sup>234</sup>

A indissolubilidade consiste na perpetuidade do vínculo matrimonial que tenha sido constituído de forma válida, que não pode ser dissolvido senão pela morte de um ou de ambos os cônjuges, nem por sua própria natureza (indissolubilidade natural) nem pela vontade dos cônjuges (indissolubilidade intrínseca) nem por determinação de qualquer autoridade humana (indissolubilidade extrínseca). As palavras de Gn 2, 24, que indicam que o casal forma uma só carne, contém implicitamente a afirmação da indissolubilidade do matrimônio, sendo depois confirmadas por Jesus Cristo em Mt 19, 3.<sup>235</sup>

A riqueza da pessoa humana é tal e a estrutura ontológica que possibilita o matrimônio está tão arraigada nela que não é possível entregar-se totalmente ao cônjuge reservando para si um limite de tempo para o vínculo que se quer estabelecer. O que fundamenta o pacto nupcial é justamente uma relação sustentada nessa estrutura que se dá na ordem do ser. A vontade matrimonial não consiste em querer se “fazer de esposo”, mas sim em “ser esposo”. As relações instauradas na ordem do ser se assentam na pessoa e perduram com ela. Querer a dissolubilidade é querer permanecer como dono de si mesmo; conseqüentemente, a doação de si mesmo deixa de ser completa, total, e faz com que a existência do vínculo fica dependente da sua própria vontade.<sup>236</sup>

Na seqüência, o cânon 1057 afirma a sacramentalidade do matrimônio dizendo que ele é produzido pelo consentimento das partes, manifestado de forma legítima entre pessoas capazes juridicamente. Este consentimento não pode ser suprido por nenhuma autoridade humana. No 1057, § 2, o Código define o consentimento como uma ato de vontade pelo qual homem e mulher se entregam e se aceitam mutuamente para uma aliança irrevogável que constitui o matrimônio.

O vínculo conjugal nasce do consentimento, ou mais precisamente, do pacto conjugal. Por isso, deve-se distinguir, como Santo Tomás de Aquino, três coisas que no matrimônio não devem se confundir: a causa do matrimônio, que é o pacto conjugal; sua essência, constituída pelo vínculo; seus fins, que são a mútua ajuda entre os cônjuges e a geração e educação da prole.<sup>237</sup>

---

<sup>234</sup> BAÑARES, Juan Ignacio. *Op. cit.*, p. 1054.

<sup>235</sup> LÓPEZ ALARCON, Mariano; NAVARRO-VALLS, Rafael. *Op. cit.*, p.86.

<sup>236</sup> BAÑARES, Juan Ignacio. *Op. cit.*, p. 1050..

<sup>237</sup> HERVADA, Javier. *Op. cit.*, p. 629.

O consentimento é o elemento mais decisivo do pacto conjugal; é aquele que contém sua eficácia causal propriamente dita. Visto que o matrimônio contém direitos personalíssimos, que afetam, inclusive, a disponibilidade do próprio corpo, o consentimento não pode ser substituído de nenhuma maneira pelo ordenamento jurídico, nem pelos pais dos contraentes, nem por nenhuma potestade humana. Consequentemente, a lei humana não pode reconhecer um matrimônio como válido se existe algum vício que o faça nulo por direito natural.<sup>238</sup>

O consentimento é um ato decorrente da vontade humana livre. Portanto, deve conter os elementos que lhe são intrínsecos, ou seja, inteligência e liberdade. A inteligência percebe o objeto do ato matrimonial, sendo, pois, anterior à atuação da vontade. A vontade é a capacidade superior da mente humana que leva o homem à realização de um determinado ato que tenha sido previamente conhecido pela inteligência. A vontade tende a buscar aquilo que a inteligência julgou ser bom, pelo menos para aquela pessoa.

O § 2 do cânon 1057 descreve o objeto do consentimento e da aliança conjugal decorrente do mesmo. Este objeto não é outro senão que o homem e a mulher em sua conjugalidade, ou seja, dotados das suas potências naturais, as quais estão relacionadas com o duplo fim do matrimônio. Assim, pelo pacto conjugal a mulher se entrega totalmente ao marido como esposa e o marido se entrega totalmente à mulher como esposo. E ambos se aceitam mutuamente.<sup>239</sup>

No mesmo lugar, define o Código que, em razão do exposto no §1, não pode existir entre batizados um contrato matrimonial válido que não seja sacramento. Hervada afirma que, neste parágrafo o princípio da inseparabilidade entre contrato e Sacramento no matrimônio. Portanto, o matrimônio entre batizados, se é válido, é sempre sacramento. Não cabe, pois, falar de um matrimônio meramente natural entre batizados.<sup>240</sup>

#### **4.3 Aspectos litúrgicos relativos ao Sacramento do Matrimônio**

O Sacramento do Matrimônio como manifestação da união esponsal entre Cristo e a Igreja aparece de forma expressa em diversos textos dos livros litúrgicos relacionados a esse Sacramento. Nesse item, serão apresentados as referências a esta relação no Ritual do Matrimônio e no Ritual de Bênçãos.

---

<sup>238</sup> HERVADA, Javier, p. 629.

<sup>239</sup> *Ibidem*, p. 629.

<sup>240</sup> *Ibidem*, p. 243.

#### 4.3.1 Ritual do Matrimônio<sup>241</sup>

Ainda no mesmo ritual, as diversas Orações do Dia, apresentadas para a celebração do Matrimônio na Missa, igualmente manifestam a íntima conexão que existe entre o Sacramento do Matrimônio e a união esponsal entre Cristo e a Igreja.<sup>242</sup>

Em uma fórmula opcional de bênção das alianças se recorda a aliança de Deus com o seu povo, da qual a união matrimonial é manifestação e as alianças são símbolos. Pedese também a Deus que o casal seja fiel e se ame mutuamente, a exemplo da fidelidade e do amor de Deus por nós.<sup>243</sup>

Em um dos prefácios para a Missa com celebração do matrimônio se apresenta a doutrina do matrimônio como manifestação da união esponsal de Cristo com a Igreja. No primeiro deles, o Matrimônio é considerado o grande sacramento, recordando que, vindo até nós em seu Filho, Deus nos quer fazer participantes de sua vida divina e herdeiros da sua glória. Igualmente recorda que Deus escolheu a união nupcial como sinal de seu plano de amor.<sup>244</sup>

Na fórmula de bênção nupcial, apresentada no referido ritual, encontramos uma clara referência à santificação do matrimônio na ordem da criação como uma prefiguração do mistério da união esponsal entre Cristo e a Igreja, que é a seguinte: “Ó Deus, santificastes misteriosamente a união conjugal, desde o princípio, a fim de prefigurar no vínculo nupcial o mistério de Cristo e da Igreja.”<sup>245</sup>

Já na bênção, fica ainda mais clara a relação desse sacramento o com amor de Deus para com todos os homens e mulheres. Este amor fez com que a união entre os seres

---

<sup>241</sup> Nesta pesquisa utiliza-se o Ritual do Matrimônio na tradução portuguesa para o Brasil da segunda edição típica, conforme o Ritual Romano restaurado por decreto do Concílio Ecumênico Vaticano II e promulgado pela autoridade de JOÃO PAULO II, editado em São Paulo, pela Editora Paulus, em 1993.

<sup>242</sup> Ó Deus, que desde o princípio santificastes misteriosamente a união conjugal para prefigurar no casamento o mistério do Cristo e da Igreja, daí a N, e N. realizar em sua vida este grande sacramento. Ritual do Matrimônio, 223.

Ó Deus, que ao criar o gênero humano quisestes a união do homem e da mulher, ligai os vossos filhos N. e N. pela aliança conjugal no laço do mesmo afeto. Concedei-lhes crescer na caridade e ser um sinal do vosso amor. *Ibidem*, 224.

<sup>243</sup> Ó Deus, que fizestes aliança conosco, abençoai + as alianças de N. e N. para que estes vossos filhos permaneçam fiéis um ao outro e amem-se mutuamente em vossa paz. *Ritual do Matrimônio*, 229.

<sup>244</sup> Vós fizestes uma nova aliança com o vosso povo e, tendo-nos redimido pela morte e ressurreição de Cristo, nos tornastes participantes da vida divina e herdeiros da glória eterna. Para imagem desta aliança, escolhestes a união do homem e da mulher, de modo que assim o sacramento do Matrimônio nos recorde o vosso plano de amor. *Ibidem*, 235.

<sup>245</sup> Ritual do Matrimônio, 36.

humanos fosse elevada, abençoada se manifestasse como a verdadeira imagem do amor divino.<sup>246</sup>

Na segunda parte da bênção apresentada no Ritual para a celebração do Matrimônio diante de assistente leigo, se bendiz a Jesus Cristo, o qual manifestou o mistério do seu amor e de sua união esponsal com a Igreja no momento em que, morrendo na cruz, entregou-se a fim de que sua Esposa seja santa e imaculada.<sup>247</sup>

Nas “Outras orações para a Bênção Nupcial” propostas no ritual, encontram-se também referências explícitas ao matrimônio como prefiguração da aliança contraída por Deus com o seu povo. Esta união dos esposos, que foi elevada por Cristo à condição de Sacramento, manifesta o mistério nupcial de Cristo e da Igreja.<sup>248</sup>

Na fórmula de bênção dos esposos em aniversário de casamento, o ritual do matrimônio manda rezar uma oração na qual se louva a Deus por ter unido e abençoado aquele casal para que fosse uma imagem da união de Cristo com a Igreja. Pede também que essa bênção seja sempre renovada.<sup>249</sup>

#### 4.3.2 No Ritual de Bênçãos<sup>250</sup>

Nas bênçãos para os cônjuges, que constam do Ritual de Bênçãos, encontram-se muitos textos que fazem referência ao matrimônio como manifestação do mistério da união esponsal de Cristo e da Igreja. Abaixo serão apresentados os principais.

Em outras orações de bênção, apresentadas para serem usadas dentro da Missa em outras circunstâncias, recorda-se o mistério da união nupcial entre Cristo e a Igreja e se exorta os cônjuges a serem fiéis à aliança de amor que celebraram.<sup>251</sup>

---

<sup>246</sup> Bendito sejas, ó Deus todo-poderoso, que ao ser humano, criado pelo dom da vossa bondade, quisestes elevar a tão alta dignidade: pela união do homem e da mulher, nos deixastes na terra a verdadeira imagem do vosso amor. *Ibidem*, 140.

<sup>247</sup> Bendito sejas, ó Jesus Cristo, Filho unigênito do Pai, que, na aliança conjugal de vossos fiéis, quisestes manifestar o mistério de vosso amor à Igreja, pela qual vos oferecestes a vós mesmos, para que ela fosse santa e imaculada. *Ibidem*.

<sup>248</sup> Ó Deus, para revelar o vosso plano de amor, quisestes prenunciar, no amor do esposo e da esposa, a aliança que contraístes com o vosso povo, e, no matrimônio dos vossos fiéis, elevado á dignidade de sacramento, manifestastes o mistério nupcial do Cristo e da Igreja. Ritual do Matrimônio, 142.

<sup>249</sup> Nós vos louvamos e bendizemos, Deus criador de todas as coisas, que no princípio criastes o homem e mulher para constituírem uma sociedade de vida e amor; e também vos agradecemos, Senhor, porque vos dignastesabençoar o casamento de N. e N., para ser uma imagem da união de Cristo com a Igreja. *Ibidem*, p. 283.

<sup>250</sup> Neste trabalho, utiliza-se o Ritual de Bênçãos conforme o Ritual Romano, restaurado por decreto do Concílio Ecumênico Vaticano II e promulgado pela autoridade de João Paulo II, editado em colaboração por Edições Paulinas e Editora Vozes, em 1990.

<sup>251</sup> Pai santo, que fizestes do casamento em Cristo e na Igreja um grande mistério, derramai generosamente sobre vossos filhos a plenitude do vosso amor. Ritual de Bênçãos, 110.



Na oração de bênção que segue a monição anteriormente citada, a relação da família fundamentada no matrimônio com a união esponsal de Cristo com a Igreja é novamente explicitada.<sup>252</sup>

#### 4.4 Alguns aspectos pastorais relativos à sacramentalidade do matrimônio

O Sacramento Matrimônio, enquanto instituição tem enfrentado uma crise desde as últimas décadas do século XX. Percebe-se até uma forte contestação do mesmo em diversos setores da sociedade hodierna, tais como algumas alas mais radicais do movimento feminista. Contudo, tal situação pode servir para que o Povo de Deus reflita e aprofunde sempre o significado cristão deste sacramento.

Nos últimos anos, se não assistimos a uma contestação radical da instituição matrimonial (limitada, no momento, a alguns setores precisos, representados, por exemplo, por H. Marcuse e por algumas alas do movimento feminista), pelo menos estamos vendo uma progressiva entrada em crise da mesma instituição. Tudo isso deve tornar-se, para a comunidade cristã, uma provocação e um estímulo para ela se questionar de novo (e dar a si própria uma resposta positiva), sobre o que há de 'específico' no matrimônio cristão: existe um modo específico de viver a existência cristã do matrimônio?<sup>253</sup>

A vida na sociedade industrial e a necessidade crescente de marido e esposa trabalharem para prover o sustento do lar fez com que se estabelecessem novas formas de relacionamento conjugal e familiar. Se na sociedade tradicional o marido trabalhava para o sustento econômico da família e a esposa ficava em casa cuidando dos afazeres domésticos e dos filhos, hoje vemos que o mesmo já não acontece com tanta facilidade. E isto faz com que as relações da família entre si e desta com a sociedade sejam modificadas.

O advento da sociedade industrial certamente favoreceu a instauração de nova relação entre família e sociedade. A família viu redimensionado não só o número dos próprios componentes (passou-se da família patriarcal para a família nuclear), mas também a articulação diferente e múltipla das próprias funções (ela perdeu as funções assistencial e educativa, agora assumidas por instituições extrafamiliares); além disso, ela viu escaparem todas as possibilidades de incidência social e descobriu que estava sendo funcionalizada e instrumentalizada segundo o modelo e a lógica da sociedade consumista. Para um êxito fortemente negativo dos chamados laços ou vínculos institucionais e, portanto, do matrimônio, também contribuiu uma parte do atual movimento feminista, que vê no modelo da família reprodutora uma causa da atual condição de não-libertação e de não-realização da mulher.<sup>254</sup>

---

Ó Deus, que elevastes a união indissolúvel do casamento a tão alta dignidade, que veio a transformar-se no sacramento da união de Cristo, vosso Filho, com a Igreja, olhai com bondade para estes vossos filhos N. e N. Unidos pelo vínculo conjugal, imploram o vosso auxílio e a intercessão da Virgem Maria.... *Ibidem*, 111.

<sup>252</sup> Ó Deus criador e misericordioso salvador do vosso povo, vós quisestes fazer da família, constituída pela aliança nupcial, o sacramento de Cristo e da Igreja.... *Ibidem*, 57.

<sup>253</sup> SARTORE, Domenico; ACHILLE, Triacca. *Dicionário de Liturgia*. São Paulo: Paulus, 1992, p.707.

<sup>254</sup> *Ibidem*, p. 708.

Como decorrência destes fatores, percebe-se que o vínculo estabelecido através do Sacramento Matrimônio é cada vez menos valorizado, sendo substituído pelas mais diversas formas de união estável ou passageira: uniões para experiência, concubinato, adultério, divórcio, casamentos que acabam diante da primeira dificuldade séria, uniões civis, uniões de fato protegidas e estimuladas pelas legislações, sem contar o campanha em favor da legalidade das uniões homossexuais.

As uniões matrimoniais revelam-se hoje mais frágeis do que no passado. Na origem do fenômeno está uma grande mudança social que consiste na incapacidade atual geração de aceitar uma relação definitiva com todas as limitações para a liberdade que dela decorrem. A geração jovem, que vive no nosso contexto social de acentuada instabilidade, habituou-se de tal modo à mudança, à dinâmica, que rompeu os laços com a tradição, com o antigo, com tudo que é estático (pensemos, por exemplo, na forte permissividade no campo sexual, na opção pela união provisória e não legalizada: sintomas claros de dificuldade extrema em aceitar compromisso definitivo).<sup>255</sup>

A seguir, serão apresentadas algumas situações atuais de uniões que contrariam a dignidade do matrimônio enquanto manifestação da união esponsal Cristo-Igreja, bem como, alguns elementos necessários para a boa preparação dos casais católicos para o matrimônio.

#### 4.4.1 As uniões “para experiência”

Os chamados “casamento para experiência” são uniões entre um homem e uma mulher que implica a intimidade sexual. Significa o viver como se marido e mulher fossem, sem nenhuma espécie de vínculo jurídico ou sacramental, visando apenas fazer a experiência se aquelas duas pessoas poderiam ser felizes juntas. Em geral, se instauram com o objetivo de futuramente as partes casarem, desde que tenham êxito nesta experiência de vida a dois.

Na *Familiaris consorcio*, o papa João Paulo II já alertava para esta situação irregular de união. Salientava que, pela razão humana, tal forma de convivência não é aceitável, visto ser necessária a profunda união do casal legitimamente constituído para que se chegue a entrega dos corpos.

Uma primeira situação irregular é o chamado “matrimônio por experiência”, ou “para prova”, que muitos querem hoje justificar atribuindo-lhe um certo valor. A própria razão humana já insinua a sua não aceitabilidade, indicando que é pouco convincente que se faça um “experimento” tratando-se de pessoas humanas, cuja dignidade exige que sejam sempre e unicamente movidas por um amor de doação, sem limite nem de tempo nem de outras circunstâncias.<sup>256</sup>

<sup>255</sup> SARTORE, Domenico; ACHILLE, Triacca. *Op. cit.*, p. 709.

<sup>256</sup> JOÃO PAULO II. Exortação Apostólica *Familiaris consortio*, 80.

Segue o papa João Paulo II, na mesma exortação, lembrando que a Igreja não pode admitir este tipo de união, visto que a entrega do corpo representa a entrega total da pessoa humana. Também coloca como argumento o fato do matrimônio cristão ser expressão da união sponsal Cristo-Igreja

A Igreja, por sua parte, não pode admitir tal tipo de união por motivos ulteriores e originais derivados da fé. Por uma parte, o dom do corpo na relação sexual é um símbolo real da doação de toda pessoa; ademais, na situação atual, tal doação não pode realizar-se com plena verdade sem o concurso do amor de caridade dado por Cristo. Por outro lado, o matrimônio entre os batizados é o símbolo real da união de Cristo com a Igreja, uma união não temporal ou *ad experimentum*, mas sim fiel eternamente; portanto, entre batizados não pode haver nada mais do que um matrimônio indissolúvel.<sup>257</sup>

Do ponto de vista moral, são graves como o concubinato, tendo as mesmas conseqüências deste. A união carnal só é moralmente legítima quando realizada dentro de uma comunidade de vida e amor estabelecida numa união definitiva entre homem e mulher. O amor humano não admite experiências, provas; exige um dom total das pessoas entre si.<sup>258</sup>

A Congregação para a Doutrina da Fé se manifesta sobre este tipo de uniões na sua declaração *Persona humana*, salientando a necessidade e a fidelidade de uma relação interpessoal para que esta conduza ao relacionamento sexual, o qual não pode estar sujeito às incertezas e infidelidades decorrentes das paixões humanas.<sup>259</sup>

Para que as pessoas que vivem nestas situações sejam admitidas aos sacramentos é necessário que antes regularizem esta situação, seja através da separação, seja através da recepção do Sacramento do Matrimônio. E para que possam receber a Eucaristia, devem antes recorrer ao Sacramento da Penitência.<sup>260</sup>

#### 4.4.2 As chamadas “uniões de fato” ou “uniões livres”

Com estas expressões se quer designar a união entre um homem e uma mulher, que implica em relacionamento sexual, sem haver qualquer vínculo institucional publicamente reconhecido, nem civil nem religioso. Esta expressão abarca situações distintas, tais como o concubinato, a rejeição do matrimônio enquanto tal ou a incapacidade de unir-se com um compromisso definitivo.

Para que os pastores possam agir corretamente diante destas situações, se faz necessário discernir bem as causas que originaram este tipo de união. Estas causas podem ser

<sup>257</sup> JOÃO PAULO II. Exortação Apostólica *Familiaris Consortio*, 80.

<sup>258</sup> SARMIENTO, Augusto. *Op. cit.* p. 348-349

<sup>259</sup> Congregação para a Doutrina da Fé. *Declaração Persona humana*, 7.

<sup>260</sup> SARMIENTO, Augusto. *Op. cit.*, p. 349.

as mais diversas: falta de formação cristã, sérias dificuldades econômicas, hedonismo, falso conceito de liberdade, dentre outras. Devem-se considerar pastoralmente estas diversas situações a fim de lhes apresentar o remédio correto e da forma correta.<sup>261</sup>

Contudo, o cuidado pastoral destas situações não pode deixar de recordar que todas elas, da forma que sejam e com a motivação que possam ter, contrariam a dignidade Matrimônio, destroem a idéia de família e debilitam o sentido da fidelidade. Elas são contrárias à lei moral, pois a Revelação ensina que o ato sexual deve ter lugar no matrimônio e que, fora deste, constitui sempre um pecado grave e exclui a comunhão sacramental.<sup>262</sup>

Este tipo de união comporta graves conseqüências religiosas e morais: perda do sentido religioso do matrimônio, privação da graça do sacramento, grave escândalo, etc. E também são graves as conseqüências sociais que trazem consigo: destruição do conceito de família, diminuição do sentido da fidelidade, possíveis traumas psicológicos nos filhos, afirmação do egoísmo, etc. E tal como acontece com os que estão em uniões para experiência, para que possam receber os sacramentos precisam separar-se ou regularizar a sua situação, buscando o matrimônio.

Um momento pastoral oportuno para que se tente regularizar este tipo de situação é quando os pais vão buscar para os seus filhos o batismo ou a catequese de preparação à primeira Eucaristia. Deve-se ajudá-los a descobrir, mediante a orientação adequada, a riqueza da realidade humana e sobrenatural do matrimônio sacramento. De qualquer forma, deve-se evitar sempre tanto o rigorismo quanto o indiferentismo, ou seja, negar-se a batizar os filhos de pais em união estável ou simplesmente dizer que não há problema algum na forma de vida conjugal que os pais levam.<sup>263</sup>

#### 4.4.3 Os católicos divorciados e recasados civilmente

A situação descrita neste item é pastoralmente conhecida como os “casais de segunda união”, ou seja, um homem e uma mulher que vivem juntos como se marido e mulher fossem, quando um deles ou ambos anteriormente já receberam o matrimônio com outra pessoa. Em resumo, é o que se chama de adultério, separar-se de seu cônjuge e passar a conviver com outra pessoa como se esta sim fosse o seu verdadeiro cônjuge.

<sup>261</sup> SARMIENTO, Augusto. *Op. cit.*, p. 349-350.

<sup>262</sup> CEC, 239.

<sup>263</sup> SARMIENTO, Augusto. *Op. cit.*, p. 350.

Esta situação claramente contraria a dignidade do matrimônio, elevado por Jesus Cristo no evangelho à condição de sacramento. “Todo aquele que repudiar sua mulher e desposar outra, comete adultério contra a primeira; e se essa repudiar seu marido, e desposar outro, comete adultério” (Cf. Mc 10,11).

Será que se poderia falar de alguma causa que justificasse essa situação e, como conseqüência, os que se encontram nela poderiam ser admitidos aos sacramentos em algum caso ou de maneira excepcional? O problema se apresenta porque, talvez devido à falta de formação, não são poucos os que, depois de haver contraído civilmente um segundo casamento se decidem a viver de novo a vida cristã e pedem os sacramentos. Às vezes, inclusive, porque são os pastores que propõem estas situações não coerentes com a doutrina revelada na Sagrada Escritura.<sup>264</sup>

É certo que os pastores de Igreja, enquanto continuadores da missão salvífica de Cristo, não podem abandonar as pessoas que enfrentam estas situações. Pelo contrário, não devem medir esforços para por todos os meios necessários para acolher e atender estes casais. Conscientes de que cumprem um grave dever, dever procurar, incansavelmente, por à disposição destes casais, todos os meios de salvação. Neste caso, o primeiro destes meios é, sem dúvida, o cumprimento da lei de Cristo sobre a indissolubilidade.<sup>265</sup>

“Não lestes que, desde o princípio, o Criador os fez homem e mulher? E que disse: Por isso, o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher e os dois serão uma só carne? De modo que já não são dois, mas uma só carne. Portanto, o que Deus uniu, o homem não deve separar.” (Mt 19, 4-6).

De qualquer forma, por amor à verdade e por caridade pastoral, será necessário diferenciar as situações. Não são todas iguais nem objetiva nem subjetivamente. A *Familiaris consortio* fala de quatro possibilidades que se podem apresentar: os que fizeram todo esforço para manter o primeiro casamento e foram abandonados; os que por culpa grave destruíram o matrimônio; os que contraíram uma segunda união em vista da educação dos filhos; os que estão subjetivamente seguros em consciência de que o precedente matrimônio, irreparavelmente destruído, nunca tinha sido válido.<sup>266</sup>

Para serem admitidos ao Sacramento da reconciliação, os divorciados recasados devem estar arrependidos e levar uma vida que não contradiga a indissolubilidade do matrimônio. O mesmo é necessário para que possam receber a Eucaristia.

<sup>264</sup> SARMIENTO, Augusto. *Op. cit.*, p. 243.

<sup>265</sup> *Ibidem.*

<sup>266</sup> JOÃO PAULO II. Exortação Apostólica *Familiaris consortio*, 84.

Para tratar pastoralmente destas questões tão comuns quanto difíceis em nossos dias, deve-se ter claro que não é a Igreja quem afasta estes casais ou que não permite que recebam os sacramentos. É a sua condição de viver um estado continuado de pecado que os impede de receber licitamente os sacramentos.

Para que estes casais possam receber os sacramentos, é necessário o concurso de quatro condições: viver uma vida que não esteja em contradição com a indissolubilidade sacramental do matrimônio; fazer o compromisso de viver em continência sexual; estejam impossibilitados de cumprir a obrigação de separar-se; que não ocorra escândalo, ou seja, que os demais fiéis não sejam induzidos a pensar que a Igreja renuncia na prática pastoral aos postulados fundamentais de sua fé e moral.<sup>267</sup>

#### 4.4.4 Os católicos unidos apenas pelo matrimônio civil

O matrimônio é uma realidade formada por uma realidade natural e uma realidade sobrenatural, ou seja, o contrato e o sacramento. A Igreja, diferente do que se possa pensar, não ignora a dimensão natural do matrimônio, pelo contrário, a respeita, especialmente para os não batizados, que não estão sujeitos à forma canônica. Contudo, para os que estão sujeitos à forma canônica, ou seja, os batizados validamente, o matrimônio civil é inexistente.

Já observamos que a Igreja exerceu sua autoridade em matéria matrimonial de forma paralela ao Estado, até que se chegou a um exclusivismo religioso. A seguir, produziu-se um movimento pendular, que conduziu à instauração de um exclusivismo estatal. Entretanto, para além dos extremos, forçoso é reconhecer que o matrimônio constitui uma realidade ostentando dois aspectos: o natural e o sobrenatural – em outras palavras, o contrato e o sacramento. A Igreja não ignora a realidade natural, mas age de forma diversa, conforme se trate de matrimônio dos católicos ou dos que a ela não pertencem (...) distingue, pois, entre os que estão sujeitos à forma canônica e os que não estão. Para os que estão sujeitos à forma canônica, o matrimônio civil é inexistente.<sup>268</sup>

O matrimônio civil surge num ambiente claramente hostil à Igreja, qual seja, a Revolução Francesa iniciada em 14 de julho de 1789. Em 1792, a Assembléia Constituinte afirma que o matrimônio civil é a única formalidade requerida para a união dos casais. Não se proíbe a cerimônia religiosa; mas também não se reconhece nenhum efeito legal para a mesma. A partir daqui o matrimônio civil se estende praticamente a todos os ordenamentos jurídicos dos Estados.

<sup>267</sup> SARMIENTO, Augusto. *Op. cit.*, p. 345.

<sup>268</sup> CAPPARELLI, Julio César. *Op. cit.*, p.31.

Pode também ocorrer a situação de que os casados civilmente se separem e venham a pedir o matrimônio com uma terceira pessoa. Neste caso, seria necessário romper o vínculo constituído pelo matrimônio civil, o que se faz através do divórcio. Sem contar que se devem recordar as obrigações de justiça decorrentes do matrimônio civil, tais como a manutenção dos filhos.<sup>269</sup>

Uma situação que ocorre muitas vezes em nossos dias é a solicitação para que um sacerdote, amigo ou familiar de um casal que vai unir-se pelo matrimônio civil, participe da festa do mesmo casamento e dê uma bênção aos noivos. Esse tipo de solicitação ocorre tanto por parte de pessoas solteiras que vão se unir apenas civilmente ou por parte de divorciados que vão casar-se novamente. Diante destas situações, cabe ao sacerdote avaliar e pesar as conseqüências até de sua presença física numa situação destas. Mais sério ainda seria dar uma bênção ao casal, o que claramente causaria escândalo, pois significaria que a Igreja, ou pelo menos aquele sacerdote que ali a representa, está apoiando este tipo de união meramente civil.

Em relação aos católicos unidos apenas pelo matrimônio civil, deve-se levar em conta na pastoral dois aspectos fundamentais apresentados na *Familiaris consorcio*. O primeiro deles é que esta situação não pode ser equiparada à dos casais que convivem sem nenhum vínculo. Com a união civil os casais demonstram, pelo menos, que tem certo compromisso público e estável, apesar da possibilidade do divórcio.

O segundo aspecto a se considerar pelos pastores é o de que esta situação não pode ser aceita pela Igreja visto que também é estranha à fé cristã. A solução será ver ao casal a necessidade de buscar o Sacramento do Matrimônio. Este faria com que a sua união civil, regular e estável, estivesse de acordo com os princípios cristãos. No fundo, o que se propõe é o mesmo que nas situações anteriores, ou seja, receber o matrimônio ou separar-se.<sup>270</sup>

#### 4.4.5 Os cuidados pastorais necessários à boa preparação do matrimônio

Sendo o Matrimônio uma instituição de direito natural e direito divino positivo e considerando o seu caráter de instituição fundamental para a organização da sociedade e a vida da pessoa humana, a Igreja sente a necessidade de empenhar esforços sempre crescentes para que os futuros casais sejam devidamente preparados para a celebração e para a vida matrimonial. E esta preocupação está presente no CIC de 1983, que considerou a visão pastoral do Vaticano II.

---

<sup>269</sup> SARMIENTO, Augusto. *Op. cit.*, p. 346.

<sup>270</sup> JOÃO PAULO II. Exortação Apostólica *Familiaris consorcio*, 82 e 92.

O código atual, herdeiro da ótica pastoral do Concílio Vaticano II, demonstra uma preocupação muito grande em relação ao matrimônio, logicamente não limitada ao ato da celebração, mas voltada para a preparação desta, como também para os problemas dos que já estejam casados. A crise do matrimônio e da família foi objeto de grave preocupação por parte dos Padres conciliares, tendo-se refletido na Constituição Pastoral *Gaudium et spes* (46-52).<sup>271</sup>

Para que tal preparação seja adequada, primeiro deve-se ter presente a necessidade de formação no seio da família. É pelo exemplo e o ensinamento oral de um casal estabelecido a partir do matrimônio que os filhos vão se preparar para, futuramente, também constituírem a sua família com base nos princípios do Evangelho. O problema é que hoje em dia se observa cada vez mais o extremo oposto do que foi dito: casais simplesmente unidos, casais unidos apenas pelo vínculo civil, casais recasados, mães solteiras, pais solteiros, filhos sem pai, mães com diversos filhos, cada um com pai diferente, casais homossexuais que querem o direito e adotar filhos, etc. Cada vez mais se abre o leque de opções ou de situações de vida familiar concreta que contrariam a dignidade do matrimônio e da família, fazendo com que os filhos destas relações não percebam o valor do sacramento.

Porém, além da preparação remota que se inicia no seio da família e continua na Igreja e na escola, os futuros casais devem iniciar sua preparação mais direta ao matrimônio através do noivado ou esponsais. É possível afirmar que os esponsais são um contrato preliminar ao matrimônio, do qual surge uma obrigação de celebrá-lo. Não significa, todavia, que não se possa, ou até não se deva, caso apareçam motivos, desfazer-se este noivado. Naturalmente, se por um ou mais motivos graves os noivos perceberem que o casamento futuro não será o melhor para eles, sem dúvida devem romper o compromisso.<sup>272</sup>

Os esponsais ou promessa de matrimônio é um contrato pelo qual uma ou ambas as partes de comprometem a contrair matrimônio. Pode ser unilateral ou bilateral, conforme uma ou ambas as partes prometerem matrimônio futuro.<sup>273</sup>

Foram numerosos os fatos que geraram a nova orientação da Igreja em relação aos esponsais, salientando entre elas o Concílio Vaticano II, a partir do qual todas as outras se desenrolaram. E estas novas orientações pastorais estão recolhidas no CIC. Este estabelece que os pastores de almas têm a obrigação de assistir os fiéis para que realizem o seu

<sup>271</sup> CAPPARELLI, Julio César. *Op. cit.*, p.38.

<sup>272</sup> LÓPEZ ALARCÓN, Mariano; NAVARRO-VALLS, Rafael. *Op. cit.*, p. 106-107.

<sup>273</sup> CIFUENTES, Rafael Llano. *Op. cit.*, p. 349.



matrimônio com espírito cristão e que, através desse sacramento, cheguem à perfeição a que todo batizado tende.<sup>274</sup>

O grande responsável por toda a organização da preparação do matrimônio é o bispo, enquanto cabeça da Igreja. Este deverá ser ajudado pelos presbíteros e leigos que tenham competência e experiência no assunto. Na prática pastoral, o pároco e o ministro que assistir ao matrimônio devem cuidar da devida preparação dos nubentes.

O cânon 1064 designa como responsável por toda essa ação e organização o Ordinário local. Situa-se o código numa posição intermediária entre duas opções possíveis: uma mais ampla, apóia-se na conferência episcopal; outra, mais restrita, no pároco. (...) O bispo é quem realiza essa tarefa, auxiliado por homens e mulheres de experiência e competência comprovadas. Nesse âmbito, compete aos leigos trazer sua contribuição específica e insubstituível.<sup>275</sup>

Também faz parte da preparação para o matrimônio a preparação doutrinal e catequética e o empenho para que os noivos tenham recebido todos os sacramentos da iniciação cristã (batismo, crisma e eucaristia). Caso não os tenham recebidos todos, deve sugerir que os mesmos precedam à celebração do matrimônio, bem como a confissão sacramental que os ajudará muito na recepção dos frutos do sacramento. Caso um dos noivos se negue de forma veemente a receber esses sacramentos, deve-se questionar a incongruência dessa atitude com o desejo de receber o matrimônio.<sup>276</sup>

Não se pode omitir como parte fundamental da preparação imediata à celebração do matrimônio, o Processo de Habilitação Matrimonial, que tem por fim averiguar se os noivos estão devidamente preparados e possuem todas as condições necessárias para realizar o matrimônio. Assim, estarão celebrando um matrimônio válido e lícito. Este processo deve ser acompanhado pessoalmente pelo pároco, o qual, atendendo à exigência do direito canônico, deve entrevistar os noivos e realizar os proclamas matrimoniais.

A preparação imediata para a celebração também pressupõe a consideração de aspectos jurídicos de inquestionável importância. O objetivo proposto é esboçado na norma genérica do cânon 1066: “Antes da celebração do matrimônio, deve constar que nada impede a sua válida e lícita celebração”. (...) O Código outorga à conferência episcopal a autoridade legislativa e, ao pároco, a missão de levar a cabo a investigação. O cânon 1067 delega à conferência episcopal a decisão, sob dois aspectos: a) o exame dos noivos, b) os proclamas matrimoniais.<sup>277</sup>

<sup>274</sup> CIC, cânon 1063.

<sup>275</sup> CAPPARELLI, Julio César. *Op. cit.*, p. 40.

<sup>276</sup> *Ibidem*, p. 41.

<sup>277</sup> *Ibidem*.

A entrevista com os noivos, feita pelo pároco no início do processo de preparação para a celebração litúrgica do matrimônio, bem como a publicação da intenção de casamento por parte dos noivos, são dois aspectos que se harmonizam e complementam. Esta oportunidade, bem como os encontros em grupo para preparação do matrimônio (“curso de noivos”), devem oportunizar o mútuo conhecimento do pároco com os candidatos ao matrimônio, facilitando o diálogo entre ambas as partes e favorecendo que o pároco saliente aspectos que julga mais importante em cada caso.

Essas ações, que se complementam e harmonizam, são dois aspectos de uma única atividade pastoral, é tarefa que compete ao Ordinário local (cânon 1064). Na medida em que os encontros de preparação imediata possam se fazer com um reduzido número de noivos e se dê ocasião ao diálogo, o conhecimento da problemática concreta será maior, sendo esse o aspecto por onde o pároco, ao efetuar a investigação que lhe cabe, poderá aprofundar-se em todos os aspectos de maior importância, detendo-se em cada caso particular.<sup>278</sup>

A séria e devida preparação ao matrimônio, tanto por parte dos noivos como da instituição eclesial, certamente seria um dos fatores que ajudaria a evitar o crescente número de ações de declaração de nulidade matrimonial em nossos tribunais eclesiais. E pior do que isso, é o fato de que, em sua maioria absoluta, chegam os juizes à conclusão de que aqueles matrimônios são verdadeiramente nulos.

A investigação prévia, feita de forma apropriada e responsável, tende a assegurar a ausência de impedimentos e a manifestação de um consentimento autêntico e livre. Muitos males poderão ser evitados caso esse aspecto não seja descuidado, mas assumido com seriedade. Dessa maneira, o aspecto jurídico põe-se a serviço da preocupação pastoral: objetiva-se, por esse meio, não apenas uma celebração válida, mas especialmente a estabilidade da própria vida conjugal.<sup>279</sup>

Assim, viu-se que a necessária preparação para o matrimônio, a partir do conhecimento razoável de seus aspectos doutrinários leva a uma celebração litúrgica lícita e válida, feita na forma canônica, a qual tenderá a gerar uma vida matrimonial estável a partir da recepção desse sacramento.

---

<sup>278</sup> CAPPARELLI, Júlio César. *Op. cit.*, p.42

<sup>279</sup> *Ibidem.*

## CONCLUSÃO

Na presente pesquisa pretendeu-se desenvolver o tema da relação esponsal entre Cristo e a Igreja como paradigma do Sacramento do Matrimônio, especialmente a partir da perícope de Ef 5,21-33, texto do Novo Testamento que inspira essa dissertação. Para tal, buscou-se fundamentação em outras passagens da Sagrada Escritura, nos Padres da Igreja e no Magistério Eclesiástico, para que, no fim, se apresentasse a reflexão teológica.

Destarte, no primeiro capítulo deste trabalho viu-se que o ser humano, feito à imagem e semelhança de Deus, une em sua pessoa o material e o espiritual. Assim, já representa em si mesmo a união entre a humanidade e a divindade. Adão e Eva, primeiro homem e primeira mulher, primeiro casal humano, preparam, antecipam e prefiguram a relação entre Cristo e a Igreja como Esposo e Esposa.

Jesus Cristo apresenta seu ensinamento acerca do matrimônio começando a citar o Gênesis. Ele elevou o matrimônio natural à condição de Sacramento, recordando que, desde a criação do mundo, o matrimônio é querido pelo Criador com estas características intrínsecas da unidade e da indissolubilidade. Por esta razão, não cabe a nenhuma autoridade humana o poder de mudar estes elementos essenciais.<sup>280</sup>

Ainda no primeiro capítulo apresentou-se a figura de Abraão, homem escolhido por Deus para ser o “pai de muitos povos”, com o qual Deus fez aliança para fundar o seu povo eleito. Assim, Abraão é também uma figura da esposa com a qual Deus faz aliança, representando, em si mesmo, a união esponsal de Deus com todo o povo.

Na seqüência, foi exposta uma breve exegese de diversos textos do Antigo e do Novo Testamento, nos quais a esponsalidade entre Deus e o seu povo está presente de forma clara ou velada. O primeiro texto estudado foi o livro do Cântico dos Cânticos, um conjunto de poesias que cantam “o amado” e “a amada”, figuras representativas de Deus e do Povo de Israel em sua união nupcial. Também representa a união de Cristo com a Igreja no Novo Testamento, sendo este um texto muito marcante na teologia batismal da Igreja primitiva, na qual os catecúmenos, recitavam partes de seus poemas.

Em seguida, passou-se ao estudo do Salmo 44, outro texto da literatura sapiencial de caráter esponsal. Consiste em um poema feito para um rei guerreiro no dia de seu casamento. Nos primeiros versos, exalta os seus grandes feitos militares, para depois passar a falar da sua futura esposa com toda a sua beleza e esplendor. Igualmente trata-se de um canto prefigurativo da figura do Messias, representado pelo rei, e da Igreja, representada na Esposa.

---

<sup>280</sup> “Por isso, o homem deixará o pai e a mãe e se unirá á sua mulher, e eles serão uma só carne. Assim, já não são dois, mas uma só carne.” Mt 19, 5.

Ao iniciar o estudo dos textos do Novo Testamento que tratam da união esponsal Cristo-Igreja, apresentou-se dois momentos fundamentais da vida de Jesus onde esta união nupcial aparece. O primeiro destes momentos é a encarnação, quando a divindade do Verbo une-se à carne gerada pelo Espírito Santo no seio de Maria, realizando, na própria Pessoa do Salvador feito homem a união definitiva entre o divino e o humano.

O segundo momento importante na vida de Cristo em que se manifesta a sua união matrimonial com a Igreja e toda a humanidade é no seu mistério pascal de paixão, morte e ressurreição. Como afirmará Paulo, Cristo amou a Igreja e morreu por ela na cruz com o fim de santificá-la, assim como o marido deve fazer com sua esposa.

O texto apresentado como seguimento foi o de Efésios 5, 21-33, o qual é a inspiração fundamental para esta dissertação. Nesta perícopes, conhecida como “códigos domésticos”, Paulo trata de como devem ser estabelecidas as relações dentro das famílias cristãs, especialmente entre marido e esposa, tomando como exemplo a relação de amor esponsal de Cristo com a Igreja.

O apóstolo modifica as relações que existiam nas famílias de inspiração romana, na qual o homem era o *pater familias*, uma espécie de senhor de toda a casa ao qual deviam estar submissos a esposa e os filhos tanto quanto os escravos. E esta modificação apresentada por ele se fundamenta exatamente na figura de Cristo como modelo do esposo. Prega a mútua submissão por amor e no amor e coloca a união esponsal entre Cristo e a Igreja como modelo para o Sacramento do Matrimônio.

No fim do capítulo 1, foram apresentados três textos do Apocalipse de São João que falam de visões do apóstolo que tem relação com a esponsalidade Cristo Igreja. O primeiro texto é o de Ap 12, 1-6, no qual a mulher descrita é identificada com Maria e com a Igreja.

Depois, apresentou-se o texto de Ap 19, 5-8, que fala da proximidade das núpcias do Cordeiro, que representa Cristo, com sua noiva, a Igreja. Afirma que esta noiva já está preparada com as vestes nupciais, aguardando seu esposo.

Por fim, aprofunda-se o sentido de Ap 21, especialmente nos versículos 1-2.9-10, os quais fazem menção à noiva e à esposa do Cordeiro, a Jerusalém Celeste, que desce do céu repleta de glória, vestida como uma esposa se veste para o esposo.

No segundo capítulo, apresentou-se o ensinamento da eclesiologia patrística acerca da esponsalidade da união entre Cristo e a Igreja. Nele, viu-se que os Santos Padres apresentaram a Igreja como a Esposa Imaculada do Cordeiro, pela qual ele se entregou. Além

disso, apresentam o Sacramento do Matrimônio como uma expressão deste amor que gera a unidade e a indissolubilidade para o casal humano, assim, como há entre Cristo e a Igreja.

No capítulo terceiro, apresentaram-se alguns elementos da doutrina ensinada pelo Magistério Eclesiástico a respeito do matrimônio, o qual expressa de forma visível a união nupcial entre Cristo e a Igreja. Iniciou-se com os cânones do Concílio Tridentino que tratam do Sacramento do Matrimônio. Nestes, o Concílio recorda que, pelo vínculo matrimonial, homem e mulher se unem com uma união única e indissolúvel. Por sua paixão e morte de cruz, o Jesus dá eficácia aos sacramentos, confirma a unidade indissolúvel e concede aos cônjuges a santificação através do matrimônio, assim como ele mesmo fez pela Igreja, sua esposa.

Depois, passou-se ao Concílio Vaticano II, na Constituição Pastoral sobre a Igreja no Mundo Contemporâneo *Gaudium et spes*. Nela, os padres conciliares recordam que o matrimônio é uma comunidade de toda vida e de amor entre os cônjuges, orientado por normas próprias, tendo seu início marcado pelo consentimento livre e consciente de ambas as partes. Esse consentimento gera um contrato que não pode ser dissolvido por nenhuma autoridade, sendo revestido de um caráter de publicidade, ou seja, que suscita interesse em toda sociedade, não apenas nos cônjuges nos filhos.

Em seguida, apresentaram-se diversos documentos do papa João Paulo II, nos quais ele trata da união matrimonial como expressão da união Cristo Igreja. Percebeu-se a preocupação do pontífice com a questão matrimonial e familiar, tão atacada na sociedade hodierna e igualmente tão defendida por ele como instituição divina.

Conclui-se o terceiro capítulo com a Carta Encíclica *Deus caritas est*, de Bento XVI, o qual recorda a unidade e indissolubilidade do matrimônio como elementos naturais, não como imposição. Estes elementos são frutos do verdadeiro amor geram uma união que é imagem do amor de Deus pelo seu povo e, no Novo Testamento, do amor de Cristo pela Igreja.

No quarto capítulo, a partir das idéias expostas nos seus precedentes, buscou-se apresentar a realidade do matrimônio hoje como instituição, salientando sua sacramentalidade, a qual encontra sua raiz exatamente na relação sponsal entre Cristo e a Igreja. A Sacramento do Matrimônio é um sacramento exatamente porque foi instituído por Jesus, recebeu sua eficácia pelo sangue de Jesus derramado na cruz e expressa a relação deste com a Igreja.

No mesmo capítulo quatro apresentaram-se alguns aspectos canônicos relativos à sacramentalidade do matrimônio, os quais foram expressos especialmente pelo estudo dos

cânones 1055-1057, que definem o matrimônio canônico como uma comunhão de toda vida, entre varão e mulher, destinado à união do casal e à geração e educação da prole.

Depois, analisaram-se alguns textos dos livros litúrgicos que se relacionam com o matrimônio, ou seja, o Ritual do Matrimônio e o Ritual de Bênçãos. Destes concluiu-se que as orações e outros textos litúrgicos ligados ao matrimônio se enraízam justamente em sua sacramentalidade pela manifestação que é da união Cristo- Igreja,

Tratou-se também de alguns aspectos pastorais relativos à realidade das famílias constituídas sem o Sacramento do Matrimônio, situação cada vez mais comum nos tempos atuais. Por fim, apresentou-se alguns aspectos necessários para a preparação de uma celebração canônica e litúrgica do matrimônio dotada de licitude e validade, a qual tenderá a formar casais e famílias estáveis.

Portanto, do conjunto desta dissertação, podemos apresentar as seguintes conclusões pontuais:

1. O matrimônio foi querido por Deus como união natural entre o homem e a mulher desde a criação do mundo.
2. De igual forma, desde a criação o matrimônio é dotado das características fundamentais da unidade e da indissolubilidade.
3. Desde o princípio, o matrimônio possui o duplo fim da felicidade do casal e da geração e educação da prole.
4. Em sua Pessoa, Jesus Cristo leva à plenitude a união de Deus com o homem, reunindo de forma perfeita a divindade à humanidade.
5. Jesus Cristo elevou o matrimônio natural à condição de sacramento.
6. A relação existente entre Cristo e a Igreja é de caráter nupcial, fundamentada no amor de Deus pelo seu Povo.
7. A eclesiologia patrística salientou a imagem da Igreja enquanto esposa de Cristo a partir de alguns textos da Sagrada Escritura.
8. O Magistério Eclesiástico recente fez o mesmo, tanto no Concílio Vaticano II (GS e LG), como nos ensinamentos de João Paulo II e Bento XVI.
9. A raiz da sacramentalidade do matrimônio cristão encontra-se exatamente na união esponsal Cristo-Igreja.
10. Portanto, o Sacramento do Matrimônio é uma expressão da relação esponsal Cristo-Igreja.

## BIBLIOGRAFIA

ABAD IBÁÑEZ, José Antonio. *La eclesiología eucarística en el umbral del tercer milênio*. Burgos: Facultad de Teología del Norte de España, 1999.

ADNÈS, Pierre. *Il matrimonio*. Roma: Desclée, 1986.

AGOSTINHO, Santo. *Dos bens do matrimônio, a santa virgindade, dos bens da viuvez, cartas a Proba e a Juliana*. São Paulo: Paulus, 2000.

\_\_\_\_\_. *Comentários aos Salmo*. São Paulo: Paulus, 1997.

AGUIRRE MONASTERIO, Rafael. *La Iglesia del Nuevo Testamento y preconstantiniana*. Madrid: Fundación Santa María, 1984

ALTANER, Berthold. STUIBER, Alfred. *Patrologia. Vida, Obras e Doutrina dos Padres da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1972.

ALVAREZ-SUÁREZ, Aniano. *Eclesiología fundamental*. Burgos: Aldecoa, 1990.

AMBRÓSIO, Santo. *Os sacramentos e os mistérios*. Petrópolis, Vozes, 2001.

AMSLER, S. *Os Profetas e os Livros Proféticos*. São Paulo: Paulinas, 1992.

ANCIAUX, Paul. *Le Sacrement du Mariage*. Louvain: Nauwelaerts, 1961.

ARNAU-GARCIA, Ramón. *Tratado general de los sacramentos*. 3.ed. Madrid: BAC, 2001.

ANTÓN, Angel. *El misterio de la Iglesia: evolución histórica de las ideas eclesiológicas*. Madrid: Editorial Católica, 1986-

BACHELADENSKI, Carlos Luiz. *A eclesiologia ministerial do Concílio Vaticano II*. Teocomunicação, v.32, n.136, 2002 p. 277-299.

BALSANZA, Giovanni. *La grazia del sacramento del matrimonio*. Roma: Centro Liturgico Vicenziano, 1993.

BENTO XVI. *Carta Encíclica Deus caritas est*. São Paulo: Paulinas, 2006.

BERNARDI, José. *Eclesiologia de comunhão em Optato de Milevo: sentido eclesiológico da categoria communio no primeiro tratado católico sobre o donatismo*. Roma, 1999.

BIANCHI, Paolo. *Quando o Matrimônio é Nulo?* São Paulo: Paulinas, 2003.

BÍBLIA. Português. *A Bíblia de Jerusalém*. Nova edição rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2002.

BOISSARD, E. *Questions théologiques sur le mariage*. Paris: Cerf, 1948.

BONETTI, Roberto. *Cristo Sposo della chiesa Sposa sorgente e modello della spiritualità coniugale e familiare*. Roma: Cidade Nova, 1997.

BRAATEN, Carl E. ; JENSON, Robert W. *Dogmática Cristã*. São Leopoldo: Sinodal, 1990.

BROWN, Raymond Edward, *La comunidad del discípulo amado: estudio de la eclesiología juánica*. Salamanca: Sígueme, 1987.

BUENO DE LA FUENTE, Eloy. *Eclesiología*. Madrid: BAC, 2001.

\_\_\_\_\_. *Eclesiología dogmática*. Burgos: Aldecoa, 1991.

BUJANDA, Jesus. *Manual de Teología Dogmática*. Madrid: Razón y Fé, 1941.

CADILHAC, Jean. *Por que amar a igreja?* Aparecida: Santuário, 1998.

CAFFAREL. Henri. *El Matrimonio, esse Gran Sacramento*. Madrid: Euroamérica, 1965.

CAPARELLI, Julio César. *Manual sobre o matrimônio no Direito Canônico*. São Paulo: Paulinas, 2004.

CARREZ, Maurice et alii. *As Cartas de Paulo, Tiago, Pedro e Judas*. São Paulo: Paulinas, 1995.

CARRODEGUA NIETO, Celestino. *La Sacramentalidad del Matrimonio. Doctrina de Tomás Sanchez*. Madrid: Universidad Pontificia de Comillas, 2003.

CATECISMO da Igreja Católica. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Loyola, 1993.

CENALMOR, Daniel; MIRAS, Jorge. *El Derecho de la Iglesia. Curso básico de Derecho canónico*. Pamplona: EUNSA, 2005.

CIFUENTES, Rafael Llano. *Novo Direito Matrimonial Canônico*. 2ª edição revisada e atualizada. Rio de Janeiro: Marques Saraiva, 2000.

CODIGO DE DERECHO CANONICO. Edicion bilingüe e anotada. 5ª edicion revisada y actualizada. Pamplona: EUNSA, 1992.

COLZANI, Gianni. *La comunión de los santos: unidad de cristología e eclesiología*. Santander: Sal Terrae, 1986.

Concílio Ecumênico Vaticano II. *Lumen gentium*. Constituição Dogmática sobre a Igreja.

\_\_\_\_\_. *Gaudium et spes*. Constituição Pastoral sobre a Igreja.

CÓDIGO de Direito Canônico. Promulgado por João Paulo II, Papa. São Paulo, Loyola, 2001.



COMISIÓN TEOLÓGICA INTERNACIONAL. *Documentos*. 1969-1996 Vientecinco años de servicio a la teología de la Iglesia. Edición preparada por Cândido Pozo. Madrid: BAC, 1998.

CONGAR, Yves M. J. *"Ele é o Senhor e dá a vida"*. São Paulo: Paulinas, 2005.

\_\_\_\_\_. *Introdução do Mistério da Igreja*. São Paulo: Herder, 1966.

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Declaração Persona humana*.

CORSINI, Eugênio. *O Apocalipse de São João*. 2a ed. São Paulo: Paulinas, 1994.

CROATO, José Severino. *Isaías, a palavra profética e sua releitura hermenêutica. Volume III: 56-66 A UTOPIA DA NOVA CRIAÇÃO. Comentário Bíblico AT*. Petrópolis: Vozes, 2002.

DANIELOU, Jean. *Sacramentum futuri*. Paris: Beauchesne, 1980.

DATTRINO, Lorenzo. *Il Matrimonio secondo Agostino: Contratto, Sacramento & casi umani*. Milano: Ares, 1995.

DE LA FUENTE, Eloy Bueno. *Eclesiologia*. Madrid: BAC, 2001.

DENZINGER, Heinrich, HÜNERMANN, Peter. *El Magisterio de la Iglesia. Enchiridion Symbolorum Definitionum et Declarationum de Rebus Fidei et Morum*. Barcelona: Herder, 1999.

DIANICH, Severino. *La Iglesia extrovertida: investigación sobre el cambio de la eclesiología contemporânea*. Salamanca : Sígueme, 1991.

\_\_\_\_\_. *La Iglesia en misión : hacia una eclesiología dinâmica*. Salamanca: Sígueme, 1988.

DICIONÁRIO de Patrística e Antiguidades Cristãs. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulus, 2002.

DIAS PETERSON, Ricardo. *La vocación al matrimonio*. Madrid: Studium, 1968.

DOMÍNGUEZ BALAGUER, Ramón. *La eclesiología sponsal en el Evangelio según San Juan: a la luz del Cantar de los Cantares*. Valencia: Edicep, 2004.

DROBNER, Hubertus R. *Manual de Patrología*. Barcelona: Herder, 2001.

DUQUOC, Christian. *Creo en la Iglesia: precariedad institucional y reino de Dios*. Santander: Sal Terrae, 1981.

ESQUERDA BIFET, Jean. *Caminar en el amor*. Madrid: Atenas, 1985.

ESTRADA, Juan Antonio. *La eclesiología del Vaticano II*. Madrid: Ediciones SM, 1995.

\_\_\_\_\_. *La espiritualidad de los laicos: en una eclesiología de comunión*. Madrid: San Pablo, 1997.

- FABRIS, Rinaldo. *As Cartas de Paulo III*. São Paulo: Loyola, 1992.
- FELICIANI, Giorgio. *As Bases do Direito da Igreja*. São Paulo: Paulina, 1994.
- FÉRET, H.M. *O Apocalipse de São João. Visão Cristã da História*. São Paulo: Paulinas, 1992.
- FERNANDEZ RODRIGUEZ, Pedro. *A las Fuentes de la Sacramentología Cristiana: la Humanidad de Cristo en la Iglesia*. Madrid: EDIBESA, 2004.
- FLÓREZ, Gonzalo. *Matrimonio y Familia*. Madrid: BAC, 1995.
- FORTE, Bruno. *La chiesa, icona della Trinità: breve ecclesiologia*. 2ed. Brescia, Queriniana, 1985.
- FORTE, Bruno. *Introdução aos Sacramentos*. São Paulo: Paulus, 1996.
- \_\_\_\_\_. *La Chiesa icona della Trinità. Breve ecclesiologia*. Brescia: Queriniana, 1984.
- GALEANO, Adolfo. *La iglesia y su reforma segun Y. Congar: una eclesiología precursora del Vaticano II*. Bogotá: Univ. de San Buenaventura, 1991.
- GALLOT, Jean. *Il misterio della chiamata*. Roma: Rogate, 1979.
- \_\_\_\_\_. *Nuestro Padre, que es amor: Manual de Teología sobre Dios Padre*. Salamanca: Secretariado Trinitario, 2005.
- GARCIA DE HARO, R. *Matrimônio & Famiglia nei documenti del magisterio*. Milão: Ares, 2000.
- GARCÍA EXTREMEÑO, Claudio. *Eclesiologia: comunión de vida y misión del mundo*. Salamanca: San Esteban, 1999.
- GARCIA PAREDES, José Cristo Rey. *Teología fundamental de los sacramentos*. Madrid: San Pablo, 1991.
- GIL HELLIN, Francesco. *Il matrimonio e la vita coniugale*. Roma: Vaticana, 1996.
- GOFFI, Theodor. *Spiritualità familiare*. Roma: Sales, 1968.
- GOMES, Cirilo Folch. *Antologia dos Santos Padres*. São Paulo: Paulinas, 1979.
- GONZÁLEZ DEL VALLE, José Maria, *Derecho Canonico Matrimonial*. 8ª ed. Pamplona: EUNSA, 1999.
- GREGÓRIO DE NISSA, São. *Sur les titres des Psaumes*. Paris: CERF, 2004.
- GRINGS, Dadeus. *A Sacramentalidade do Matrimônio*. Teocomunicação, v. 16, n. 74, 1986, p. 10-16.

GUILLET, Jacques. *De Jesus aos sacramentos*. São Paulo: Paulinas, 1991.

GUTIERREZ CONDE, Alfonso. *Educación para el sacramento del matrimonio*. Los Teques: ISSFE, 1991.

GUTIERREZ, Jose Luis. *Estudios sobre la organización jerárquica de la Iglesia*. Pamplona : EUNSA, c1987.

HACKMANN, Geraldo Luiz Borges. *A amada Igreja de Jesus Cristo*. Porto Alegre: EDPUCRS, 2000.

\_\_\_\_\_. *Como reconhecer a verdadeira igreja? Breve estudo sobre as notas da igreja*. Teocomunicação, v.24, n.103, 1994, 1994. p.47-68.

\_\_\_\_\_. *Comunidade de vida fundamentada no matrimônio: é o projeto de Deus para as famílias*. Teocomunicação, v.33, n.141, 2003, 2003. p. 700-712.

HAMANN, A.-G. *A vida cotidiana dos primeiros cristãos: 95-197*. São Paulo: Paulus, 1997.

\_\_\_\_\_. *Os Padres da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1980.

HERVADA, Javier. *Uma caro. Escritos sobre el matrimonio*. Pamplona: EUNSA, 2000.

\_\_\_\_\_. *Diálogos sobre el amor e matrimonio*. 2ªed. Pamplona: EUNSA, 1975.

HUBARD, David A. *Oséias, introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1993.

HUBER, Sigfrido. *Los Santos Padres. sinopsis desde los tiempos apostólicos asta el siglo sexto*. Buenos Aires: Desclée, 1946.

INSUELAS, João Baptista Lourenço. *Curso de patrologia: história da literatura antiga da Igreja*. Braga: São José, 1943.

JOÃO PAULO II. *Bula Pontifícia Incarnationis mysterium*.

\_\_\_\_\_. *Carta Apostólica Tertio millennio adveniente*.

\_\_\_\_\_. *Carta Apostólica Novo millennio Ineunte*.

\_\_\_\_\_. *Carta às Famílias*.

\_\_\_\_\_. *Carta Encíclica Dominum et vivificante*.

\_\_\_\_\_. *Creo em la Iglesia. Catequesis sobre el Credo*.

\_\_\_\_\_. *Exortação Aposólica Familiaris consórcio*.

KASPER, Walter. *Teologia do Matrimônio Cristão*. São Paulo: Paulinas, 1993.

- KEENER, Craig S. *Comentário Bíblico Atos: Novo Testamento*. Belo Horizonte: Atos, 2004.
- KEHL, Medard. *La Iglesia : eclesiología católica*. Salamanca: Sígueme, 1996.
- KELLY, George Anthony. *Manual del Matrimonio Católico*. México, Trillas, 1961.
- KLOPENBURG, Boaventura, Frei. *Minha Igreja*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- KUNRAT, Pedro Alberto. *Trindade, Eucaristia, Igreja : o mistério da comunhão nos escritos de Max Thurian e Jean-Marie Roger Tillard*. Roma: Pontificia Universitas Gregoriana, 1999.
- \_\_\_\_\_. *A igreja eucarística, eclesiologia eucarística entre a lex orandi/lex credenti*. Teocomunicação, v.32, n.138, 2002, 2002. p. 743-767.
- KOWALIK, Adam. *Direito Canônico Familiar – Perspectivas*. Santa Maria: Biblos Editora, 2003.
- LARRABE, Jose Luis. *El Matrimonio Cristiano y la Familia*. Madrid: BAC 1988.
- LARROCHE, Michel Philippe. *Uma só carne: a aventura mística do casal*. Aparecida: Santuário, 1985.
- LEAL, D. *On marriage as vocation*. Cambridge: Grove, 1996.
- LEAHY, Brendan. *El principio mariano en la eclesiología de Hans Urs von Balthasar*. Madrid: Ciudad Nueva, 2002.
- LECLERQ, Jacques. *Matrimonio Natural y Matrimônio Cristiano*. Barcelona: HERDER, 1967.
- LOHFINK, Gerhard. *Necesita dios la iglesia?: teología del pueblo de Dios*. Madrid: San Pablo, 1999.
- LÓPEZ-ALARCÓN, Mariano e NAVARRO-VALLS, Rafael. *Curso de Derecho Matrimonial Canónico y Concordado*. 6ª edición. Madrid: Tecnos, 2001.
- LOSADA ESPINOSA, Joaquín. *Distintas imágenes de la Iglesia*. Madrid: Santa María, 1984.
- LUBAC, Hanry de. *Meditazione sulla Chiesa, in Opera Omnia*, vol, VII, Milano: Paoline, 1979.
- MADRID, Teodoro C. *La iglesia católica según San Agustín: compendio de eclesiología*. Madrid: Rev. Agustiniana, 1994.
- MANCA, Giuseppe. *La Grazia. Dialogo di comunione*. Milão: São Paulo, 1997.
- MARTINEZ DE ANTOÑANA, Gregório. *Manual de Sacramentos y Sacramentales segun el Ritual Romano y el manual toledano*. Madrid: Coculsa, 1959.

MARZOA, A.; MIRAS, J.; RODRÍGUES-OCAÑA, R. (coord.). *Comentario Exegético al Código de Derecho Canónico*. Volume III-2. Pamplona: EUNSA, 1997.

MASUERO, Livio. *Igreja, mistério e comunhão repercussões da eclesiologia conciliar na iniciação cristã dos adultos*. Porto Alegre, 2003.

MATTHEEUWS, A. *Les dons du mariage*. Bruxelas: Culture et Verite, 1996.

MISSAL ROMANO, restaurado por decreto do sagrado Concílio Ecumênico Vaticano II e promulgado pela autoridade do papa Paulo VI, tradução portuguesa da 2ª edição típica para o Brasil, realizada e publicada pela CNBB com acréscimos aprovados pela Sé Apostólica. São Paulo: Paulus, 1992.

MOLINA, Diego M. *La vera Sposa de Christo : la primera eclesiología de la Compañía de Jesús - los tratados eclesiológicos de los jesuitas anteriores a Berlarmino*. Granada: Facultad de Teología, 2003.

MOIOLI, G. *Spiritualità coniugale*. Brescia: Queriniana, 1975.

MOLTMANN, Jürgen. *La Iglesia, fuerza del Espíritu: Hacia una eclesiología mesiánica*. Salamanca: Sígueme, 1978.

MONTAGNINI, Francesco. *Lettera agli Efesini*. Brescia: Queriniana, 1994.

MOTTA, Susana Alves da. *A Eclesiologia do sacramento do matrimônio*. Teocomunicação, v.27, n.115,1997, p.77-85 .

NODARI, Paulo César. *Introdução à eclesiologia católica no limiar do terceiro milênio*. Teocomunicação, v.31, n.131, 2001, p. 71-95.

OTT, Ludwig. *Manual de Teología Dogmática*. Barcelona: Herder, 1960.

OCARIZ, Fernando et alii. *El Misterio de Jesucristo*. Pamplona: EUNSA, 2001.

PADOVESE, Luigi. *Introdução à teologia patrística*. São Paulo: Loyola, 1999.

PAGANO FERNÁNDEZ, Pablo María. *Espíritu Santo. Epiclesis. Iglesia: aportes a la eclesiología eucarística*. Salamanca: Secretariado Trinitario, 1998.

PAGÉS VIDAL, Francisco. *Espiritualidad matrimonial*. Bilbao: Desclée de Brouwer, 1965.

PATTARO, Gerome. *Gli sponsi del Signore*. Bologna: Dehoniana, 1979.

PELETIER, Anne Marie. *O Cântico dos Cânticos*. São Paulo: Paulus, 1995.

PENNA, Ricardo. *La lettera agli Efesini*. Bologna: Dehoniane, 1988.

PEQUE, M. Martinez. *El Espíritu Santo y el matrimonio a partir del Vaticano II*. Roma: Antoniano, 1990.

PÉREZ ARANGÜENA, José Ramón. *La Iglesia. Iniciación a la Eclesiología*. Madrid: Palabra, 1998.

PHILIPS, Gerard. *La Chiesa, e il suo misterio, testo e commento della Lumen gentium*. Milão: Jaca Book, 1975.

PIÉ-NINOT, Salvador. *Introducción a la ecclesiología*. Estella: Verbo Divino, 1995.

PIEPKE, Joaquim G. *A igreja voltada para o homem: ecclesiologia do povo de Deus no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1989.

PIO XII. Carta Encíclica *Mystici Corporis*.

PLAMPIN, Richard T. *Jeremias, seu ministério, sua mensagem*. Rio de Janeiro: JUERP, 1987.

PRIGENT, Pierre. *O Apocalipse*. São Paulo: Loyola, 1993.

QUASTEN, Johannes. *Patrología I*. Volumes 1-3. Madrid: BAC, 1978.

RATZINGER, Joseph. *Iglesia, ecumenismo y política: nuevos ensayos de ecclesiología*. Madrid: Editorial Católica, 1987.

RIGAL, Jean. *Descubrir la Iglesia: iniciación a la ecclesiología*. Salamanca: Secretariado Trinitario, 2001.

RINCÓN-PEREZ, Tomás. *El matrimonio cristiano : sacramento de la creación y de la redención*. Pamplona: EUNSA, 1997.

\_\_\_\_\_. *La Sacramentalidad del Matrimônio y su Expresión Canónica*. Madrid: RIALP, 2001.

RÍO MARTÍN, Juan del. *Santidad y pecado en la iglesia : (hacia una Ecclesiología de San Juan de Ávila)*, Córdoba: Monte de Piedad y Caja de Ahorros, 1986.

RITUAL DE BÊNÇÃOS, conforme o Ritual Romano, restaurado por decreto do Concílio Ecumênico Vaticano II e promulgado pela autoridade de João Paulo II, São Paulo: Paulinas; Petrópolis: Vozes, 1990.

RITUAL DO MATRIMÔNIO. Tradução portuguesa para o Brasil da segunda edição típica, conforme o Ritual Romano restaurado por decreto do Concílio Ecumênico Vaticano II e promulgado pela autoridade de João Paulo II. São Paulo: Paulus, 1993.

ROCCHETA, Carlo. *Os sacramentos da fé*. São Paulo: Paulinas, 1991.

\_\_\_\_\_. *Il sacramento della coppia*. Bologna: EDB, 1996.

RODRÍGUEZ, Pedro (director). *Eclesiología: 30 años después de "Lumen Gentium": Pueblo de Dios, Cuerpo de Cristo, Templo del Espíritu Santo, Sacramento, Comunión*. Madrid: Rialp, 1994.

RODRIGUES NETO, José. *O casal humano, sacramento de aliança*. São Paulo: Paulinas, 2000.

ROSATO, Philip J. *Introdução à Teologia dos Sacramentos*. São Paulo: Loyola, 1999.

ROWLAND, Chris. *Casamento: um sacramento para toda a vida*. Aparecida : Santuário, 1998

RUFFINI, E. *Linee di teologia del matrimonio*. In *Prezenza Pastorale* 45, 1975, pp. 589-608.

SABUGAL, Santos. *Iglesia de Dios : hacia una ecclesiología servicial*. Zamora: Montecasino, 1987.

SÁNCHEZ MONGE, Manuel. *Eclesiología: la Iglesia, misterio de comunión y misión*. Barcelona: Atenas, 1994.

SANTOS, Manoel Augusto dos. *O Primado Pontifício*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 1997.

SARMIENTO, Augusto. *El Matrimonio Cristiano*. Pamplona: EUNSA, 1997.

\_\_\_\_\_. *Il matrimonio, sacramento y e vocazione* .In *Romana*, n. 8, 1989, pp. 169-176.

SAYÉS, José Antonio. *La Iglesia de Cristo: curso de ecclesiología*. Madrid: Palabra, 1999.

SCARPAZZA, Benedeto. *Questo ministero è grande*. Leumann: Elle Di Ci, 1990.

SCHILLER, H. Commentario teologico del Nuovo Testamento. *La Lettera agli Efesini*. Brescia: Paideia: 1973.

SCHMAUS, Michael. *A Fé da Igreja*. Volume V – A Igreja. 2.Caráter Sacramental da Igreja. Petrópolis: Vozes, 1980.

SCHNEIDER, Theodor (org.). *Manual de Dogmática. Volume II*.Petrópolis: Vozes, 2001.

SCHÖKEL, Luís Alonso e CARNITI, Cecília. *Salmos I (Salmos 1-72)*.São Paulo: Paulus, 1999.

SCHÖKEL, Luís Alonso; SICRE DIAS, J.L. *Profetas II. Coleção Grande Comentário Bíblico*. São Paulo: Paulinas, 1991.

\_\_\_\_\_. *Profetas I. Coleção Grande Comentário Bíblico*. São Paulo: Paulinas, 1988.

SEMERARO, Marcello. *Misterio, comunión y misión: Manual de ecclesiología*. Salamanca : Secretariado Trinitario, 2004.

- SICRE DÍAZ, José Luis. *Jesús y la iglesia*. Madrid: Fundación Santa María, 1984.
- SILANES, Nereo. *A la Trinita por los Sacramentos*. Salamanca: Secretariado Trinitario, 1967.
- STADELMANN, I.L. *Cântico dos Cânticos*. São Paulo, Loyola, 1993.
- STREFLING, Sérgio Ricardo. A eclesiologia conciliarista de Marsílio de Pádua. *Teocomunicação*, v.30, n.127, 2000, p. 59-74.
- TETTAMANZI, Dionigi. *Il ministero coniugale*. Roma: A.V.E., 1978.
- TILLARD, Jean Marie Roger. *Iglesia de Iglesias: eclesiología de comunión*. Salamanca: Sígueme, 1999.
- TREVIJANO, Ramón. *Patrología*. Madrid: BAC, 2001.
- USEROS, Manuel. *La Iglesia, novedad contemporánea : iniciación a la eclesiología del Vaticano II*. Bilbao: Mensajero, 1967.
- VAN DE KAMP, Peter W. *O Profeta Isaías*. São Leopoldo: Sinodal, 1987.
- VELASCO, Rufino. *A igreja de Jesus: processo histórico de consciência*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- VILADRICH, P.J. *El consentimiento matrimonial*. Pamplona: EUNSA, 1998.
- VON BALTAZAR, Hans Urs. *La Messa è um sacrificio della Chiesa?*. Brescia: Morcelliana, 1983.
- \_\_\_\_\_. *Verbum caro*. Brescia: Morcelliana, 1985.
- \_\_\_\_\_. *Vocazione*. Roma: Rogate, 1981.
- WEISER, Artur. *Os Salmos*. São Paulo: Paulus, 1994.
- WERBICK, Jürgen. *La chiesa : un progetto ecclesiologicalo per lo studio e per la prassi*. Brescia: Queriniana, 1998.
- WOSTYN, Lode L. *Iglesia y misión hoy: ensayo de eclesiología*. Estella: Verbo Divino, 1992.
- ZILLES, Urbano. *Introdução à Teologia dos Sacramentos*. *Teocomunicação*, v. 23, n.99, 1993, p. 91-116.
- \_\_\_\_\_. *Os Sacramentos da Igreja Católica*. Porto Alegre: EDPUCRS, 1995.